U.S. MARSHALS a continuação de *O Fugitivo* chega aos cinemas

SET

5633

EDITORA AZUL

ISSN 0104-1592

Maio, 1998 - Ed. 131 - Ano 12 - Nº 5 - R$ 5,70

james cameron

paul newman

sharon stone

jeff bridges

peter fonda

clint eastwood

emma thompson

woody allen

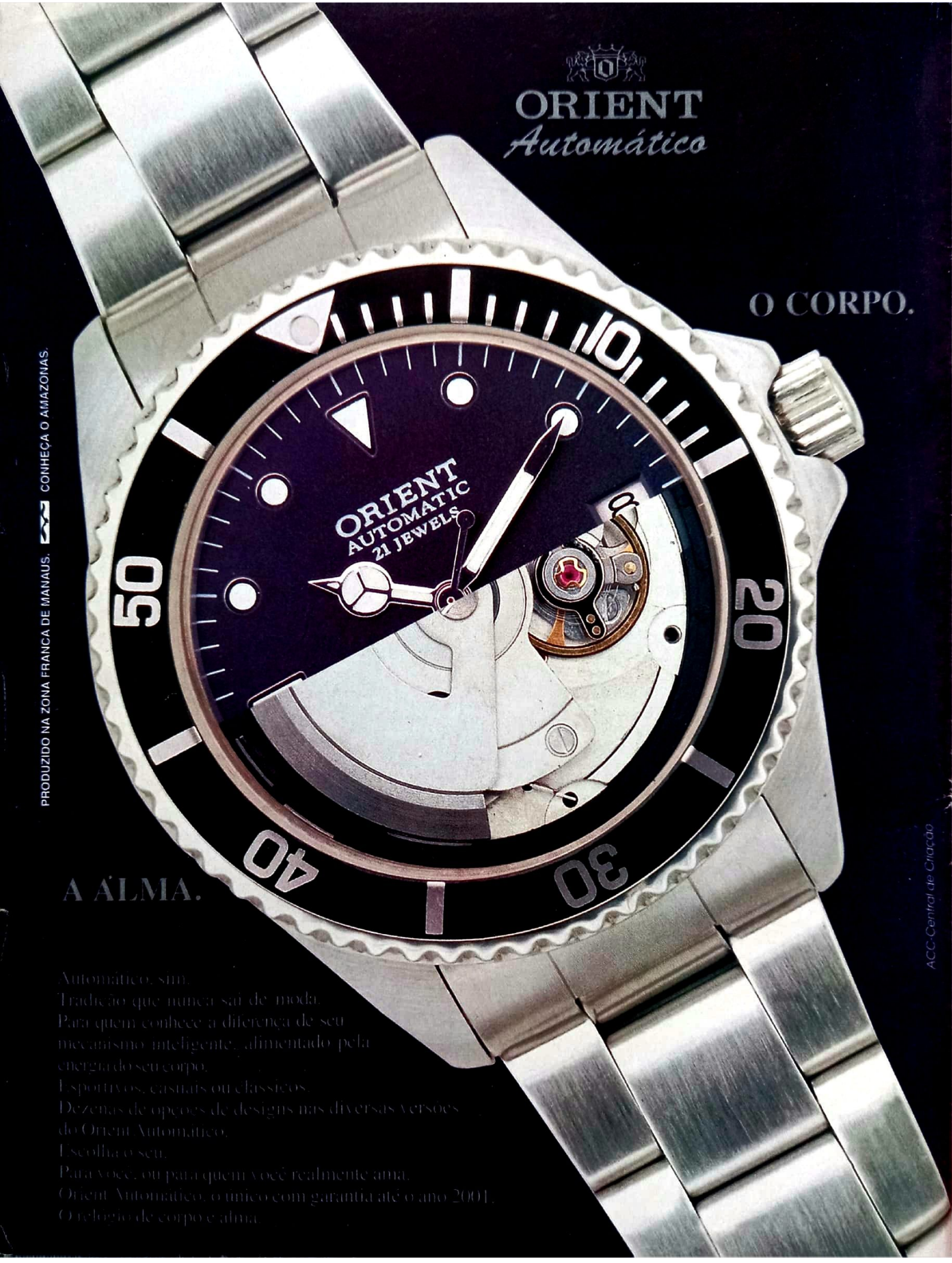
matt damon & ben affleck

Os amigos de infância que viraram a dupla mais quente de Hollywood

especial **entrevista**

ORIENT
Automático

O CORPO.



A ALMA.

Automático, sim.
Tradição que nunca sai de moda.
Para quem conhece a diferença de seu mecanismo inteligente, alimentado pela energia do seu corpo.
Esportivos, casuais ou clássicos.
Dezenas de opções de designs nas diversas versões do Orient Automático.
Escolha o seu.
Para você, ou para quem você realmente ama.
Orient Automático, o único com garantia até o ano 2001.
O relógio de corpo e alma.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA O AMAZONAS.

ACC-Central de Criação

em CARTAZ

Os principais filmes dos cinemas este mês

U.S. MARSHALS – OS FEDERAIS Anos depois de ter capturado o médico Richard Kimble, o agente federal Sam Gerard (Tommy Lee Jones) é encarregado de sair em busca de outro fugitivo – um ex-espião do governo (Wesley Snipes), que pode estar envolvido numa conspiração. Direção de Stuart Baird.

MEDIDAS DESESPERADAS Um policial está em busca de um doador de medula para seu filho, e encontra num psicopata o homem ideal. O criminoso, por sua vez, vê na cirurgia a oportunidade para escapar, obrigando o policial a caçá-lo no hospital – e, ironicamente, proteger sua vida, para que o garoto tenha uma chance de viver. Com Andy Garcia e Michael Keaton.

OSCAR E LUCINDA Na metade do século 19, o padre Oscar (Ralph Fiennes) envolve-se com a milionária Lucinda (Cate Blanchett). Dona de uma fábrica de vidro, ela sonha construir uma igreja e transportá-la para o deserto australiano. Os dois acabam se apaixonando.

JACKIE BROWN Depois de meses de atraso, chega às telas o novo filme de Quentin Tarantino. Com um ritmo menos frenético que o de *Pulp Fiction*, Quentin coloca Pam Grier, Samuel L. Jackson e Robert De Niro em conflito – e o prêmio são 500 mil dólares.

BOOGIE NIGHTS O jovem diretor Paul Thomas Anderson prova seu imenso talento neste drama que acompanha a trajetória de um astro do cinema pornô, durante os anos 70. O filme rendeu indicações ao Oscar para Burt Reynolds e para Julianne Moore.

CENTRAL DO BRASIL A professora aposentada Dora, que ganha a vida escrevendo cartas para analfabetos na maior estação ferroviária do Rio de Janeiro, é levada a acompanhar um garoto órfão até o interior do Nordeste em busca de seu pai. Premiado filme de Walter Salles, com Fernanda Montenegro.

IMPACTO PROFUNDO Quando é descoberto um meteoro em rota de colisão com a Terra, os EUA decidem construir um abrigo subterrâneo para abrigar as pessoas que irão garantir a sobrevivência da humanidade. Ao mesmo tempo, russos e americanos se lançam ao espaço para destruir o corpo celeste. Direção de Mimi Leder.

O FIM DA VIOLÊNCIA O produtor de Hollywood Mike Max, que ficou milionário com uma violenta série de filmes de ação, é raptado. Ele consegue fugir, e encontra refúgio com uma família de imigrantes. Enquanto isso, o policial que investiga o caso se apaixona pela atriz principal da última produção de Max. Novo filme do diretor Win Wenders, com Bill Pullman, Andie MacDowell e Gabriel Byrne.

A TRIBO DOS KRIPPENDORF O antropólogo James Krippendorf é contratado para encontrar uma tribo perdida. Ao retornar para casa sem nenhum resultado e frustrado, ele simplesmente inventa uma tribo, disfarça seus filhos de selvagens e os filma como prova da sua descoberta. Com Richard Dreyfuss.

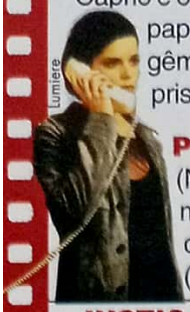
SUA MAJESTADE, MRS. BROWN Deprimida após a morte do marido, a rainha Vitória (Judi Dench) decide viver em reclusão, contando apenas com a companhia de seu cavalariço, John Brown (Billy Connolly). Mas a amizade dá início a um escândalo.

→

em CARTAZ

UIP

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO Leonardo Di Caprio é o protagonista desta aventura, na qual interpreta dois papéis: o tirânico rei da França, Luís 14, e seu irmão gêmeo, que está preso a mando do rei. Para libertar o prisioneiro, os três mosqueteiros voltam a se reunir.


Lumiere

PÂNICO 2 Depois do massacre em sua cidade natal, a jovem Sidney (Neve Campbell) vai morar em uma universidade. Mas um assassino mascarado passa a matar estudantes no campus, e a jovem – ao lado da repórter Gale Weathers (Courteney Cox) e do ex-policial Dewey (David Arquette) – é obrigada a desvendar o mistério para não morrer.

JUSTIÇA VERMELHA Durante uma conferência realizada na China, um advogado é acusado de assassinato e preso por um regime que pode condená-lo à pena de morte. Sua única esperança é uma advogada chinesa, disposta a arriscar sua vida para libertar um homem inocente. Com Richard Gere e Bai Ling.

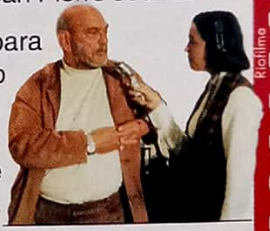
UIP

POLICARPO QUARESMA, HERÓI DO BRASIL No final do século passado, Policarpo Quaresma é um nacionalista radical que, após propor ao presidente a mudança do idioma nacional para o tupi-guarani, é preso num sanatório e cria uma enorme confusão. Com Paulo José e Giulia Gam.

Fox

ALIEN – A RESSURREIÇÃO Sigourney Weaver está de volta como a tenente Ripley no quarto filme da série *Alien*. Desta vez, ela é um clone que combate as ferozes criaturas ao lado de um grupo de mercenários. Com Winona Ryder e Ron Perlman. A direção é do francês Jean Pierre Jeunet.

BOLEIROS Amigos reúnem-se em uma mesa de bar para compartilhar alegrias e tristezas do passado e presente do futebol paulistano. Há o caso, entre outros, do jogador aposentado que está em crise financeira, o do garoto de rua que é um talento nato e o da mulher de um jogador que exige a pensão do filho. Ugo Georgetti (de *Sábado*) dirige.


Riofilme

Warner

MERA COINCIDÊNCIA Quando o presidente americano se envolve num escândalo, um de seus consultores contrata um produtor de cinema para criar uma fictícia guerra com a Albânia e transmiti-la em cadeia nacional. Sátira política de Barry Levinson, com Dustin Hoffman e Robert De Niro.

ASSASSINOS SUBSTITUTOS O assassino profissional John Lee se recusa a cumprir um último contrato com seu empregador e passa a ser perseguido por outros matadores. Para ajudá-lo – e impedir que sua família seja prejudicada – ele conta com uma falsificadora. Estréia americana do chinês Chow Yun Fat, que divide a cena com Mira Sorvino.

Columbia TriStar

Fox

POWER RANGERS 2 Os Power Rangers voltam à tela para combater um pirata espacial determinado a libertar um monstro que pode destruir o planeta. Para isso, eles contam com novas armas, equipamentos e espaço-naves – ao mesmo tempo em que encontram o novo Ranger Azul. A direção é de Shuki Levy e David Winning.

HOMENS ARMADOS Depois da morte de sua mulher, um médico decide visitar seus ex-alunos, que trabalham num paupérrimo vilarejo. Mas, quando descobre que um deles foi morto por guerrilheiros, ele decide lutar pela causa política dos habitantes do lugar. Escrito e dirigido por John Sayles, de *Lone Star*.

GRANDES ESPERANÇAS O romance de Charles Dickens é transposto para os dias de hoje nesta adaptação dirigida por Alfonso Cuarón. Ethan Hawke é o garoto pobre que se apaixona por uma menina rica (Gwyneth Paltrow) e faz de tudo para conquistá-la.

Fox

Leia mais sobre alguns destes filmes nesta edição

NESTA edição

Na Capa:
Matt Damon (Gamma)

13 SET ENTREVISTA
Entre novatos como Matt Damon e veteranos como Paul Newman, dez grandes nomes do cinema explicam sua vida e sua carreira com as próprias palavras, sem intermediários

14 JAMES CAMERON
"Quando falo que o cinema é uma guerra, quero dizer que devemos pagar por ela em dinheiro, não em sangue"

20 MATT DAMON & BEN AFFLECK
"Ben e eu estávamos tão por baixo que não conseguíamos pegar nem cadeia, quanto mais emprego"

26 WOODY ALLEN
"Não entendo nem os homens nem as mulheres melhor do que quando era jovem. Não fiz muito progresso com nenhum dos sexos"

32 SHARON STONE
"Fazer quarenta anos foi ótimo. Me sinto uma quarentona desde o dia em que nasci"

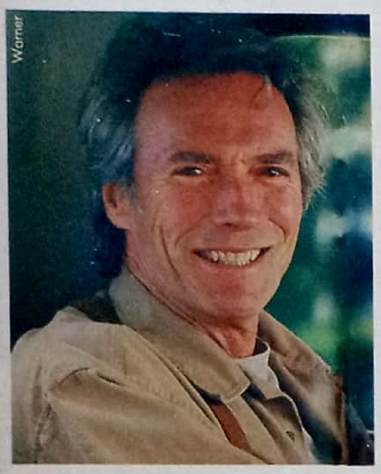
36 CLINT EASTWOOD
"Mesmo as pessoas que dizem coisas boas sobre você podem estar erradas – nunca se sabe"

40 EMMA THOMPSON & MAMÃE
"Ninguém perde tantas chaves de hotel quanto minha mãe. Da próxima vez, vou arrumar meu próprio kit de arrombadora"

44 JEFF BRIDGES
"Meu personagem em *The Big Lebowski* passa tanto tempo chapado que, para representá-lo, eu poderia simplesmente ter fumado do início ao fim das filmagens"

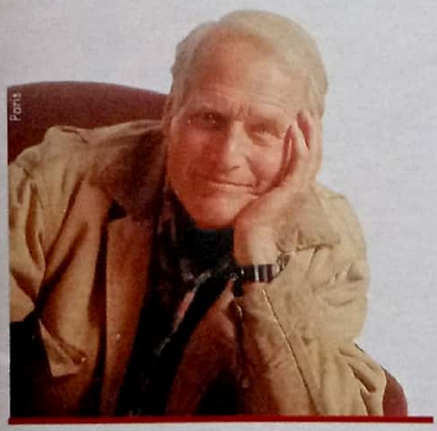
48 PETER FONDA
"Desde pequeno falo demais. Minha irmã Jane sempre disse que eu não sei esconder nada"

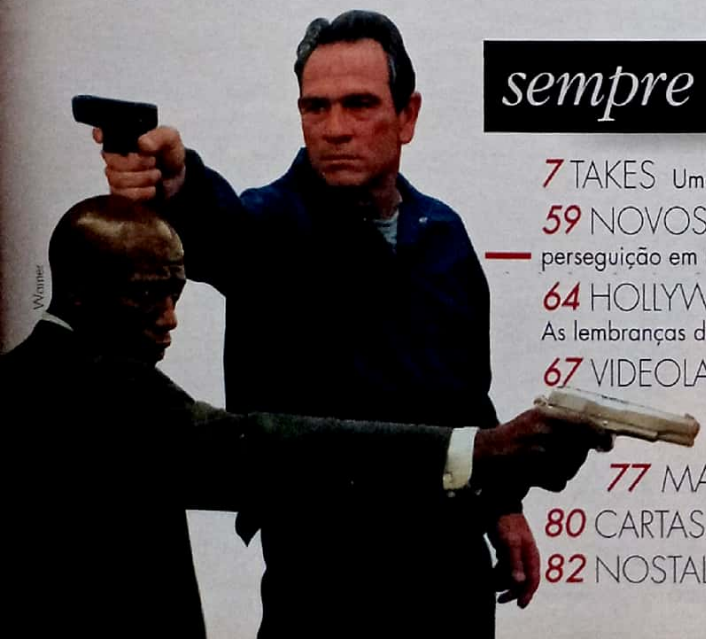
52 PAUL NEWMAN
"Já tentei usar lentes de contato castanhas, mas sou alérgico. Quando pedem para ver meus olhos digo que, se eu tirar os óculos, minhas calças caem"


Warner

Gamma

CK


Paris


Warner

sempre em SET

7 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

59 NOVOS FILMES Tommy Lee Jones comanda a perseguição em *U.S. Marshals*, a continuação de *O Fugitivo*

64 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

67 VIDEOLANÇAMENTOS Chega às locadoras *Los Angeles – Cidade Proibida*, o melhor policial dos últimos tempos

77 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

80 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

82 NOSTALGIA Uma imagem para guardar

Warner

"Para Mim Não Existe Nada Melhor que Escutar Uma Boa Viola ao Lado de Quem Eu Gosto"

Antônio Carlos Trindade Filho, empresário, e Maria Clara Dias Lopes, estudante, assinantes do CMT

Desde pequeno, o Antônio Carlos tinha um sonho: uma casa no campo. E não precisava ser muito grande não, desde que fosse confortável para viver com a sua amada. Uma casa perfeita, que pudesse receber bem os amigos. Aqueles em que ele sabe que pode confiar, que gostam de jogar conversa fora e de escutar o tipo de música preferida pelo Antônio: a do interior. E pensar que o nosso amigo conseguiu realizar esse sonho em plena cidade grande. Todo dia, escuta uma boa moda de viola ao lado da Maria Clara, sua namorada. E de pessoas como Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano.

E quem imagina que ele só recebe violeiros e duplas sertanejas brasileiras está muito enganado. O Antônio costuma também reunir músicos dos Estados Unidos! Na casa desse sortudo, o melhor da música *country* americana divide espaço com a nossa música sertaneja. Tudo graças ao CMT - COUNTRY MUSIC TELEVISION, que é o canal preferido por onze entre dez ouvintes da música do interior.

CMT faz parte da vida do Antônio Carlos. Com o CMT, a TV dele, e de milhares de outros amantes do campo, se transforma no maior show de música *country* do mundo. Videoclipes, entrevistas, apresentações ao vivo, rodeios. A trilha sonora do mundo dos vaqueiros e dos *cowboys* está no COUNTRY MUSIC TELEVISION.

CMT faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem só empinou pipa no ventilador, só jogou bolinha de gude no carpete e o mais próximo que chegou do gado foi quando abriu um pacote de leite longa-vida.

Faz parte da vida de quem assiste TV - além do CMT - COUNTRY MUSIC TELEVISION, a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROM's, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

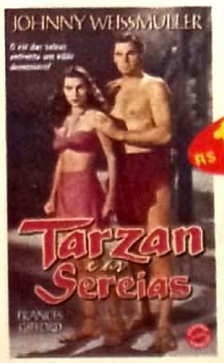
veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV

Guia Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS

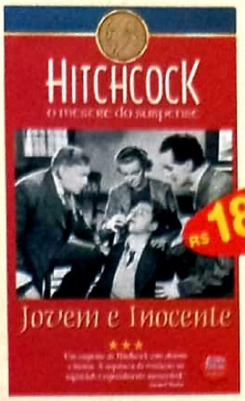
HBO BRASIL · Ação Games · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · AD Arte e Decoração · UNIVERSO ONLINE · Terra · EURO CHANNEL

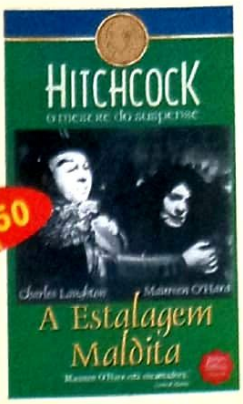
CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

ALFRED HITCHCOCK



R$ 18,50 CADA





R$ 18,50 CADA

AGORA MAZZAROPI EM SELL-THRU

R$ 19,80

R$ 17,90

R$ 16,50 CADA

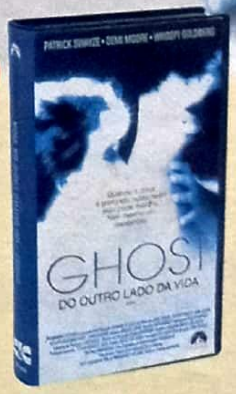
R$ 25,50 CADA

GHOST
DO OUTRO LADO DA VIDA

R$ 14,80

R$ 25,50 CADA

R$ 25,50 CADA



LANÇAMENTOS DO MÊS

* Preços não estão inclusos o valor do sedex

Av. Sumaré,1744
Tel:(011) 3872-4912
todos os dias até meia-noite
Estacionamento Próprio
São-Paulo-SP

Av. Cidade Jardim,1000
Tel:(011) 813-7546
todos os dias até meia-noite
Estacionamento Próprio
São-Paulo-SP

Av. Paulista,726
Tel: (011)288-4788
De segunda á sábado
até 21;00Hs
São-Paulo-SP

videoteca

WWW.2001video.com.br - E-mail -2001video@2001video.com.br

ENVIAMOS PARA TODO BRASIL VIA SEDEX - ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TAKES

Mulan: fábula oriental que aposta na emoção

Columbia/Buena Vista

A Bug's Life: insetos digitais

O CAMUNDONGO CONTRA-ATACA

Com um par de projetos ambiciosos para 1998, a Disney promete retomar seu lugar como o mais respeitado estúdio de animação do cinema

Durante a primeira metade da década de 90, a Disney – ilustre residência do camundongo Mickey – reinou absoluta no campo da animação. O fantasma do fracasso, que andava rondando o estúdio nos anos 80, deu lugar a críticas favoráveis e bilheterias milionárias. Mas algo desandou depois de *O Rei Leão*, de 1994, e de *Toy Story*, a divertida aventura criada em computador e lançada no ano seguinte: os filmes da Disney começaram a perder a empatia com o público. Ao mesmo tempo em que a bilheteria de produções como *O Corcunda de Notre-Dame* e *Hércules* terminava bem abaixo do que os executivos esperavam, outros estúdios começavam a incomodar o reinado da Disney. Primeiro foi a Fox, que lançou o belo *Anastasia*. A Warner e a DreamWorks estão com *Quest for Camelot* e *The Prince of Egypt* prontinhos para arrasar nas telas gringas. E como fica a Disney?

O contra-ataque do tradicional estúdio é uma garotinha chinesa chamada Mulan. Baseado numa bela fábula oriental, e com as vozes de Ming-Na Wen e Eddie Murphy, *Mulan* aposta na emoção (o que funcionou com *O Rei Leão*) e num trailer fabuloso. As primeiras exibições do filme receberam aplausos entusiasmados, o que pode indicar uma bela carreira nos cinemas americanos – *Mulan* será lançado mês que vem. Mas a grande surpresa da Disney chega no final do ano. É *A Bug's Life*, o segundo filme produzido em conjunto com o estúdio Pixar, responsável por *Toy Story*. Com um elenco liderado por Kevin Spacey, ele mostra a disputa de poder entre formigas e outros insetos, no que está sendo descrito como uma mistura de (uau!) *Os Sete Samurais* com o documentário *Microcosmos*. Até que se prove o contrário, no reino da animação o camundongo Mickey ainda é o dono da coroa.■

TAKES

Kaufman e Carrey: biografia

Divulgação

MAN ON THE MOON
PONTO PARA JIM CARREY

Não é de estranhar que Jim Carrey – cada vez mais determinado a ser um ator sério – tenha ficado com o papel do comediante Andy Kaufman na biografia *Man on the Moon*, que será filmada por Milos Forman. Mas os rivais que ele deixou comendo poeira são de cair o queixo. Para escolher seu protagonista, Forman pediu aos interessados que mandassem uma fita de teste, mostrando como interpretariam o alucinado Kaufman – astro da série de televisão *Taxi* –, que foi vítima de um câncer de pulmão em 1984. John Cusack, Edward Norton e Kevin Spacey correram no páreo, mas foram preteridos em favor do astro de *O Máskara*. Melhor para Carrey, que vai dividir a cena com Danny DeVito – não por coincidência, parceiro de Kaufman na TV.

Espantalho: belo visual num curta brazuca

ESPANTALHO
ANIMAÇÃO NACIONAL CHEGA ÀS TELAS

A animação brasileira ganha novo fôlego com *Espantalho*, um curta de dez minutos de duração, colorizado e finalizado com o auxílio de computadores, que deve chegar em breve aos cinemas de todo o país. *Espantalho* é, acima de tudo, fruto da dedicação do jovem diretor Alê Abreu, que passou os últimos quatro anos debruçado sobre pranchetas e computadores para dar vida à história de uma menina cujas descobertas se confundem com as lembranças de uma senhora. O curta combina desenhos e fotografias, foi filmado em 35 mm e musicado pelo premiado Egberto Gismonti. Agora é só esperar e conferir.

Reprodução

A PERGUNTA

"O que você achou do desempenho de Dustin Hoffman em *Mera Coincidência*?"

A RESPOSTA

"Ele estava usando os meus óculos, as minhas roupas e até o meu corte de cabelo. Estou magnífico no filme!"

Do lendário produtor **Robert Evans**, *sobre o personagem que Dustin Hoffman descaradamente baseou nele*

THE MOD SQUAD
MAIS VELHARIA RECICLADA

Não é tão cedo que Hollywood vai se cansar de transformar velhas séries de televisão em prováveis arrasa-quarteirões. O próximo da lista é *The Mod Squad*, um clássico do final da década de 60, que mostrava um trio de delinqüentes juvenis transformados em policiais que operavam disfarçados. Claire Danes, a estrela da nova versão de *Romeu e Julieta*, foi a primeira a garantir seu lugar no filme, que começa a ser rodado ainda este mês. Se a moda pega no Brasil, quem sabe a gente vai poder ver as novas aventuras do *Vigilante Rodoviário* na telona?

Divulgação

Claire: de volta ao passado em *The Mod Squad*

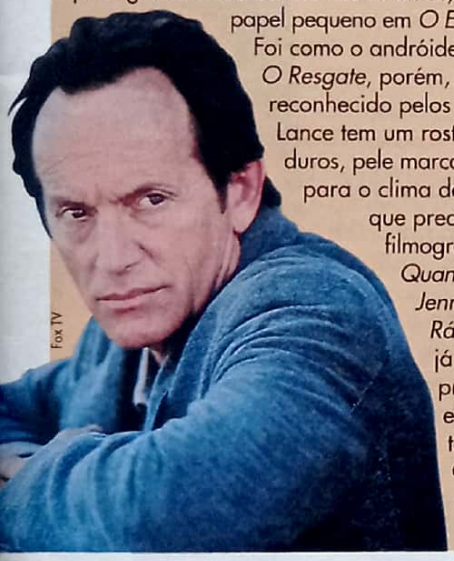
SUPERMAN REBORN
NOVIDADES PARA O HOMEM DE AÇO

A Warner está decidida a iniciar as filmagens de *Superman Reborn* durante o verão americano, mesmo que ninguém ainda tenha se comprometido a participar da superprodução (sem trocadilhos) dirigida por Tim Burton. Além do eterno boato que coloca Nicolas Cage no papel do Homem de Aço, o premiado Kevin Spacey pode ser escolhido para interpretar um dos vilões do filme – o maquiavélico Lex Luthor ou o bizarro alienígena Brainiac. Enquanto isso, o comediante Chris Rock, que está deixando os engravatados da Warner bastante satisfeitos com sua atuação em *Máquina Mortífera 4*, pode ficar com o papel de Jimmy Olsen, o amigo do Super-Homem. *Superman Reborn* deve chegar aos cinemas gringos no meio do ano que vem.

COMO É MESMO O NOME DELE?

LANCE HENRIKSEN
ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Lance Henriksen é um rosto familiar para todo fanático por filmes fantásticos que se preze. Não apenas por protagonizar a série *Millennium*, criação da mente sombria de Chris Carter (o mesmo de *Arquivo X*), mas por ter participado de alguns dos mais importantes filmes de terror e de ficção do cinema. Ex-aluno do Actors Studio, uma das mais conceituadas escolas de interpretação dos Estados Unidos, Lance até participou de filmes nada fantasiosos, como *Um Dia de Cão* e *Rede de Intrigas* – ambos de Sidney Lumet –, mas conseguiu chamar a atenção da crítica americana em *Os Eleitos*, no papel do astronauta Wally Schirra. Este taurino nascido em Nova York há 58 anos descobriu sua vocação para o cinema fantástico em 1977, quando participou do clássico *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Amigo íntimo de James Cameron, Lance protagonizou sua estréia nos cinemas, *Piranha 2*, e teve um papel pequeno em *O Exterminador do Futuro*. Foi como o andróide Bishop de *Aliens – O Resgate*, porém, que ele passou a ser reconhecido pelos amantes do gênero. Lance tem um rosto comprido, de traços duros, pele marcada e olhos frios, ideal para o clima de mistério e violência que predomina em sua filmografia, com títulos como *Quando Chega a Escuridão*, *Jennifer 8*, *O Alvo* e *Rápida e Mortal*. Mas já provou que não está preso a esse universo: ele personificou o também linha-dura Charles Bronson num drama feito para a televisão.


Fox TV

Sygma

Kate: bela, talentosa e com o mundo a seus pés

MACAULAY CULKIN
A VOLTA DO MENINO-PRODÍGIO

Sygma

Macaulay: chega de férias

Depois do fracassado *Acertando as Contas com Papai* e dos problemas legais que o deixaram de molho desde 1994, o ex-astro mirim Macaulay Culkin se prepara para retornar aos cinemas. Ele deve fazer o drama *The Body Piercer*, mas não será mais o adorável moleque que se tornou o mais bem-sucedido ator infantil da história: aos dezessete anos, Mac fará seu primeiro papel adulto, envolvendo-se num amargo triângulo amoroso. Nada mais adequado para a nova imagem "madura" de Mac, que anunciou seu noivado no final de março.

KATE WINSLET
UMA FORÇA DA NATUREZA

Quatro anos de carreira no cinema. Duas indicações ao Oscar. E o maior fenômeno de bilheteria da história do cinema no currículo. Nada mau para uma inglesinha de 23 anos que começou a carreira dançando como um monstrinho para um comercial de cereais. Mas Kate Winslet fez por merecer. Com muito talento, ela conquistou o mundo ao lado de Leonardo DiCaprio em *Titanic* e, ainda assim, conseguiu se manter à margem dos grandes estúdios hollywoodianos. Seu próximo filme é o drama *Hideous Kinky*, uma produção independente ambientada no Marrocos, na qual ela interpreta uma jovem mãe hippie que conduz suas filhas numa jornada de descoberta espiritual.

TAKES

Los Angeles URGENTE

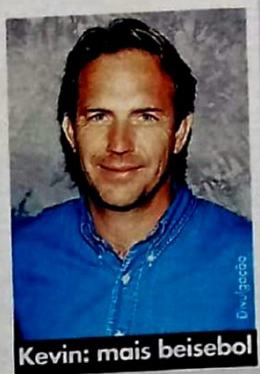
José Emilio Rondeau

URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE
Reprodução

★ Vem aí o ***director's cut de Titanic*** – a ser lançado em 1999, num caixote especial de laserdiscs. "Mas não espere uma versão de sete horas do filme", avisou o capitão James Cameron, ao confirmar a edição especial do épico multioscarizado. "Adicionaremos uns 20 minutos, enfatizando mais o lado histórico". No material inédito, mais cenas na sala do telégrafo, de botes salva-vidas, e pelo menos mais uma transição – daquelas que nos transportam do navio naufragado ao Titanic em seu total esplendor – de tirar o fôlego. ★ Conseqüência direta de seu Oscar de melhor atriz, o cachê de **Helen Hunt** na série de TV *Mad About You* disparou. Agora, ela ganha um milhão de dólares por episódio. ★ Deve ter sido praga de brasileiro: o motorista da limusine que levava o diretor holandês Mike Van Diem, premiado por seu ***Character***, à festa pós-Oscar da Sony, trocou as bolas e foi dar no restaurante errado. Para piorar as coisas, a limusine quebrou, e o holandês só conseguiu chegar à festa graças à carona de uma alma caridosa, que ficou com pena do homem bem-vestido e parado, de noite, na sarjeta de Beverly Hills, com um Oscar na mão. ★ Nem mesmo em pay-per-view os americanos devem ter chances de ver o ***Lolita*** de Adrian Lyne. O rótulo de "filme pedófilo" é tão maldito que até negociações recentes para passar o filme na DirecTV norte-americana – talvez a última cartada para lançá-lo nos Estados Unidos – fracassaram. Enquanto isso, *Lolita* passa, sem cortes, na Inglaterra. ★ **Kevin Costner**, massacrado recentemente pelo fracasso monumental de *O Mensageiro*, volta às raízes em *For the Love of the Game*, que virá a ser seu terceiro filme de beisebol.

Helen: estrela milionária

Lolita: vetado nos Estados Unidos



Kevin: mais beisebol

OS PREMIADOS

Filme
Titanic

Direção
James Cameron (*Titanic*)

Ator
Jack Nicholson (*Melhor É Impossível*)

Atriz
Helen Hunt (*Melhor É Impossível*)

Ator Coadjuvante
Robin Williams (*Gênio Indomável*)

Atriz Coadjuvante
Kim Basinger (*Los Angeles – Cidade Proibida*)

Roteiro Original ***Gênio Indomável***

Roteiro Adaptado ***Los Angeles – Cidade Proibida***

Filme Estrangeiro ***Character***

Fotografia ***Titanic***

Direção de Arte & Cenários ***Titanic***

Montagem ***Titanic***

Figurino ***Titanic***

Efeitos Especiais ***Titanic***

Efeitos Sonoros ***Titanic***

Som ***Titanic***

Maquiagem ***Homens de Preto***

Trilha Sonora – Musical ou Comédia ***Ou Tudo ou Nada***

Trilha Sonora – Drama ***Titanic***

Canção **"My Heart Will Go On" (*Titanic*)**

Curta-metragem ***Visas and Virtue***

Curta-metragem de Animação ***Geri's Game***

Documentário ***The Long Way Home***

Documentário – Curta ***A Story of Healing***

Cameron: o "rei do mundo" na noite do Oscar

Kim, Helen, Jack, Matt, Robin e Ben: com o careca na mão

OSCAR 98

O TRIUNFO DE TITANIC

Como já era de se esperar, o épico *Titanic* foi o grande vencedor do Oscar 98, que foi realizado em Los Angeles em 23 de março. O filme ganhou onze estatuetas, igualando a marca do clássico *Ben-Hur* como o filme mais premiado pela Academia em todos os tempos. O diretor James Cameron, que levou para casa três estatuetas (filme, direção e montagem), nem tentou disfarçar seu entusiasmo – e chegou até a cometer uma indelicadeza. Ao receber o prêmio de direção, ele subiu ao palco e disparou: "Não sei quanto a vocês, mas estou tendo uma noite maravilhosa". Em seguida, disse que não precisava agradecer a todos, já que boa parte de seus amigos havia sido indicada ou premiada. Minutos depois, Cameron voltou ao palco para receber o Oscar de melhor filme e foi mais educado, limitando-se a pedir alguns instantes de silêncio pelas centenas de pessoas que perderam a vida na tragédia do Titanic.

Mas a noite não foi apenas de Cameron. Matt Damon e Ben Affleck provaram que são mesmo apenas dois moleques no momento de agradecer pelo Oscar de roteiro original recebido por *Gênio Indomável*: os dois nem sequer sabiam por onde começar o discurso e atropelaram as palavras com seu entusiasmo infantil, como dois... moleques que acabam de ganhar um brinquedo novo. Já Burt Reynolds não conseguiu esconder a decepção por ter perdido o prêmio de coadjuvante para Robin Williams; Kim Basinger, emocionada com seu Oscar de coadjuvante por *Los Angeles – Cidade Proibida*, disse que gostaria de agradecer a cada uma das pessoas que conheceu durante sua vida.

A melhor surpresa da noite, porém, foi o Oscar honorário concedido ao cineasta Stanley Donen. Responsável pelo musical *Cantando na Chuva*, Donen, aos 74 anos, demonstrou uma vitalidade e um bom humor contagiantes – ou quase, já que a multidão presente ao Shrine Auditorium não se deu ao trabalho de espantar a preguiça e aplaudi-lo de pé. Que feio.

Fotos: Sipa Press

NÃO TÔ ENTENDENDO...

Fox

"Se não tivéssemos sido indicados ao Oscar principal, certamente teríamos uma chance no páreo de melhor filme estrangeiro."

De Tom Wilkinson, astro da comédia Ou Tudo ou Nada, *sobre a dificuldade de os americanos entenderem o carregado sotaque dos atores ingleses*

GEORGE LUCAS

O BOM PERDEDOR

George Lucas provou que não guarda nenhum ressentimento por seu *Guerra nas Estrelas* ter perdido a posição de maior bilheteria americana de todos os tempos para o épico *Titanic*, de James Cameron. Como prova disso, ele publicou um bem-humorado anúncio na *Variety* – a bíblia do cinema ianque –, dando os parabéns ao colega pelo sucesso. O próprio Cameron, porém, acredita que Lucas pode voltar ao topo do pódio quando seu *Star Wars: Episode 1* chegar às telas em maio do ano que vem.

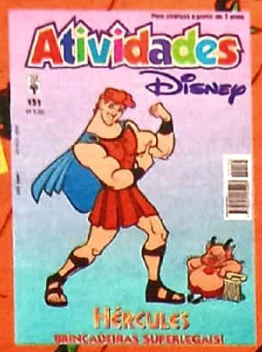
Reprodução

mais TAKES na pág. 77

ESSA PROMOÇÃO É IMPERDÍVEL!

Compre o filme Hércules
e ganhe uma revista
com várias brincadeiras

R$ 23,90
(cada)



R$ 24,90

Os Três Porquinhos

R$ 24,90

Aristogatas

R$ 24,90

Os Filhotes da Selva

R$ 24,90

Mogli o Menino Lobo

R$ 24,90

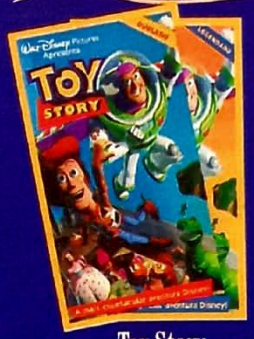
Volta ao Mundo com Timão e Pumba

OFERTA

R$ 24,90

Robin Hood

Jantando Fora com
Timão e Pumba - R$ 25,90



Toy Story
R$ 9,90

O Corcunda de Notre Dame
R$ 9,90

A Dama e o Vagabundo
R$ 25,90

R$ 24,90

101 Dálmatas

A Bela Adormecida
R$ 24,90

Oliver e sua Turma
R$ 25,90

Bernardo e Bianca
R$ 25,90

101 Dálmatas - O Filme
R$ 24,90

Gasparzinho
R$ 24,90

Entrego via Sedex, despesas por conta do destinatário.

Ofertas válidas enquanto durarem os estoques.

Faça já o seu pedido (011) 290 0811
E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br
Site: http://www.jointvideo.com.br

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290 0811

SET

entrevista

Não existe maneira melhor de conhecer uma pessoa do que pelas próprias palavras dela, reveladoras tanto no que dizem como no que tentam esconder. Por isso a SET achou que era hora de deixar que dez dos maiores nomes do cinema americano de hoje tomassem a iniciativa de descrever sua vida e sua carreira da forma como achassem melhor. Entre novatos e veteranos, astros, estrelas e diretores, eles dizem, em 43 páginas, o que pensam. E você tira as suas próprias conclusões.

james cameron

matt damon

ben affleck

woody allen

sharon stone

clint eastwood

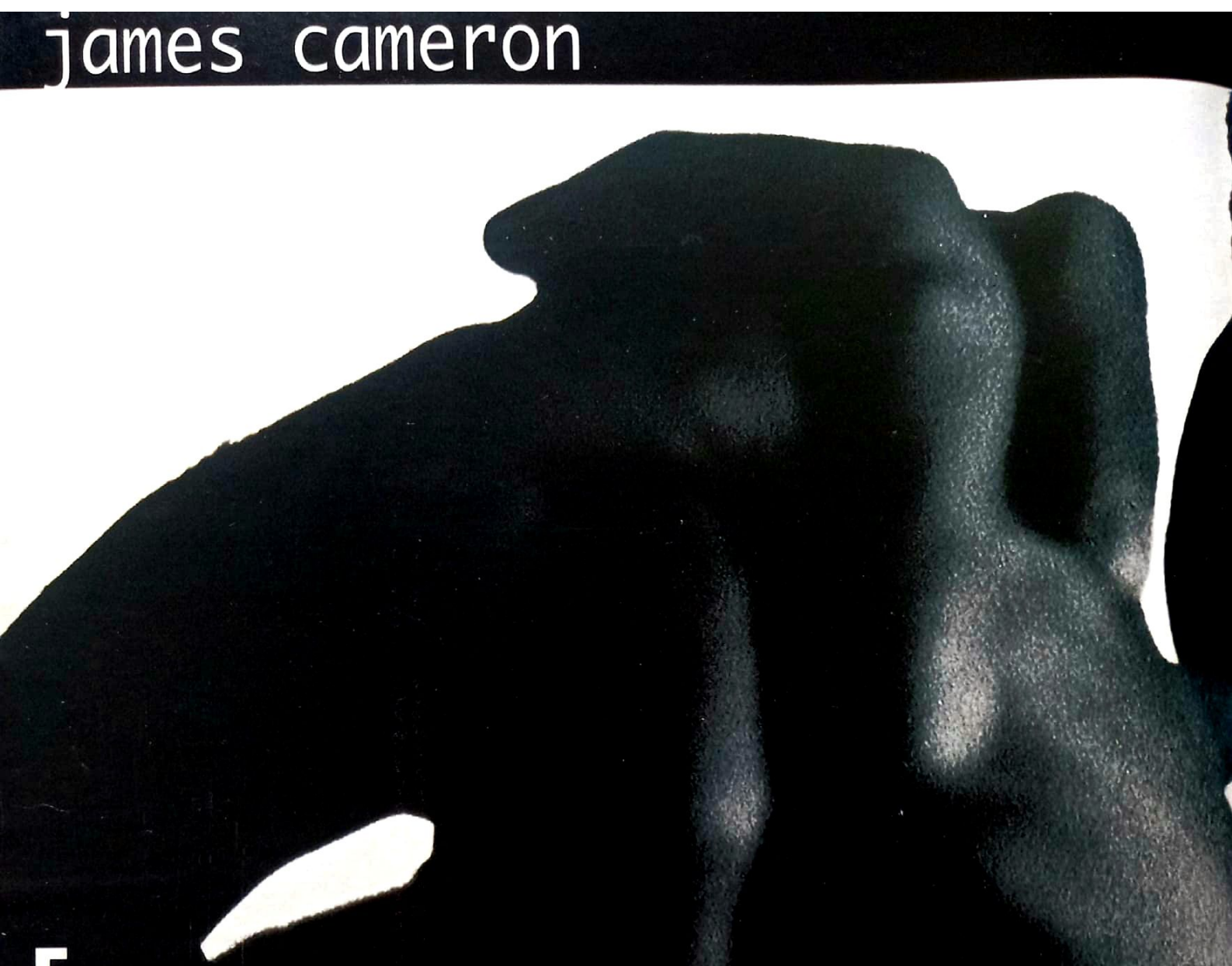
emma thompson

jeff bridges

peter fonda

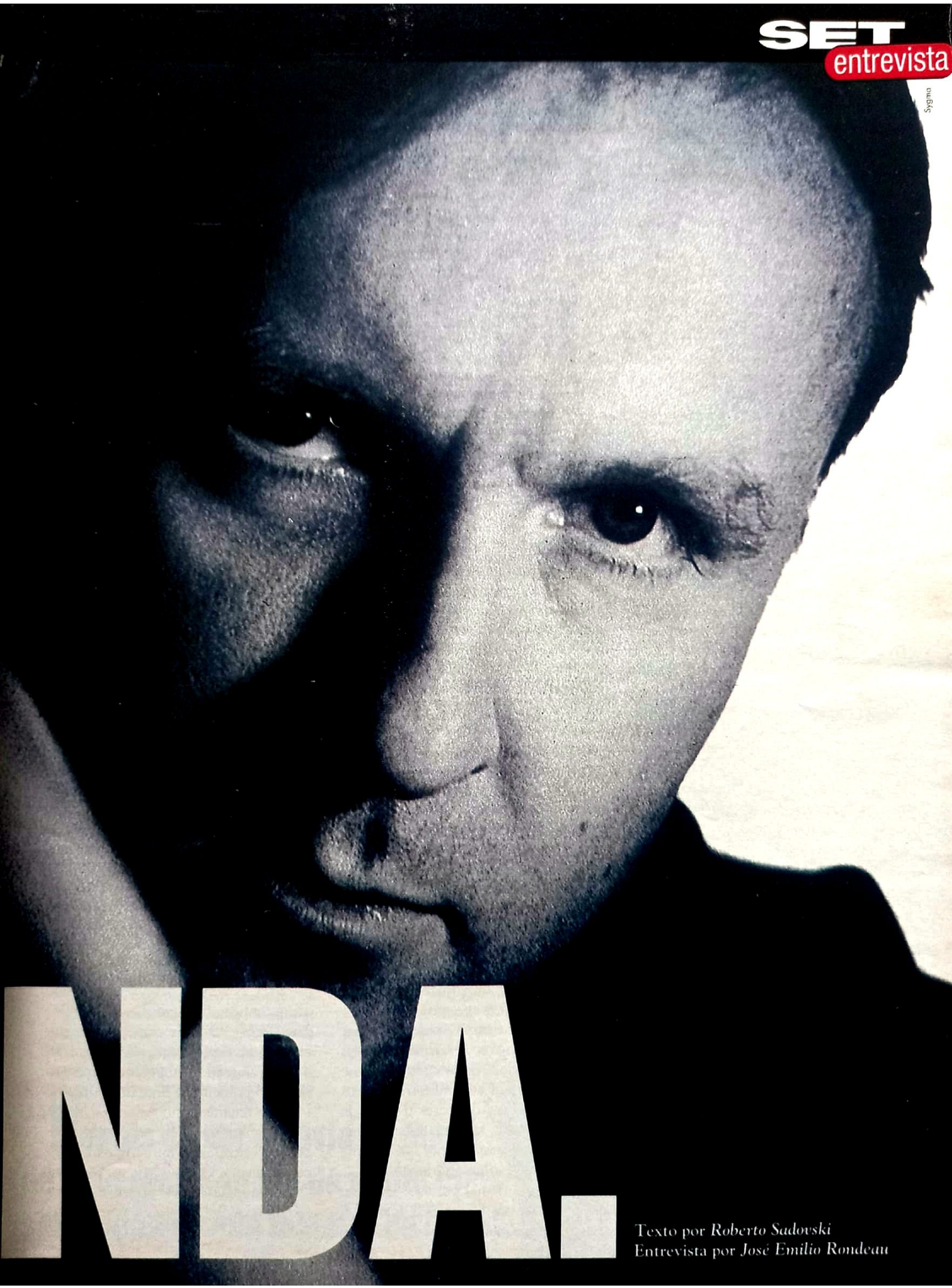
paul newman

james cameron



Ele leva fama de tirânico e despótico, mas tem gente fazendo fila para trabalhar com ele. E o emprego é garantido: "Eu nunca faria algo tão piedoso quanto demitir alguém", jura o diretor que acaba de se tornar o mais poderoso de Hollywood

ELE MA



Sygma

NDA.

Texto por *Roberto Sadovski*
Entrevista por *José Emilio Rondeau*

"Já estou deixando vocês respirarem. O que mais vocês querem?", perguntava o diretor aos técnicos de *O Segredo do Abismo*

James Cameron adora seu irmão, Mike. Tanto que arrumou uma ponta para ele em *O Segredo do Abismo*. O papel era ótimo: um sujeito que se afoga num submarino. "Vê se fica com os olhos bem abertos. Gente morta não fecha os olhos", disse James. "Vamos colocar um caranguejo em sua boca, e, quando eu gritar 'ação', você deixa o bicho sair." Imagine se Jim não adorasse Mike.

Veja o caso do ator Ed Harris. Ed é um cara macho, mas, numa noite qualquer de 1988, foi visto às lágrimas enquanto dirigia seu carro pelas ruas de Los Angeles, chorando sem parar. Resultado de mais um dia normal nas filmagens de *Abismo* – ou mais um dia dentro de uma panela de pressão, diria a atriz Mary Elizabeth Mastrantonio que, certo dia, saiu berrando pelo set: "Não estou aqui para ser tratada como um animal!".

Até os chefões da Carolco, o estúdio que bancou *O Exterminador do Futuro 2*, têm história para contar. Na tarde em que ia mostrar a eles uma cópia de *T2*, Cameron ainda não tinha terminado de mixar a trilha sonora. O produtor do filme lhe perguntou se tudo estaria pronto para a exibição, e Cameron garantiu que sim. Os sujeitos chegaram, e ele os fez esperar – até as quatro da manhã. "Tinha gente dormindo no chão", lembra o tal produtor.

Café pequeno, diria Bill Mechanic, todo-poderoso da Fox. Quando visitou o set de *Titanic* para implorar por alguns cortes no orçamento, Bill conseguiu apenas uma promessa: "Se você mexer no meu roteiro, eu me mato", gritou o furioso diretor. Ninharia, ponderariam os técnicos de *True Lies*. Cameron já estava tão irritado com os atrasos do filme que berrou, em alto e bom som, num megafone: "Quem for ao banheiro nem precisa voltar". Ele não estava brincando.

"Tirano" é a palavra que vem mais depressa à boca quando se fala em James Cameron. "Obcecado" surge logo em seguida. Mas nenhuma delas descreve o homem que, em pouco mais de uma década, revolucionou o cinema com novidades tecnológicas, gastou mais dinheiro do que qualquer outro diretor e criou o maior espetáculo do final do século, o épico *Titanic*. Mas o caminho até o topo foi espinhoso – e coitado de quem ficou no meio dele.

James Cameron entrou para o cinema pela porta dos fundos, no estúdio do produtor e diretor Roger Corman. Em três semanas de trabalho, já comandava um departamento. Foi o diretor de arte de *Mercenários das Galáxias* e dirigiu a segunda unidade de *Galáxia do Terror*, dois filmes perfeitamente esquecíveis do início dos anos 80. Detalhe: as pessoas que trabalhavam com ele o *odiavam*.

Foi quando ele recebeu o convite para estrear como diretor em *Piranha 2*. Como o produtor se recusava a lhe mostrar as cenas já montadas, Cameron invadiu a produtora, aprendeu a usar o equipamento de edição e, noite após noite, montou o filme do modo como havia imaginado. Tanto trabalho para *Piranha 2*!

Nessa época Cameron concebeu *O Exterminador do Futuro*, e mostrou o roteiro a seu agente. O sujeito disse que era "uma porcaria". Resultado: agente demitido. *Exterminador* acabou sendo vendido à produtora Gale Anne Hurd por um dólar, com a condição de que Cameron o dirigisse e tivesse liberdade para escolher o elenco. Enquanto levantava fundos para iniciar o filme, ele ainda roteirizou *Rambo 2* e um esboço do que se tornaria *Aliens – O Resgate*.

Nenhum estúdio acreditava no sucesso de *Exterminador*. Mesmo depois que a ficção protagonizada por um Arnold Schwarzenegger iniciante recebeu ótimas críticas e começou a dar lucro, a Orion se recusou a investir mais em publicidade. Ainda assim, o filme transformou James Cameron num dos mais promissores diretores da década passada. Depois vieram *Aliens*, uma aventura mais empolgante que o filme original, e o revolucionário *Abismo*.

Foi quando a fama de ditador começou a se espalhar por Hollywood. Cameron exigia de sua equipe nada menos do que a perfeição. Um dos técnicos de *Abismo* exemplifica uma típica resposta de Cameron às queixas: "Já estou deixando você respirar. O que mais você quer?". A essa altura, a equipe até achava graça da situação, usando camisetas que diziam: "Você não me mete medo: eu trabalho para Jim Cameron". O diretor admite que é duro com as pessoas, mas diz que é assim para "inspirá-las a dar o máximo e a refletir".

Com *T2*, de 1991, Cameron provou que, mais do que um déspota, é um visionário. Ele concebeu o andróide assassino T-1000 como uma criatura feita de metal líquido, capaz de assumir o aspecto de qualquer pessoa ou objeto. Para tanto, os técnicos da Industrial Light & Magic desenvolveram uma tecnologia que havia sido usada timidamente na fantasia *Willow* e aperfeiçoada em *Abismo*, conseguindo as imagens mais impressionantes vistas no cinema até então. O T-1000, um personagem feito em computador (que em sua forma humana era interpretado por Robert Patrick), mudava de aparência em seqüências sem cortes, sem nunca interromper a ação.

A ambição de Cameron aumentava a cada projeto – bem como sua atenção para os detalhes e sua irritação quando algo saía errado. Ele já havia quebrado a barreira dos 100 milhões com o orçamento de *T2*, e torrou cerca de 120 milhões em seu filme seguinte, *True Lies*, novamente com Schwarzenegger. Dirigindo atrás de uma parede de alto-falantes, Cameron berrava para sua equipe: "Isso é exatamente o que eu *não* quero", ou "Tudo bem, não é a primeira vez que trabalho com crianças".

Nada, porém, poderia ter preparado quem conhecia Cameron (ou ele próprio) para *Titanic*. O filme começou a tomar forma ainda em 1992, quando o diretor foi à Rússia alugar dois submarinos de pesquisa. Fez o primeiro de doze mergulhos no local do naufrágio, no Atlântico Norte, em setembro de 1995, para captar imagens do verdadeiro Titanic, mas logo percebeu que sua vida mudaria para sempre. "No começo tentei não pensar na dimensão da tragédia", contou à *Wired*. "Mas, quando vi o Titanic, me dei conta que o

mais importante não era registrar as imagens, e sim sentir a carga emocional da tragédia, imaginar o que havia acontecido ao navio e às pessoas a bordo dele."

As filmagens de *Titanic*, iniciadas em 1996, foram as mais atribuladas da carreira do diretor. Além do estouro do orçamento e do atraso no lançamento, Cameron enfrentou todo tipo de problema no set, desde a interrupção dos trabalhos por causa de comida envenenada até o patrulhamento da imprensa, que tratava qualquer imprevisto como uma catástrofe. "Uma vez por semana eu tomava injeções de vitamina B", lembra Cameron. "Qualquer técnico poderia ser substituído no caso de imprevisto, e até os atores poderiam ter suas cenas alteradas se ficassem doentes. Mas eu não podia me descuidar: se qualquer coisa acontecesse comigo, a produção pararia completamente. E isso estava fora de questão."

Mas Cameron não deve ser tão ruim assim, já que há gente fazendo fila para ter uma chance de trabalhar com ele. E sem risco de perder o emprego. "Eu nunca faria algo tão piedoso quanto despedir alguém", explica o diretor. "Quem faz merda tem de ficar até o fim."

Titanic custou 200 milhões de dólares. Quantos deles foram gastos em efeitos especiais?

É uma pergunta justa. Eu diria que algo na vizinhança dos 30 milhões, distribuídos entre quatorze empresas diferentes. Os efeitos mais complicados, no entanto, aqueles que têm algo como mil figuras animadas em uma única tomada, foram para a Digital Domain (*a empresa de efeitos do próprio Cameron*).

Quais desses efeitos o surpreenderam quando você os viu pela primeira vez na tela grande?

Bem, nenhum deles chegou a me surpreender, porque participei deles desde a concepção. Mas digamos que as tomadas que mais me afetam emocionalmente são aquelas que trazem o Titanic de volta à vida em toda a sua majestade – como aquela cena em que Leonardo DiCaprio grita que é o rei do mundo, e então a câmera se desloca ao longo de todo o navio, dando a volta nele. Essa cena é de um grande pioneirismo tecnológico. Mas, para mim, é mais do que um exercício técnico; tendo visitado os escombros do navio, no fundo do mar, recriá-lo me dá muito mais satisfação do que matá-lo novamente.

Um dos grandes avanços do filme está na maneira como você cria a água com técnicas de animação em computador. Ouvi dizer que o programa que permite fazer isso é de origem militar, e é usado para que satélites possam fotografar os rastros de navios em movimento. Isso é verdade?

Não posso falar a respeito, porque essa é uma informação de uso restrito. Mas, bem, muitas tecnologias usadas no cinema são versões de aplicações militares. O programa mais poderoso que usamos em *Titanic* é o que permite criar ondulações na superfície da água de acordo com a velocidade do vento. Todas as vezes em que se vê o navio durante o dia, aquele oceano límpido foi gerado em computador – mas acrescentamos algumas coisinhas. Alugamos um navio enorme, de 150 metros de comprimento, e, de um helicóptero, filmamos seu rastro e a interação do casco com a água. Daí combinamos essas imagens àquelas criadas em computador.

Sempre que um projeto é aprovado, há alguém que estima o quanto ele custará. Por que o orçamento de *Titanic* saiu de controle dessa forma?

Bem, de fato não pensávamos gastar 200 milhões. Tínhamos planejado um custo de 125 milhões, o que obviamente é uma grande diferença, muito maior do que em qualquer um dos meus filmes anteriores – em *O Exterminador do Futuro 2*, por exemplo, passamos de 90 para 100 milhões. Mas a complexidade logística de recriar uma época, construir o navio e o set... Essa diferença teve muito a ver com o fato de →

"Depois de ver o navio no fundo do mar, recriá-lo me dá muito mais satisfação do que matá-lo de novo"

não termos encontrado uma locação que atendesse a todas as nossas necessidades. Tivemos de construir nosso próprio estúdio, em Rosarito, no México. Mas, devido às limitações de tempo, construímos o estúdio e os cenários simultaneamente: enquanto uma equipe construía a sala de jantar, outra ia construindo o edifício por cima da cabeça dela. Ou seja, precisamos de mais guindastes, mais aço, mais tudo, até o ponto em que já não conseguíamos calcular com precisão os gastos. Com mais um ano de pré-produção, teríamos analisado todos esses aspectos – mas provavelmente não teríamos feito o filme. Até começarmos o trabalho, nem eu nem ninguém da minha equipe tinha visualizado o que seria necessário para *Titanic* sair do jeito certo. Cortar cenas simplesmente não teria tornado o filme mais barato, porque ele acontece todo no navio – tínhamos, então, de construir o navio, e daí iluminá-lo, decorá-lo etc. Você vê o que quero dizer? Esta é uma produção muito peculiar, e espero que nunca mais na vida eu tenha de sentar diante de um grupo de pessoas e justificar esse tipo de orçamento. Acho também que assumi a responsabilidade pelos meus erros, abrindo mão do meu salário e da minha participação nos lucros (*que, agora, diante do sucesso de Titanic, os estúdios pretendem devolver ao diretor*). Não é algo que me alegre, mas chegou um ponto em que nada era mais importante para mim do que fazer o filme do jeito certo.

Sabemos que os efeitos especiais estão presentes em *Titanic* desde as cenas iniciais, mas não os sentimos até depois da primeira hora e meia de projeção. Isso representa uma mudança na sua maneira de fazer filmes, tornando-os menos baseados nos efeitos e mais nos personagens?

Acho que é uma questão de ênfase. Olhando para meus filmes anteriores, eles são muito mais calcados na história e nos personagens do que a maioria dos similares do gênero. Esta, porém, é a primeira vez que alterei o equilíbrio a ponto de as emoções se tornarem o aspecto mais importante. Talvez seja uma questão de amadurecimento como cineasta, talvez tenha a ver com a natureza da história. Eu me sentiria plenamente à vontade em fazer mais uma daquelas ficções científicas enormes, lotadas de efeitos, porque gosto disso, e adoraria também fazer um drama sem nenhum efeito visual. *Titanic* me deu a segurança para seguir em qualquer uma dessas direções.

O que aconteceu com o estúdio do México? Ele foi demolido?

Não, ele ainda existe, e está sendo usado por outras produções. Mas o navio foi desfeito logo que terminamos a filmagem. Hoje ele só existe na tela e na nossa lembrança.

Como você se sentia sob o peso de toda essa responsabilidade – o pessoal da grana batendo à sua porta, Kate Winslet com medo de se afogar, a equipe e o elenco sofrendo envenenamento... (*até hoje não se sabe quem colocou a droga PCP numa refeição servida no set*)?

Esse é um bom resumo de todos os pontos negativos ressaltados pela mídia. Eu gostaria que Kate estivesse aqui para falar por si própria. Da minha perspectiva como cineasta, ela nunca correu perigo; talvez ela tenha achado que sim, e ela é o tipo de intérprete que, ao fazer uma cena muito emocional, não consegue sair dela só porque eu gritei "Corta!". Quando ela está criando o medo e o horror de se afogar, a fronteira entre o que ela sente e o que está acontecendo de fato é muito tênue. Quanto ao PCP, agradeço a Deus por Gloria Stuart (*a atriz de 87 anos que faz Kate na velhice*) ter escolhido esse dia para jantar fora. É uma droga perigosa, e várias pessoas foram parar no hospital com arritmia cardíaca e coisas assim.

É verdade que você tinha uma lâmina à mão do lado da mesa de edição?

E eu estava pronto a usá-la. Bem, é claro que essa coisa de ter uma lâmina para cortar os pulsos é uma brincadeira, mas é também uma síntese da idéia que, se eu conseguir fazer com que algo de mágico aconteça dentro do retângulo da tela, posso aceitar toda a pressão e a publicidade negativa.

Por que o fascínio com um evento passado há mais de oitenta anos, e que já rendeu tantos filmes e documentários?

Eu me apaixonei pela história antes mesmo de visitar os destroços. Enquanto fazia a pesquisa para esboçar o roteiro e decidir o que filmar no local do naufrágio, aprendi quem eram as pessoas que estavam no navio, que tipo de vida haviam levado. Foi como se tudo voltasse à vida, de forma que, quando cheguei ao verdadeiro Titanic, aquilo já não era só uma história; era um fato real. É como se fosse um livro de mistério – e, ali embaixo, estava o corpo. Isso não só aumentou o meu fascínio como aguçou minhas emoções de um modo que nenhum livro poderia fazer. Esse impacto permitiu que eu me tornasse o intermediário entre o Titanic e os atores que teriam de representar esses fragmentos de história. Só posso acreditar que isso fez de *Titanic* um filme melhor, ainda que de forma intangível. Filmar o naufrágio custou 4 milhões de dólares; se tivéssemos usado miniaturas, a economia seria de 1 milhão. Mas não teria sido possível imbuir o filme dessa qualidade que não sou nem mesmo capaz de quantificar.

Qual foi sua reação ao ver os destroços do Titanic pela primeira vez?

É difícil transmitir a perplexidade e a adrenalina. Não é uma coisa calma, serena e misteriosa como você imagina; você está num submergível, que é jogado para lá e para cá pela correnteza. Você tem de navegar e controlar o sonar, e quase não enxerga nada. Mas, a uma certa altura, a adrenalina se esgota e você é atingido em cheio pela tristeza. Filmar os destroços trouxe também uma responsabilidade adicional: o nível altíssimo de precisão na reconstituição da história. O pessoal da Harland and Wolff, a empresa que construiu o navio, deve ter sentido que era esse o nosso compromisso, porque pela primeira vez na história eles cederam as plantas do Titanic para uma produção cinematográfica – e já houve outros quinze ou dezesseis filmes a respeito.

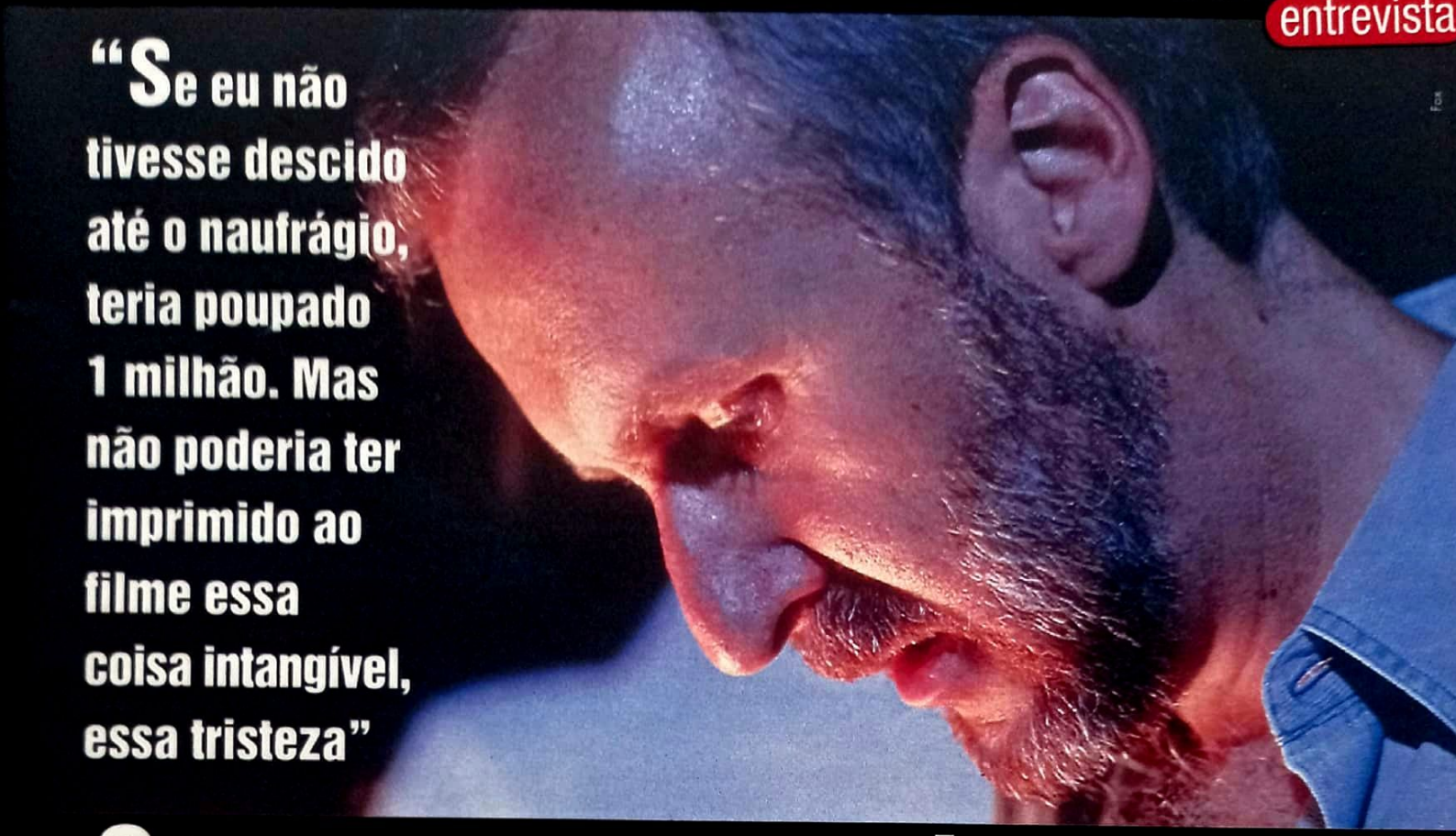
Você é um diretor altamente técnico e, no entanto, em todos os seus filmes há papéis femininos fortíssimos. Por quê?

Não há nada de mutuamente exclusivo em ser muito técnico e em estar emocionalmente vivo. Isso é um pouco aquele mito do cientista de jaleco branco dos anos 50, aquela noção de que ou você tem razão ou tem sentimentos. Mas o cinema é uma coisa técnica; mesmo no filme mais emocional que você possa ver, alguém estava lá para operar a câmera, iluminar o cenário e ajustar o foco da lente.

É verdade que sua mãe é a inspiração para seus personagens femininos?

Bem, antes de mais nada, sou casado e tenho uma filha de cinco anos. Hoje sei, portanto, o que significa para uma mulher passar pela gravidez e pelo parto. O que só aumenta meu respeito pela minha mãe, que

"Quando falo que o cinema é uma guerra, quero dizer que devemos pagar por ela em dinheiro, e não em sangue"



"Se eu não tivesse descido até o naufrágio, teria poupado 1 milhão. Mas não poderia ter imprimido ao filme essa coisa intangível, essa tristeza"

Com a arma na cabeça

James Cameron não arriscou só sua carreira ao fazer *Titanic*: ele colocou sua própria vida em risco em cada uma das descidas às profundezas do Atlântico Norte para captar imagens do navio submerso. Em doze mergulhos, realizados num período de 25 dias, os dois submarinos que transportavam Cameron e a equipe de mergulhadores russos levavam dezesseis horas para descer até o Titanic e retornar à superfície. E isso com boa parte do equipamento, que nunca havia sido levado a uma ponto tão profundo, ainda em fase de testes.

A câmera, adaptada a um casulo de titânio para protegê-la da pressão, era chamada pelos colegas de mergulho de Cameron de "o canhão". Qualquer fissura na lente faria com que um volume assombroso de água invadisse e arrebentasse o casulo, arremessando pedaços do equipamento diretamente contra o submarino numa velocidade supersônica. "Era como se estivéssemos com uma espingarda apontada para nossas testas dezesseis horas por dia", lembra Cameron. "Nossa esperança era que o gatilho nunca fosse disparado."

teve cinco filhos – e, além disso, era enfermeira e artista. Acho, então, que ela sempre foi mesmo o meu modelo de como uma mulher deveria ser: forte, capaz e artística.

Você disse certa vez que fazer filmes é como uma guerra – e numa guerra há vítimas. Vale a pena correr tantos riscos num set como o de *Titanic*, em que tantas coisas podem dar errado-muito errado?

Já houve acidentes sérios e mortes na indústria de cinema, e eles sempre parecem acontecer nos filmes mais estúpidos. Ninguém deveria ter de se ferir em um filme – e, em *Titanic*, fomos absolutamente meticulosos com a questão da segurança. Quando digo que o cinema é uma guerra, quero dizer que devemos pagar por ela em dinheiro, não em sangue, e que o único inimigo é o caos, a desorganização. Sempre tive orgulho da minha preocupação com a segurança, e minha folha corrida nesse sentido é das mais limpas – embora tenha feito filmes enormes como *Exterminador do Futuro*, *Aliens – O Resgate* e *True Lies*. E daí temos *Titanic* que, aparentemente, não é um filme como esses, mas no qual empregamos 6.029 jornadas de trabalho de dublês de ação – o equivalente a um dublê que role escada abaixo, atravesse janelas e caia de cordas sete dias por semana, durante dezesseis anos. Quais são as chances de não haver nenhum acidente numa situação como essa? Mínimas. No entanto, só contabilizamos três acidentes significativos. Em dois deles, o envolvido estava de volta ao trabalho no dia seguinte. Só um dublê necessitou de licença médica por várias semanas, por causa de um tornozelo quebrado.

Você mesmo nunca sentiu medo?

Eu? Imagine. Gosto de água. Adoro ser prensado contra a parede por milhões de litros de água. É como sentir o cheiro de napalm pela manhã (*a brincadeira se refere à famosa fala do personagem de Robert Duvall, um militar psicopata, em Apocalypse Now*).

Depois de escrever e dirigir o filme, o quão difícil foi montá-lo e cortar tantas das cenas que haviam sido realizadas?

Antes de cortar uma cena que havia feito com o maior carinho, eu sempre me submetia ao processo masoquista de aperfeiçoá-la ao máximo na mesa de edição, para só daí julgar se ela deveria ficar de fora. É sempre doloroso. Mas, quando você corta uma cena, o faz por uma razão: tornar o filme melhor. O jeito é nunca olhar para trás. ■

ben affleck &

PAR OU

Texto por *Roberto Sadovski*
Entrevista por *Marion Ross (Ben Affleck)* e *Pua Berman (Matt Damon)*

Eles cresceram juntos, ouvi escreveram e protagonizaram ju estão entre os astros mais p Quer mais? Eles acabam de ganha

Quando se conheceram, Ben Affleck tinha oito anos e Matt Damon, dez. Apesar da sutil diferença de idade, os dois cresceram juntos, em Boston, e viraram melhores amigos. Hoje, estão entre os astros mais promissores de Hollywood: após anos de anonimato, consagraram-se com o drama *Gênio Indomável*, escrito e protagonizado por eles, e gozam dos privilégios reservados às celebridades. Nos próximos meses, Matt será resgatado por Tom Hanks em *Saving Private Ryan*, de Spielberg, e Ben irá salvar o mundo ao lado de Bruce Willis no candidato a arrasa-quarteirão *Armageddon*.

Mas, até chegar ao topo dessa cadeia alimentar, eles quebraram muita pedra. A chance de trabalhar em qualquer projeto, por menor que fosse, simplesmente não surgia. Matt fazia dezenas de testes, mas era sempre recusado: perdeu o papel de Robin em *Batman Eternamente*, não conseguiu ser o jovem problemático de *Um Sonho Sem Limites* e ouviu um "você não é o que queremos" dos produtores de *As Duas Faces de um Crime*.

"Estava cheio de ler os roteiros rejeitados pelo Chris O'Donnell", disse Matt à *Vanity Fair*. "Quando finalmente consegui um papel numa grande produção, *Coragem Sob Fogo*, vi que era o momento de ser notado." Matt, então, emagreceu vinte quilos para personificar um soldado traumatizado pela Guerra do Golfo, mas, sem o auxílio de um médico, perdeu massa muscular, ficou doente e ainda toma remédios.

Coragem Sob Fogo foi notado; Matt não. Pior: por causa de seu físico debilitado, perdeu outros papéis. O único que guardou uma boa impressão foi Francis Coppola, que o chamou para estrelar *O Homem que Fazia Chover*. A partir daí, as coisas começaram a andar tanto para Matt quanto para Ben, que recebia ótimas críticas por sua atuação em produções independentes como *Procura-se Amy* e *Going All the Way*.

Gênio Indomável, então, começou a sair do papel. Quando escreveram o roteiro, os dois queriam apenas tirar o pé da lista de coadjuvantes à qual estavam relegados. Surpreendentemente, a Castle Rock se dispôs a pagar um pouco mais que os 15 mil dólares imaginados pela dupla: um milhão. Na época, eles dividiam um apartamento em Los Angeles com um amigo – Ben dormia no sofá, em meio a latas de cerveja e restos de pizza –, e a festa atravessou a noite.

A alegria, porém, durou pouco: o estúdio queria que o inexpressivo Andrew Scheinman dirigisse o filme, e que outros atores o protagonizassem. Com a recusa da dupla, a Castle Rock lhes deu noventa dias para encontrar um novo interessado – caso contrário, fariam o filme do seu jeito, "e Ben e Matt deveriam se dar por satisfeitos com os ingressos para a pré-estréia".

Foi então que as engrenagens passaram a se mover a favor da dupla. Ben pediu que seu amigo Kevin Smith mostrasse o roteiro de *Gênio Indomável* a um dos chefões da Miramax, Harvey Weinstein. Resultado: ele comprou o filme, num dos negócios mais caros que esse estúdio independente já fez.

Com o interesse de Coppola em Matt Damon, a Miramax se esforçou para que *Gênio Indomável* entrasse logo em produção. No Natal de 1995, Ben soube que Mel Gibson gostaria de dirigir o filme – mas o astro ia começar a rodar *O Preço de um Resgate*, e a história da dupla teria de ficar na geladeira por mais um ano. Na reunião com Harvey

matt damon

ÍMPAR

ram muitos "nãos" juntos, ntos *Gênio Indomável* e, hoje, omissores de Hollywood. r um Oscar. Juntos, é claro

e Mel, Matt não se conteve: "Sabemos que você é o maior astro do mundo. Mas este filme é a nossa vida, e precisamos de uma decisão rápida". Duas semanas depois, Gibson se desligou do projeto, e hoje Matt treme só de pensar na arrogância que demonstrou.

Na seqüência, Casey Affleck, irmão de Ben, mostrou o roteiro a Gus Van Sant, com quem fizera *Um Sonho Sem Limites*. Van Sant se encantou com a sensibilidade dos jovens roteiristas e assumiu a direção do projeto – e foi ele quem propôs a Robin Williams o papel do terapeuta que vira a figura paterna do protagonista. "Quando fui apresentado a Ben e Matt", recorda Robin, "meu primeiro impulso foi perguntar se seus pais chegariam logo à reunião".

A fama obtida com *Gênio Indomável* trouxe só um pequeno revés para Matt: seu romance com a atriz Minnie Driver, que saiu da tela para a vida real, não durou muito tempo. Depois de alguns meses saindo juntos, Minnie descobriu, pela TV, que havia levado um fora: numa entrevista Matt disse, na cara dura, que estava solteirissimo.

Aparentemente, a atriz estava usando o astro em ascensão para dar um empurrão em sua própria carreira. Quando saíam juntos, ela ligava para seu agente e dava as coordenadas para que os paparazzi aparecessem "casualmente". Matt não gostou. Deu um bilhete azul à atriz e, há pouco, foi visto com Winona Ryder – amiga de Gwyneth Paltrow, namorada de Ben.

Com toda a atenção em cima de Matt, Ben foi deixado um pouco de lado, mas seu próximo filme deve reverter a situação. Em *Armageddon*, um dos lançamentos mais esperados deste ano, Ben é A.J. Frost, o parceiro de Bruce Willis, líder da equipe que vai salvar o mundo da colisão com um asteróide. O filme custou 140 milhões, o que irou os fãs do cinema independente. "Disseram que estou comprometendo minha integridade com *Armageddon*", disse Ben à *GQ*. "Mas não sou um mártir. Adoro *Máquina Mortífera* e *Guerra nas Estrelas*. Quando era garoto, meu negócio era *De Volta para o Futuro*, e não Fellini."

Apesar dessa carreira meteórica, os dois ainda não são atores milionários: Matt ganhará 600 mil dólares por *The Talented Mr. Ripley*, dirigido por Anthony Minghella (de *O Paciente Inglês*), e o salário de Ben também não ultrapassará os seis dígitos em *Shakespeare in Love*, com Gwyneth Paltrow. Antes disso, porém, eles trabalham juntos, sob a tutela do amigo Kevin Smith, na comédia *Dogma*.

Fama, prestígio e respeito. Nada mau para dois moleques de Boston que ainda têm bom humor para brincar com a guinada em sua carreira. "Somos o Milli Vanilli dos roteiristas", ironiza Ben ao receber com Matt o Globo de Ouro pelo script de *Gênio Indomável*, referindo-se à dupla pop dos anos 80 que depois se revelou uma fraude. "A única diferença entre nós dois", arrematou Matt, "é que Ben sabe datilografar".

ben affleck

"Matt já tinha uns quatorze anos quando apareceu vestido de ninja no Dia das Bruxas. Ninguém entendeu"

Qual a sua versão dessa história de "pobreza à riqueza" que você divide com Matt Damon?

Bem, vejamos. Tudo começou quando Matt foi ter aulas com um cara chamado David Wheeler, que já foi meu professor de interpretação e é um diretor teatral muito respeitado. Matt me disse que estava pensando em fazer algo especial para o curso de Wheeler, e queria interpretar esse gênio de South Boston. Nessa época, eu tinha acabado de filmar *Jovens, Loucos e Rebeldes* e estava recebendo propostas para todos os papéis de babaca que havia no mundo. Então topei a idéia de Matt, mas desde que pudesse ficar com um papel meio na linha de Mercutio (*o melhor amigo de Romeu em Romeu e Julieta*), alegre e sociável. Trabalhamos na história um pouco, fizemos alguns improvisos em aula e colocamos tudo na gaveta. Cerca de um ano depois, retomamos o trabalho, até deixá-lo quase pronto.

Seria tão fácil desistir no meio do caminho. O que fez vocês acreditarem em *Gênio Indomável*?

Foi a idéia – talvez ingênua – de que conseguiríamos algum astro a participar do projeto e, tendo o nome dele como garantia, conseguiríamos financiamento. Por sorte, nosso agente era muito esperto. Ele sabia que Matt e eu sonhávamos em sermos nós os protagonistas. Pois ele foi à luta, vendeu o roteiro e nos manteve ligados ao projeto.

Até que você e Matt estivessem confirmados no elenco, vocês chegaram a discutir quem gostariam de ver interpretando seus personagens?

Não. Se não estivéssemos no elenco, odiaríamos que o filme fosse feito. Gastar tanta energia para depois alguém usufruir do seu trabalho? Não. Mark Wahlberg, por exemplo, teve uma atitude muito honrada. Alguém do estúdio tentou oferecer a ele o papel de Matt, mas ele recusou porque sabia que *Gênio Indomável* era nosso.

Quando você vê que o estúdio quer te tapear, como manter uma atitude positiva?

Bem, nem todo mundo é igual. Mas ninguém te dá uma oportunidade por altruísmo, e ninguém é seu amigo. É um negócio.

Você se parece em alguma coisa com seu personagem em *Gênio Indomável*?

Olhe, sou bem mais parecido com o meu personagem do que Matt com o dele. Mas, sim, espero que meu personagem transmita essa sensação de ser um cara meio exibido, até demais, mas doce. Todos temos mais defeitos do que imaginamos. O Chucky de *Gênio Indomável* seguiu um caminho que eu mesmo poderia ter tomado. Larguei a faculdade, e era o maior vagal. Eu poderia ter virado mecânico, sei lá. Meu pai também não se fixava em nada e em lugar nenhum. Ele chegou a ser zelador em Harvard, o que foi uma das inspirações para o filme. Só que eu queria ser ator, então joguei tudo o que tinha no carro e me mandei para Los Angeles.

Seu pai ainda está vivo?

Está. Ele mora em Indio, na Califórnia, e aconselha viciados em álcool e drogas.

Como você se sente por a história que você e Matt escreveram ter chegado à tela?

É estranho. Estou meio apavorado – mais do que o normal. Quando você só atua em um filme, pode se desviar das balas. Se o filme é uma droga, dá para pular o começo da crítica e ir até a parte em que falam de você. Agora não; vou tomar de forma pessoal tudo o que digam sobre *Gênio Indomável*.

Você e Matt têm outros projetos no forno?

Espero que sim. Estamos escrevendo um outro roteiro, no qual invertemos papéis: eu sou o protagonista romântico, e Matt faz o contraponto cômico.

Você mencionou que partes de *Gênio Indomável* se baseiam em fatos da vida de vocês. Que outro tipo de pesquisa vocês fizeram?

A pesquisa não é a parte mais dura do trabalho. Pesquisa é o que você faz quando está tentando achar uma idéia. Eu estava lendo um livro sobre a relação entre música e matemática, por exemplo, quando encontrei a história de um sujeito chamado Ramanijan – um gênio da forma que Matt é no filme. Fiquei feliz: era um precedente histórico. Também ouvimos falar de um experimento dos anos 50 em que dois psiquiatras se digladiavam na presença de um paciente – que não precisava fazer nada, a não ser assistir aos dois sendo brutalmente honestos um com o outro e falando coisas do tipo "acho você medíocre", ou "detesto sua mulher". Depois de um tempo, a coisa ficava tão feia que o paciente reagia de forma muito mais eficiente do que se estivesse sozinho com seu terapeuta. O experimento acabou não porque não funcionasse, mas porque o sofrimento para os psiquiatras era intenso demais. Foi daí que tiramos a idéia do conflito entre o personagem de Robin Williams e o de Stellan Skarsgård – que, afinal, é o que faz Matt sair da concha.

Quais são suas lembranças de crescer com Matt?

Lembro de um Dia das Bruxas em que Matt tinha uns quatorze anos e era o único que ainda estava nessa de se fantasiar. Ele se vestiu de ninja branco e todo mundo ficou olhando: "Matt, qual é?".

Vocês jogavam beisebol juntos?

Jogávamos.

matt damon

Este deve ser um momento excitante para você, não?

É, é quase bizarro. Eu me sinto como se estivesse vivendo a vida de outra pessoa.

A vida de quem?

Não sei, mas eu gostaria de conhecer o cara (*risos*)!

Lembro-me de você em *Geronimo*, em 1993, num papel pequeno. Desde então, muita coisa aconteceu. Você escreveu *Gênio Indomável*...

Bem, essa foi uma decisão nascida da frustração. Ben e eu não conseguíamos pegar nem cadeia, quanto mais trabalho. Era uma situação tão frustrante que resolvemos escrever nosso próprio roteiro. Ben fez um filme chamado *Glory Daze* que, por incrível que pareça, teve uma bilheteria doméstica de 723 dólares (*risos*). Ele ficou em cartaz uma noite, em Nova York, e mandamos trinta amigos nossos vê-lo, então sabíamos que éramos responsáveis por 240 dólares da renda. Mas o interessante de *Glory Daze* é como ele foi feito: ele foi financiado por médicos e advogados que compraram 20 mil quotas do filme e o fizeram por 800 mil dólares. Então Ben e eu pensamos que, se escrevêssemos um roteiro, teríamos um método para produzi-lo – se havia gente tonta o suficiente para fazer isso uma vez, por que não de novo? Só que daí Harvey Weinstein (*sócio da produtora independente Miramax*) comprou o roteiro e nos salvou do vexame.

Então Harvey foi tonto o suficiente?

Foi (*risos*).

Vocês sabiam o quão bom era *Gênio Indomável*?

Na verdade, não tínhamos muita certeza. Achávamos que era bom, mas sabíamos que éramos suspeitos para julgar. Só quando Gus Van Sant disse que gostaria de dirigi-lo é que a ficha caiu.

Como você virou ator? Na sua família há alguma outra pessoa que seja da área?

Não, ninguém. Mas minha mãe é uma especialista em desenvolvimento infantil, e acho que ela teve muito a ver com essa decisão. Ela escreveu vários livros sobre o governo Reagan e a desregulamentação da TV. A tese dela é que os desenhos animados viraram comerciais para vender brinquedos que, no final, prejudicam a imaginação das crianças. Por isso ela sempre encorajou meu irmão e eu a criar nossos próprios jogos. Desde pequeno eu gostava de me vestir de super-herói, ao passo que meu irmão preferia ficar, digamos, nos bastidores. Acabei me tornando ator, e ele hoje é artista plástico e escultor. Acho que nossos caminhos foram definidos desde muito cedo.

Você disse que Ben e você não conseguiam nem pegar cadeia. Qual foi o ponto mais baixo a que vocês chegaram?

Bem, cometemos um crime e tentamos ir presos (*risos*).

Bem, isso ao menos traria alguma publicidade...

(*Rindo*) Ei, qualquer publicidade é boa publicidade. A sério, em 1994 fiz *Os Bons e Velhos Companheiros*, um filme para a TV a cabo dirigido pelo Tommy Lee Jones, que acabou sendo uma experiência maravilhosa: Frances McDormand interpretava minha mãe e Terry Kinney fazia meu pai, e ambos são atores geniais. Mas foi um ponto baixo na minha carreira porque, quando ganhei esse papel, eu vinha de dois filmes que tinham sido fracassos de bilheteria (*Geronimo* e *Código de Honra*). Portanto, aos 24 anos, não consegui ganhar nem o mesmo salário que tinha recebido aos dezenove, para fazer um filme também para a TV a cabo (*Rising Son*). Aceitei porque precisava do dinheiro, mas tive de abaixar a crista.

Começar por cima e daí não decolar da maneira que as pessoas esperam, isso deve ser difícil, não?

Por isso é que agora tento manter as coisas em perspectiva. Não espero nada. Acho que muitos atores vivem esse sentimento angustiante de ter algum valor, mas não poder expressá-lo. Daí que, quando apareceu uma chance em *Coragem Sob Fogo*, me dispus a me matar por ela. Embora o papel fosse bem pequeno, eu queria que de alguma maneira ouvissem falar de mim, sabe como é? Eu me prejudiquei muito por causa desse trabalho; dois anos depois, ainda dependo de medicamentos.

Por quê?

Eu tinha de parecer um viciado. Então perdi mais de vinte quilos – que não tinha sobrando. Também não podia pagar um nutricionista, portanto fiz as coisas do meu jeito – comi só proteína e corri vinte quilômetros por dia durante cem dias. E, quando você abusa assim... Depois das filmagens, fiz uma bateria de exames e o médico me disse que a única boa notícia é que meu coração não tinha encolhido. Todos os outros músculos do meu corpo encolheram.

E qual foi o resultado de tanto esforço? Você diria que ele mudou a percepção da indústria a seu respeito?

"Ben e eu estávamos tão por baixo que não pegávamos nem cadeia, quanto mais trabalho"

ben affleck

E quem era o melhor jogador?

Eu era muito melhor do que Matt – embora eu fosse mais novo e ele estivesse, literalmente, acima de mim. Acho que ele nunca se conformou com essa mudança de dinâmica entre nós. Até hoje ele diz: "Se eu tivesse a sua altura, eu estaria jogando na NBA (*a liga americana de basquete profissional*)". De repente, essa história de que ele mede só 1m78 ou 1m80, ou seja lá o que for, virou a maior desculpa para tudo.

Qual de vocês era mais namorador?

Você tem de lembrar que eu sou mais novo, e entrei atrasado na puberdade. Em uns três ou quatro anos, passei de 1m55 para 1m88. Eu era *muito* desajeitado e não conseguia nem andar sem tropeçar nos meus próprios pés. Então Matt se achava meio gostoso – embora ele dificilmente fosse concordar com essa afirmação.

Você tem fama de ser muito autoconfiante...

Não sei quem disse isso. Bom, eu era desajeitado e meus amigos me enchiam o saco, mas nunca achei que valesse menos do que qualquer outra pessoa e sempre acreditei nas minhas opiniões. Talvez seja só meu jeito – sou extrovertido, gosto de gente. Talvez essa reputação de autoconfiante venha do fato de que sou muito do contra. Sempre gostei de ser o advogado do diabo. Eu odiava professores que tentavam doutrinar os alunos. Se o professor era aquele tipo ultraliberal, eu virava um arqui-reacionário; se ele era um cara direitoso, eu dava uma de socialista ferrenho. Acho que só a discussão e o debate trazem a verdade. A única coisa que pode surgir de um monte de pessoas que concordam febrilmente umas com as outras são más decisões.

Essa atitude deve causar um certo tumulto, não?

Às vezes. Mas acho isso saudável. Se Matt e eu não tivéssemos adotado essa atitude, teríamos feito *Gênio Indomável* com a Castle Rock, filmado em Toronto e sacrificado o projeto em aspectos que o teriam prejudicado. Jogamos pelas nossas regras – o que não é garantia de que tudo vai sair como você quer. O preço de correr um risco é perder. Para nós, foi proveitoso. Em Hollywood trabalha-se por comitê, e não por consenso – as pessoas querem é proteger o emprego delas. Então alguém que tenha uma opinião nova e ousada causa impressão. Mas, se você falhar, é pelo seu erro que você vai ser julgado – por isso é que todo mundo tem medo de opinar.

Mas muitos desses filmes feitos "por comitê" são verdadeiras bombas.

Sem dúvida. Isso mata um filme. Torna-os genéricos e tira deles qualquer singularidade. Muitas dessas bombas eram bons roteiros, que foram corrompidos por esse método homogêneo de fazer filmes.

Você está em *Armageddon*. Que tal sair do cinema independente para uma superprodução?

Já era hora. É um filme mais visual, com foguetes e coisas do gênero – embora eu defenda que mesmo esse tipo de filme não funciona sem um bom roteiro e bons personagens. *Gênio Indomável* não tem nada em comum com uma montanha-russa; é sobre a vida. Já *Armageddon* é enorme e espetacular, o que pode ser divertido. Onde mais você conseguiria um emprego em que o pessoal detona vinte carros num dia?

Qual é a trama de *Armageddon*?

Asteróides vindo de encontro à Terra. Mas não adianta só a Nasa bombardeá-los, porque isso não faria eles mudarem de curso. É preciso perfurá-los e colocar dispositivos atômicos dentro deles. Então eles escolhem um time de durões para a missão, liderado por Bruce Willis e eu – mas nós temos um relacionamento hostil, porque ele acabou de descobrir que estou dormindo com a filha dele. É uma espécie de *Os Doze Condenados* no espaço.

Você e Matt estão passando por uma ascensão incrível. Como manter as coisas em perspectiva?

Não sei. Antes de mais nada, tem a ver com a maneira como você foi educado – num ambiente sólido e sensato, ou não. Tem muita gente esquisita por aí que não é estrela de cinema. Além disso, se você é um ator certamente já enfrentou muita rejeição. Brad Pitt e Leonardo DiCaprio ouviram vários "nãos" antes de dar certo. Não quero me comparar a ninguém, mas sei por experiência que, quando você sofre rejeições e observa quem está se dando bem e quem não está, você adquire uma certa perspectiva – a de que a justiça e o talento nem sempre prevalecem. Fazer cinema é ótimo, mas, se minha carreira desaparecesse amanhã, eu ainda assim seria feliz. Tenho minha família e meus amigos.

Que tal é conviver com a fama?

Minha experiência nessa área ainda é meio limitada. A maior parte da minha fama até hoje vinha de *Procura-se Amy* – ou seja, estamos falando de pessoas na faixa dos vinte anos que usam argolas no nariz e trabalham em lojas de discos. Mas *Gênio Indomável* e *Armageddon* são endereçados a platéias bem mais amplas. Portanto, espere até a próxima entrevista pela resposta. ■

"Quando você observa quem está se dando bem e quem não está, compreende que o talento nem sempre triunfa"

matt Damon

"Mickey Rourke me olhou bem e disse que, se eu não tinha nada de bom para falar, que ficasse de bico calado"

Quando saíram as críticas a *Coragem Sob Fogo*, houve muitos elogios a Meg Ryan, Denzel Washington e Lou Diamond Philips. Mas ninguém mencionou meu nome, e não fui convidado para nenhuma entrevista. Fiquei desapontado; imaginei que o filme me ajudaria, e nada. Mas, no final das contas, *Coragem* foi uma das coisas que fizeram Coppola notar meu trabalho e me propor um papel em *O Homem que Fazia Chover*.

Como foi seu primeiro encontro com Coppola?

De deixar os nervos em frangalhos. Fui chamado para ir a Memphis fazer um teste do dia para a noite. É claro que nem dormi; passei a noite lendo sem parar a cena que iria fazer, até sabê-la de trás para a frente.

Vários atores mais jovens já tiveram problemas com Coppola. Winona Ryder, por exemplo, deu a entender que em *Drácula* ele às vezes ia longe demais. E quanto a você?

Ele tentou me dar todas as vantagens possíveis. Em uma cena, por exemplo, eu aparecia dormindo num banco junto ao tribunal – mas estava tão cansado que caí no sono de verdade, e ele simplesmente ligou a câmera. De forma que nunca me senti pressionado por Coppola; achei-o sempre inspirador e disposto a encontrar maneiras novas de fazer as coisas.

Também já se disse que Coppola é um diretor manipulativo. Você concorda? Você acha que um diretor deve manipular para conseguir o que quer?

Em seu livro, Sidney Lumet comenta que, certa vez, fez uma atriz chorar, mas depois se sentiu culpado e resolveu nunca mais repetir essa tática. Francis nunca fez isso comigo – não de fato. Havia uma cena – que acabou não entrando no filme – em que eu perdia o emprego, e ele bolou um exercício no qual fingia me despedir. Mas ambos sabíamos que ele *não* estava me demitindo. Há uma fronteira muito tênue entre a manipulação e o pacto criativo que você firma ao entrar num filme; seu objetivo é que o papel seja o mais realista possível, mas diferentes pessoas têm diferentes limites para o que estão dispostas a fazer.

Você também está rodando *Saving Private Ryan*, de Steven Spielberg. Como você compararia o método de trabalho dele ao de Coppola?

Completamente diferentes. Francis se volta 100% para os atores. Ele quer espontaneidade, e é capaz de fazer você abrir uma porta 28 vezes, até que algo novo aconteça. Já Steven transmite a sensação de que você faz parte de um time de futebol. Ele explica como vai ser a cena e o que cada um tem de fazer, mas a perspectiva dele é mais a de um cineasta; Francis é muito solidário com os atores no, digamos, sofrimento deles. É interessante porque eles são dois dos maiores diretores deste país, mas seguem caminhos totalmente diversos.

Seu papel em *Saving Private Ryan* é grande?

Não exatamente. Faço o recruta Ryan do título, mas a história gira em torno das tentativas de Tom Hanks de encontrá-lo. Apareço só no último quarto do filme.

Como você se preparou para o filme de Coppola?

Fui para o Texas e para o Tennessee trabalhar como *barman* e escutar como as pessoas falam por lá.

Por que trabalhar como *barman*?

Bem, no livro o personagem trabalha como *barman*. E também porque é um ótimo método. Quando você serve bebida às pessoas, elas tendem a ficar mais falantes. Não dá para ficar rico, mas as histórias que você ouve... Muito melhor do que treinar com um especialista em sotaques.

E que tal trabalhar com Mickey Rourke (*o chefe de Damon em O Homem que Fazia Chover*)?

Surpreendente. Cheguei lá pronto para trocar socos (*risos*), mas Mickey é um amor de pessoa. Ele olhou bem nos meus olhos e falou: "Sua geração tem uma responsabilidade para com este ofício, então não ouse cometer os erros que eu cometi". Perguntei o que ele queria dizer com isso, e ele respondeu: "Se você não tem nada de agradável para dizer, fique de bico calado".

Onde você mora?

Faz tempo que não moro em lugar nenhum. Fui do Tennessee para San Francisco para Los Angeles para Toronto para Boston para a Inglaterra e amanhã vou para Nova York. Não me importo de viver de mala na mão. Mais tarde, pretendo me estabelecer em algum lugar.

Não em Los Angeles?

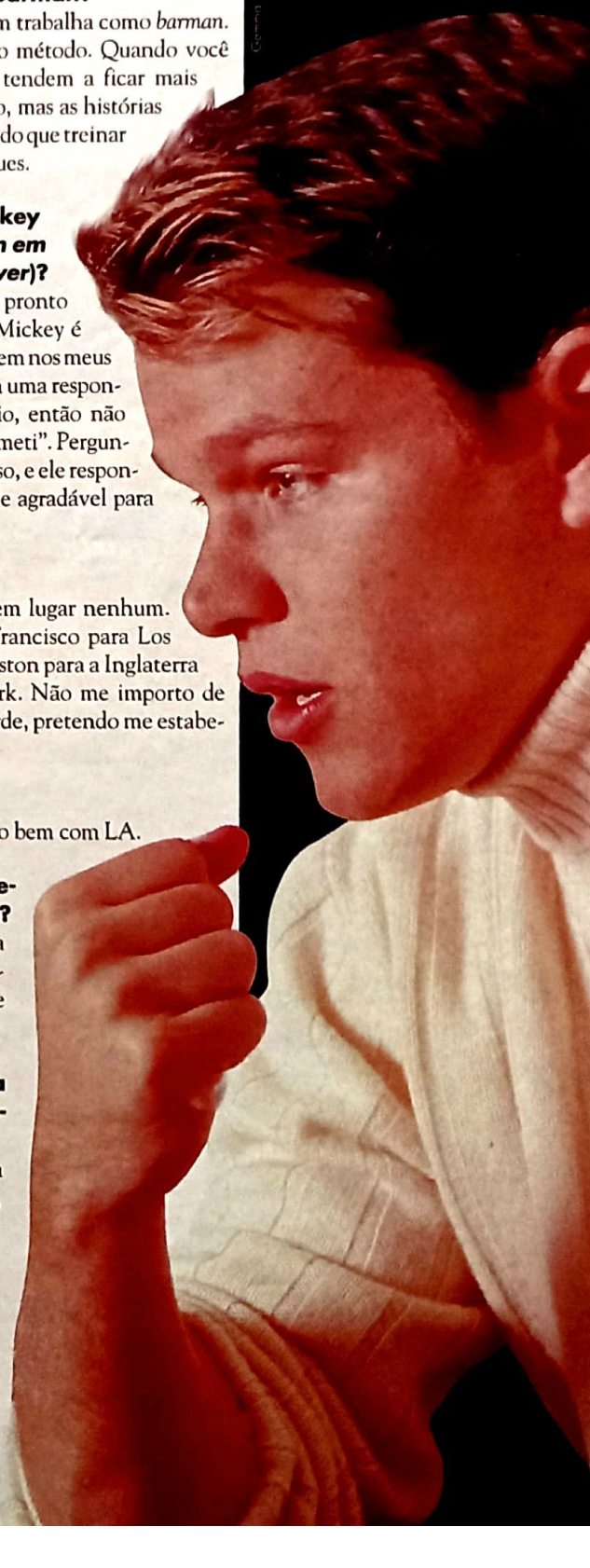
Não. Não me entendo muito bem com LA.

Algo a ver com suas objeções à indústria de cinema?

Não. Quero ficar perto da minha família. Além disso, ainda não arrumei um grupo de amigos em Los Angeles.

Seu nome tem sido ligado a uma série de novos projetos. O que há de certo?

Vou rodar *Rounders* em Nova York, com direção de John Dahl, e depois farei um papel pequeninho em *Dogma*, do Kevin Smith, com meu amigo Ben. E também vou estar em *The Talented Mr. Ripley*, que Anthony Minghella vai dirigir – e para o qual vou passar um tempo na Itália. ■



woody allen

O

Ele ode
é de to
que o p

Texto por *Christian Petermann*
Entrevista por *José Emilio Rondeau*

Veja os seus filmes, ou ignore-os. Woody Allen é um dos casos mais radicais de "decifra-me ou devore-te": os cinéfilos seguem com interesse as neuroses de seus personagens ou simplesmente o detestam, acusando-o de ser um intelectual masturbatório e pernicioso; os espectadores mergulham em suas idéias peculiares sobre vida, morte e arte ou tropeçam na total incompreensão de sua obra.

De qualquer forma, não há cineasta em atividade que se iguale a Woody, o mais independente, peculiar e autoral do time. Apesar de jurar que nunca revê seus filmes, eles parecem um gigantesco fio de um mesmo novelo: tendendo ao drama ou à comédia, deslocando-se para o passado ou para o presente, não importa – seus personagens habitam sempre um mesmo universo, o de seu criador. E um criador dos mais ansiosos, que termina um trabalho, esquece-o sem dó e já parte para o próximo, ao ritmo de um filme por ano (ou mais). Mesmo assim, ele não se considera um *workaholic*.

Woody e seus filmes viraram uma marca registrada: os créditos de abertura exibem sempre o mesmo tipo de letra sobre um fundo negro; a trilha sonora se rende sem cerimônias aos clássicos do jazz, em gravações originais; seus filmes ambientam-se em Nova York – com exceção de *Todos Dizem Eu Te Amo*, em que há cenas em duas outras cidades queridas do diretor, Paris e Veneza (onde ele se casou, em dezembro, com a ex-enteada Soon-Yi); e seus personagens são, em sua maioria, da classe média alta e com intensa vida intelectual.

O mais nova-iorquino dos cineastas é o primeiro a confessar que tem um processo criativo limitado, o que explica a semelhança entre seus filmes. Mas ele é fruto de um estilo de vida quase inflexível: Woody escreve roteiros que não o obriguem a viajar, já que tudo o que ele precisa para viver está nos quarteirões próximos à sua casa; continua detestando o campo; evita o contato social indiscriminado; tem medo de elevadores e de túneis; gosta de assistir a partidas de basquete aos sábados e de futebol aos domingos; sem falar na rotina de segunda-feira, com *jam sessions* incrementadas com o seu clarinete – e que já rendeu um documentário, o recente *Wild Man Blues*, sobre uma raríssima turnê do diretor pela Europa. Woody vive em uma ilha, isolando-se de tudo o que não o interessa e experimentando apenas aquilo que lhe diz respeito.

Com tamanha intransigência, muitos já foram os momentos em que analistas de araque o consideraram "condenado". Quando não foi receber, em 1978, os quatro Oscar de *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, disseram que a Academia o ignoraria para sempre – mas seus filmes continuam recebendo indicações (e prêmios). Este ano, por exemplo, Woody foi indicado pelo roteiro de *Deconstructing Harry*, no qual interpreta Harry Block, um escritor que constrói seus romances apropriando-se das confissões íntimas de parentes, amigos, esposas e amantes – à medida que sua fama aumenta, seu círculo pessoal, claro, diminui proporcionalmente.

Digam o que quiserem e tentem derrubá-lo se puderem, mas a verdade é que, à semelhança de Stanley Kubrick ou de Robert Altman, ele é um dos poucos cineastas a atrair astros dispostos a diminuir os próprios cachês – no caso de *Celebrity*, seu próximo filme, figuram Leonardo DiCaprio, Winona Ryder e Kenneth Branagh. Modesto, Woody diz que consegue grandes nomes apenas se eles estiverem "entre filmagens": é só pintar uma superprodução para ele ser imediatamente descartado. Não faz mal: há sempre o filme do ano que vem.

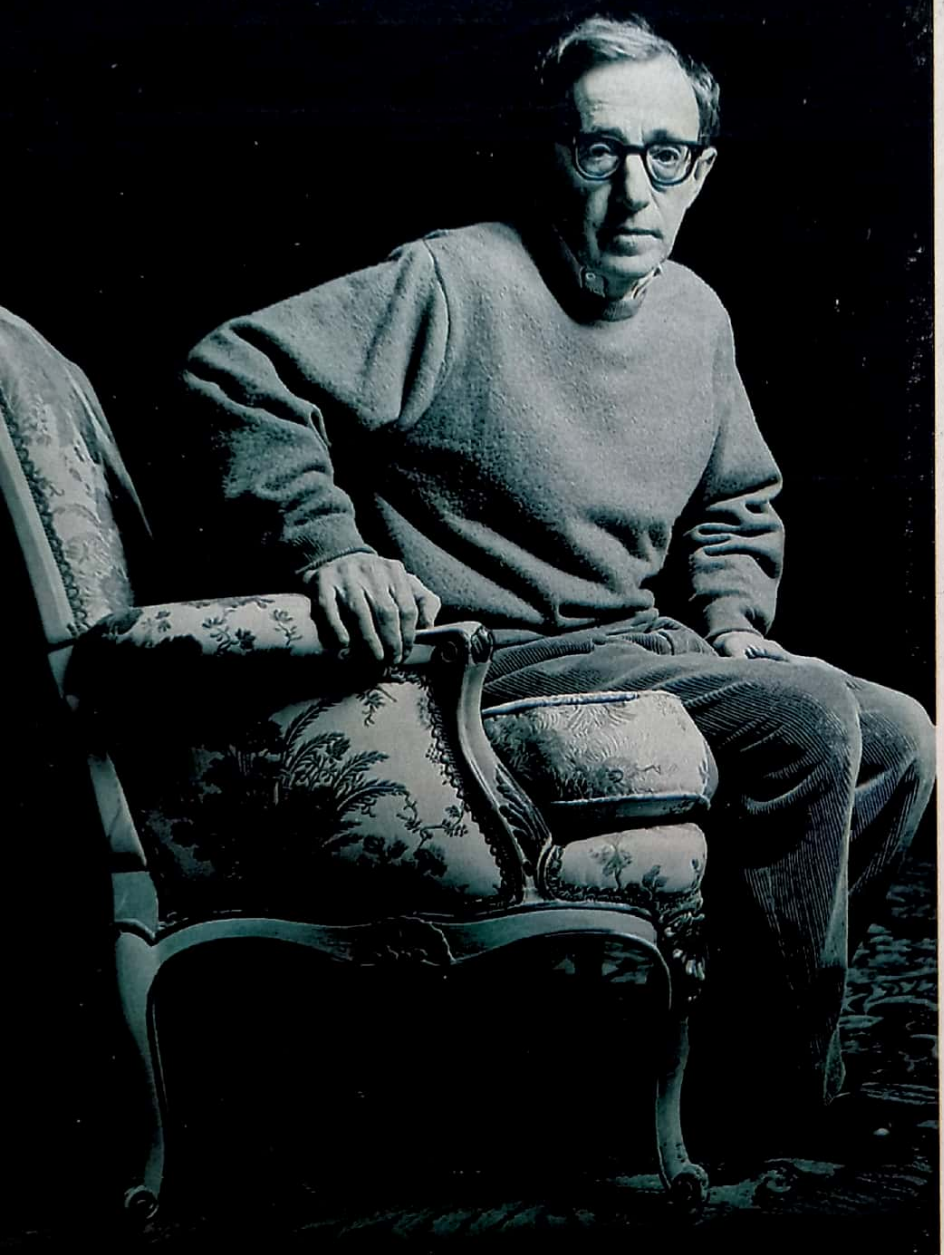
homem que é uma ilha

sair de casa, tem medo de elevadores e gosta
r clarinete e escrever. Mas faz um filme por ano,
lico não tem alternativa senão amar ou odiar

Em seu novo filme, todos os amigos do protagonista, o escritor Harry, reclamam que ele os usa em seus livros. Você alguma vez ouviu queixas semelhantes?

Eu sabia que todo mundo ia achar que este filme é um documento da minha vida. Mas não é – embora eu saiba que nem adianta fazer essa declaração, porque ninguém me leva a sério mesmo. Esta manhã, no chuveiro, decidi que se me fizessem essa pergunta eu responderia que sim, sou Harry. Mas a verdade verdadeira é que nunca tive esse tipo de problema com os meus amigos e nunca passei por nenhuma das coisas que acontecem em *Deconstructing Harry*. De qualquer forma, eu tinha certeza de que todo mundo ia achar que Harry sou eu, porque todo mundo acha que meus filmes são autobiográficos mesmo quando o tema é tão →

woody allen



"Não entendo nem os homens nem as mulheres muito melhor do que quando era jovem. Não fiz muito progresso com nenhum dos sexos. Esse não é o meu ponto forte"

"Não faço filmes de outr não sou um grande ator;

distante da minha vida quanto, por exemplo, em *Tiros na Broadway*.

Mas nunca aconteceu, por exemplo, de você ter uma conversa com alguém e achar que ela poderia ser ótima para um de seus filmes?

Como regra geral, não. Só muito de vez em quando acontece de você ter uma conversa com alguém, ou testemunhar uma situação, que imediatamente se apresenta como uma anedota ou uma vinheta magnífica para um filme. Daí, sim, eu anoto tudo – e mais tarde, talvez, venha a usá-la.

Harry é um cara difícil...

Na verdade, eu queria batizar o filme de *The Worst Man in the World* (*"O Pior Homem do Mundo"*), mas, acredite ou não, esse título já pertence a outra pessoa. E, sim, Harry é um completo desajustado. Ele é um pervertido, um alcoólatra, um cara que engole pílulas o tempo todo. Ele não consegue ter um relacionamento decente com ninguém; ele só sabe escrever. E, mesmo assim, nem é um grande escritor, um Ernest Hemingway, por exemplo. Ele só consegue dar certo no mundo de ficção que ele cria, e no qual pode manipular os personagens. Mas, na vida real, quando ele tem de lidar com pessoas que têm necessidades e sentimentos próprios, ele é um verdadeiro desastre.

Palavrões não são muito comuns em seus filmes. *Deconstructing Harry*, no entanto, está repleto deles. Alguma razão em particular?

Sim, com certeza. Palavrões são muito relevantes para este protagonista, um cara que pratica comportamentos anti-sociais de todos os tipos. Ele é infeliz, mal ajustado – ou pelo menos pensa que é –, vive irracionalmente oprimido pelo sexo e não tem nenhuma civilidade. Se ele se expressasse em termos mais aceitos socialmente, ele não pareceria tão desajustado assim.

Mas e os outros personagens à volta dele? Eles também usam e abusam dos palavrões.

Esse é o mundo em que o Harry vive e funciona. As mulheres, por exemplo, vivem furiosas com ele – o personagem de Judy Davis até tenta atirar nele.

Muitos dos seus filmes tratam do relacionamento entre homens e mu-

lheres. Você acha que está chegando perto de entender as mulheres, ou retratá-las fielmente?

Não. No começo da minha carreira de escritor, eu era incapaz de transmitir o ponto de vista feminino. Tudo o que eu escrevia era para homens. Até que conheci Diane Keaton. Ficamos tão íntimos, e eu tenho tanto respeito por ela, que comecei a criar papéis para ela. Fui melhorando, e tomando gosto pela coisa. Ao longo dos anos, todos os bons papéis que escrevi são femininos. Hoje, cheguei a um ponto em que escrevo muito melhor para mulheres do que para homens.

Mas você as compreende?

Para falar a verdade, não entendo *as pessoas* muito melhor do que quando era jovem. Não fiz muito progresso com nenhum dos sexos. Esse não é um dos meus pontos fortes.

Como os atores reagem a essa sua mania de só entregar a eles pequenas partes do roteiro?

Só faço isso com os papéis menores. Quem faz papéis maiores ganha o script inteiro. E normalmente todo mundo reage bem. Ninguém se importa. O que eu faço é, eu digo a um ator na Califórnia, em Nova York ou na Europa que gostaria de tê-lo no filme e mando a ele o trecho do roteiro em que ele aparece. Até hoje, ninguém disse que só aceitaria o trabalho se eu mandasse todo o roteiro; eles dizem sim ou não, simplesmente.

Em *Deconstructing Harry* há uma cena hilariante que se passa no inferno. Para você, o que exatamente seria o inferno em vida?

Muitos anos atrás, alguém disse: "O inferno são os outros" (*a frase é de autoria do filósofo francês Jean-Paul Sartre*). E nós, os reclusos, costumamos concordar com essa definição. Se eu pudesse ficar em casa e escrever o tempo todo, tocar um pouco de clarinete, sair para almoçar e voltar para continuar escrevendo, isso seria o paraíso. Para mim, sair e socializar é sempre um pesadelo.

Ainda nessa idéia de inferno, você várias vezes declarou ser o possuidor de várias fobias. Como vão elas? Você já conseguiu se livrar de uma ou de outra?

Não, ainda sofro dos mesmos problemas que tive a vida toda. Ainda tenho medo de túneis e de elevadores. A única coisa que consegui até hoje foi desenvolver algumas estratégias para contornar essas fobias.

Que estratégias seriam essas?

Por exemplo, dou um jeito de fazer meus filmes no meu território, sem ter de viajar. Moro num lugar em Nova York que está à distância de uma pequena caminhada de todas as coisas de que preciso para sobreviver: restaurantes, minha sala de edição e a de projeção, cinemas, teatros.

O chamado "mundo lá fora" não é o seu forte, não é?

Não. É lógico que isso acaba me comprometendo um pouco. Recebo propostas para fazer filmes ou dirigir óperas em lugares como, sei lá, Tânger, e não sou capaz de aproveitar a maioria delas. Quem sabe em outra vida.

Outro dia Steven Spielberg disse que vocês dois nunca chegaram a se conhecer, e que ele adoraria passar um tempo na sua companhia. Socializar com ele seria infernal?

Não, não seria. Mas ele está bloqueando uma lembrança. Steven e eu já nos encontramos.

Sim, isso ele disse. O que ele afirmou é que vocês não se *conhecem*.

Bem, nisso ele tem razão. Fomos apresentados muitos anos atrás, numa sessão de *Tubarão* em Nova York, depois da qual ele acompanhou a mim e a Diane Keaton num jantar. Ele me pareceu um cara ótimo, mas depois disso ficamos uns vinte anos sem nos ver – até *Contos de Nova York*, em que ele queria dirigir um dos episódios mas afinal não pôde. Eu também gostaria de conhecê-lo melhor. Tenho certeza de que teria muito a aprender com ele.

Hoje Hollywood parece estar dividida entre as produções colossais e os filmes independentes, sem meios-termos. Onde é que você se encaixa nessa história?

Nunca houve tantos filmes pequenos sendo lançados e tantos jovens cineastas em atividade, o que acho maravilhoso. Mas, pessoalmente, tive uma sorte incrível desde o momento em que comecei a trabalhar; nunca ninguém foi se meter comigo. Sempre recebi o dinheiro do estúdio e fui despachado para um canto para fazer o que quisesse; nunca tive de travar essas batalhas terríveis que os cineastas independentes enfrentam, e que muitos corajosamente vencem. Nunca houve um executivo de estúdio no meu cangote pedindo para ler o roteiro, ver o copião ou exigindo mudanças. Não há uma razão lógica para isso; foi pura sorte, desde o meu primeiro filme, *Um Assaltante Bem Trapalhão* – do qual tive o controle artístico completo, sem que isso sequer constasse do meu contrato, e sem que eu soubesse que deveria constar. Só depois de seis ou oito filmes essa passou a ser uma cláusula contratual, mas nunca tive de invocá-la ou fazê-la valer.

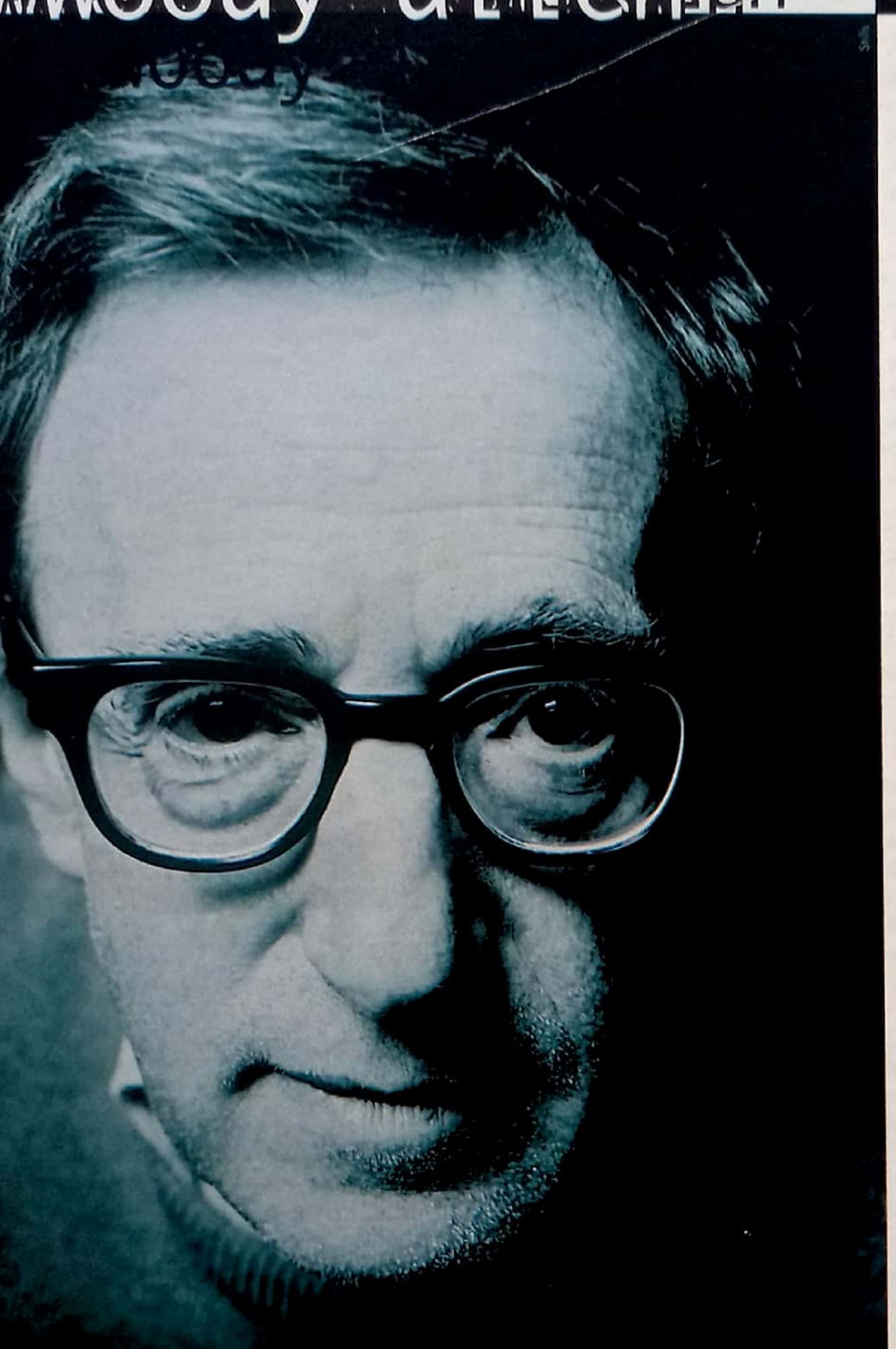
Hoje em dia é comum que só os efeitos especiais de um filme custem algo como 30 milhões de dólares. Só por diversão, você poderia nos dizer quais alguns dos efeitos que você já usou, e o quanto eles custaram?

Bem, em *Deconstructing Harry*, por exemplo, Robins Williams sempre aparece fora de foco, e isso é um efeito especial. Deve ter custado entre 250 ou 500 mil dólares. Fazer Goldie Hawn voar em *Todos Dizem Eu Te Amo* também foi um efeito especial – e se ele custa 200 mil dólares já é uma mordida considerável no nosso orçamento. Não tenho dinheiro para esses efeitos espetaculares – se bem que também nunca tive uma idéia para um deles.

Por que Robin Williams aparece fora de foco em *Deconstructing Harry*?

Muitos anos atrás, uns quinze anos talvez, eu estava passando por um desses períodos de depressão, ansiedade e desânimo e me ocorreu que eu estava fora de foco em relação à sociedade; se minha vida fosse um filme, pensei, não bastaria ajustar a lente da câmera para corrigir o foco: eu próprio é que era uma parte considerável do problema. Eu é que teria de fazer um ajuste na minha vida para entrar em foco com o resto da humanidade. Achei que era uma idéia engraçada, e transformei-a num conto. Mas não gostei do conto, e acabei jogando-o na gaveta. Até que, preparando este filme, concluí que era exatamente esse o problema de Harry Block: ele não estava em foco com ninguém. Metaforicamente, era uma boa forma de demonstrar essa idéia. →

“Meus pais me criticam calças estão compridas



“Sempre acham que os meus filmes são autobiográficos. Quando fiz *Um Assaltante Bem Trapalhão*, tive de explicar para muita gente que não queria ser ladrão de bancos”

Consta que, depois de terminar um filme, você nem olha para ele novamente. É verdade?

Sim, é. Na hora que acabei de filmar, montar e mixar o som parto para o meu projeto seguinte e nem quero mais saber do anterior. Se eu o visse de novo ficaria infeliz com todas as suas falhas e fraquezas. Como não há mais tempo de corrigi-las, sigo em frente.

Você acaba de rodar um novo filme, *Celebrity*. Parece que ele trata do mundo da moda...

Não, não, isso é só uma daquelas coisas que o pessoal publica. Há uma cena no filme, de um minuto ou um minuto e meio, que se passa num desfile de moda. O filme trata do mundo da celebridade pelos olhos de um casal divorciado – e do fato de que esse é um mundo completamente irreal. É uma vida diferente, com valores, privilégios e desvantagens diferentes, e que eu achei que poderia render um filme engraçado.

E esse é um mundo que você conhece bem...

Sem dúvida, é algo que eu conheço. Existo dentro daquele mundo das celebridades, até certo ponto.

Considerando o quanto sua vida particular foi devassada pela imprensa nos últimos anos, muita gente vai achar que *Celebrity* é autobiográfico.

Eu sei. Mas disseram isso até de *Um Assaltante Bem Trapalhão*. Tive de explicar para muita gente que não queria ser ladrão de bancos.

Na qualidade de cineasta que faz um filme atrás do outro, você poderia falar um pouco sobre quais são as suas motivações?

Basicamente, gosto de trabalhar. Não quero que meus filmes sejam eventos. Eu os promovo porque o estúdio quer assim. Eles me dizem que para mim é fácil simplesmente ir embora, mas eles gastaram 15 ou 18 milhões e precisam de uma forcinha para recuperá-los. Mas, como trabalhador, gosto de fazê-los, terminá-los, não ler as críticas sobre eles, não ir às festas de estréia e começar meu filme seguinte.

Você se considera um *workaholic*?

Dizem que sou, mas eu não acho que

seja. Tenho muito tempo livre para ir ao cinema e ao teatro, tocar clarinete e ficar em casa vendo esportes na televisão. Os *workaholics* genuínos trabalham até tarde da noite e nos fins de semana. Eu não. Volto para casa do set de filmagens às seis e meia da tarde, janto com meus amigos num restaurante ou vou a um jogo, leio um pouco e vou dormir. De manhã, quando me levanto, ando na esteira e pratico clarinete. Então realmente não me vejo como um viciado em trabalho. A questão é que, quando você trabalha todos os dias, mesmo que não seja horrores, as coisas andam, e de fato é um contraste com o pessoal que não trabalha muito. Tem gente que faz um filme e janta à custa dele durante três anos; quando querem filmar de novo, precisam correr atrás do dinheiro, dos atores, da equipe, ao passo que todas essas coisas já estão engatilhadas, à minha espera, assim que acabo um filme e vou começar outro. Para essas pessoas, sou um maluco por trabalho.

Seus vizinhos não reclamam quando você ensaia com seu clarinete?

Boa pergunta. Moro numa cobertura dúplex, portanto, se subo para o segundo andar, não há vizinhos nem acima nem abaixo de mim. Posso tocar até as duas ou três da madrugada que ninguém me ouve. Mas, se estou viajando e me hospedo num hotel, daí ensaiar pode trazer problemas. Na verdade, já trouxe.

Por que você não aparece nos filmes de outros diretores?

Porque não me convidam. Eu ficaria feliz de trabalhar no filme de uma outra pessoa, desde que ele não fosse rodado na Rússia ou em Tânger e que me oferecessem um papel que eu seja capaz de interpretar. Não sou um grande ator; sei fazer personagens que falam como eu. Não sei fazer Chekhov, ou um general do Pentágono.

Falando com Robin Williams na semana passada, ele mencionou que você não gosta de filmar à luz do sol. Por quê?

Em termos gerais, aquelas paisagens felizes e ensolaradas da vida real não ficam muito bem em filme, não são fotogênicas. As luzes e as sombras são muito fortes, os contrastes parecem muito gritantes. Qualquer diretor de fotografia vai lhe dizer que a luz acinzentada é muito mais bela na tela, assim como a luz do final da tarde. Meu orçamento não permite muitas frescuras, mas tento aproveitar ao máximo os dias nublados e descartar os ensolarados.

Você está com 62 anos. Que tal é envelhecer?

Não gosto, pela simples razão de que isso me aproxima da morte, e de que o corpo vai se deteriorando. À medida que você envelhece, sua vida deixa de girar em torno do trabalho, ou seja lá do que for, para se concentrar nos seus problemas físicos. Ando na esteira todo dia, tomo vitaminas e aspirinas infantis, mas não há muito o que eu possa fazer. É a marcha inexorável do tempo.

Mas a velhice não torna as pessoas mais sábias?

Quando as pessoas são sábias, elas o são de nascença. A experiência pode ajudar um pouquinho, mas o dom da compreensão é dado a você desde o forno. É como eu quando eu virei comediante: as pessoas viviam me dizendo, "Eu tenho vinte anos de experiência!". Mas ela só responde por uns 2% da sua competência; a primeira vez em que um bom ator sobe no palco, ele já é 90% do que virá a ser.

Como vai o seu relacionamento com Soon-Yi?

Exatamente igual ao que estava no ano passado. Estamos juntos e muito felizes. Soon-Yi está na Universidade Columbia, estudando pedagogia para deficientes. Me considero afortunado por ter um relacionamento tão positivo.

Vocês pensam em ter filhos?

É uma possibilidade, algo em que temos falado. Tenho 62 anos, mas sou jovial e cheio de energia, e meus pais ainda estão vivos. Meu pai tem 97 anos e minha mãe, 91, e eles estão em ótima forma. De maneira que filhos são uma possibilidade razoável para nós.

Sua mãe ainda critica você muito?

Minha mãe ainda me critica em tudo. Se vou visitá-la, ela diz que preciso cortar o cabelo, e meu pai emenda que as minhas calças estão compridas demais. "Como você pode falar das minhas calças?", retruco. "Você tem 97 anos! Como pode *enxergar* as minhas calças?" ■

TIRADAS DE GÊNIO

"Por favor, não atirem em mim. Eu tenho uma tolerância muito baixa à morte."
Em *Casino Royale*

"Eu deveria ter um emprego para o qual tenha alguma aptidão. Por exemplo, doar esperma."
Em *Bananas*

"Por que fui largar a faculdade? Hoje eu poderia ser alguém... Eu estava no programa de estudos africanos. A esta altura eu já poderia ser negro!"
Em *Bananas*

"– Você é um ótimo amante."
"– É que eu pratico muito sozinho."
Em *A Última Noite de Boris Grushenko*

"– A comida neste lugar é péssima."
"– É, e as porções são tão pequenas."
Em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*

"É tudo questão de sorte. Se eu tivesse nascido na Polônia, hoje seria um abajur."
Em *Stardust Memories*

"Um cara vai ao psiquiatra e diz: 'Doutor, meu irmão está louco. Ele pensa que é uma galinha'. O médico pergunta: 'Então por que você não o interna?'. E o cara: 'É o que eu faria – mas preciso dos ovos'."
Em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*

"Tenho instintos suicidas. Na verdade, só não me matei porque meu psiquiatra me cobra pelas sessões em que falto."
Em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*

"Para a Ku Klux Klan, Zelig era uma tripla ameaça: um judeu capaz de se transformar em negro ou em índio."
Em *Zelig*

"Estou tratando de um caso muito interessante: dois pares de gêmeos siameses com personalidade dupla. Para cada consulta, ganho o equivalente a oito."
Em *Zelig*

"A última vez que estive dentro de uma mulher foi quando visitei a Estátua da Liberdade."
Em *Crimes e Pecados*

"A vida não imita a arte; ela imita um programa ruim de televisão."
Em *Maridos e Esposas*

"Quem manda em casa sou eu. Sua mãe só toma as decisões."
Em *Poderosa Afrodite*

De bem com a vi

"Levei muito tempo para ser menos esperta e passar a ser mais sábia". Com essas palavras, Sharon Stone se definiu como atriz e celebridade no momento em que completou quarenta anos, no dia 10 de março. Com uma risada franca e ao mesmo tempo sexy, ela revela estar satisfeita com a vida. Passados os anos de luta, já reconhecida como atriz de talento e bem menos ansiosa para escolher seus próximos papéis, ela descobriu, finalmente, que a única coisa que importa é estar em paz. Vão longe os anos em que, para manter em alta o furor provocado pela Catherine Tramell de *Instinto Selvagem*, Sharon assumia um comportamento instável e passional, namorando de galho em galho e escolhendo filmes que explorassem seu potencial erótico.

Um sinal evidente de que uma das mais belas loiras do cinema sossegou o facho foi seu recente casamento com o editor-executivo do *San Francisco Examiner*, Phil Bronstein, de 47 anos. A cerimônia se deu, sugestivamente, no Dia dos Namorados americano, 14 de fevereiro. O convite não deixava clara a intenção da festa, mas incluía um poema de amor de Bronstein. Quando os cerca de 120 convidados chegaram à mansão de 4,5 milhões de Sharon, exigiu-se que todos deixassem câmeras e celulares na porta. A partir desse momento, os famosos sabiam tratar-se do casamento secreto da atriz.

Quando indagada se a idade não a incomoda, ainda mais agora que está assumindo uma nova rotina doméstica, Sharon apenas responde que se sente com quarenta anos desde o dia em que nasceu. Agora que finalmente chegou lá, está exultante, já que achava um tédio ser jovem. De fato, aquela não foi uma fase pródiga em motivos de comemoração – nem em sua carreira como modelo, nem em seu frustrado desempenho no mundo da música (ela chegou a compor algumas canções insignificantes), e muito menos nos filmes horrorosos que fazia.

É claro que essa relação amigável com a idade deve muito à beleza de Sharon, que só ganha em brilho com os anos. Ela é prova de que beleza, sim, põe a mesa: se não fosse pelo rosto luminoso e pela silhueta escultural, não seria perdoada por protagonizar uma sucessão de fracassos artísticos e de bilheteria. À exceção do conceituado *Cassino*, ela quase só marcou presença em idiotices como *Invasão de Privacidade*, *Diabolique* e o recente *Esfera*. Mesmo depois que assumiu o controle de sua carreira, as escolhas não têm sido das mais felizes. Sharon chegou a um ponto, porém, em que permanece invicta no pódio das mulheres mais poderosas de Hollywood e está acima do bem e do mal basicamente por um motivo: o glamour.

Hoje em dia, porém, glamour só não basta; é preciso mostrar serviço e defender o território. Por isso Sharon tem uma produtora, a Chaos, na qual só trabalham mulheres, e engrossa o coro de descontentes como Susan Sarandon e Jodie Foster, que se queixam do desprezo à mão-de-obra feminina em Hollywood. Suas campanhas assistenciais são um capítulo à parte: há mais de dez anos ela colabora com a irmã Kelly (que vive em uma cadeira de rodas por causa de um acidente) no programa Planet Hope, que dá treinamento profissional a meninos de rua, e é também porta-voz da Amfar (Fundação Americana para Pesquisa da Aids), no lugar de Elizabeth Taylor. A atriz pretende levantar 76 milhões de dólares em três anos para o combate à Aids – e, em pouco mais de um ano, já arrecadou cerca de um terço do total.

Sharon já é um patrimônio do cinema, um pedaço de bom caminho que gosta de degustar um vinho encorpado, fica horas conversando em restaurantes e adora a Califórnia. Certa vez, perguntaram-lhe qual seria a instituição que poderia levar seu nome. Sempre espirituosa, respondeu: "A Escola Sharon Stone de Comportamento Pretensioso, Provocação Sexual e Desrespeito a Condutas Aceitáveis". Parece uma descrição da Sharon de ontem. A de hoje é felicidade só. E a de amanhã? Em breve ela será vista na refilmagem de *Gloria*, admirado filme de John Cassavetes, e atuará também como produtora em *The Mighty*, adaptação de um livro infantil. No primeiro, ela cuida de um garoto perseguido pela Máfia. No segundo, será a mãe de um menino doente, esperto e altruísta. Será que esses filmes indicam que o próximo passo é a maternidade? Como resposta, Sharon dá apenas mais um de seus sorrisos enigmáticos.

Você fez quarenta anos, uma idade que apavora muitas atrizes. Que tal a sensação?

É uma data que eu estava esperando com ansiedade. Desde o dia em que nasci me sinto como se tivesse quarenta anos – legitimar essa situação, portanto, é algo muito especial, e motivo de euforia. Sempre achei que ser jovem era um saco, e mal podia esperar para ser, ahh, uma mulher de verdade.

Você acha que Hollywood está tão feliz quanto você por seus quarenta anos?

Há atores de cinqüenta que dizem que estou velha demais para contracenar com eles. Ou atores de sessenta que contracenam com garotas quinze anos mais novas do que eu. Qual é a deles? Há algo de valioso em envelhecer. Gosto de homens que mostram na cara que viveram, e gosto disso em mulheres também. Hoje posso contribuir com algo para os meus papéis, ao passo que aos 25 anos não sabia distinguir o meu cotovelo do meu traseiro. Não posso imagi- →

da

Stills

Que ela é loira e linda, todo mundo sabe. Que ela continuaria a ser a maior estrela do cinema quando chegasse aos quarenta, ninguém desconfiava. Só ela mesma: "Eu mal podia esperar para virar uma mulher de verdade"

Texto por *Christian Petermann*
Entrevista por *José Emilio Rondeau*

nar que uma mulher de quarenta não valha tanto ou mais do que uma garota.

Seu sucesso começou com *Instinto Selvagem*, quando você criou uma imagem de mulher que é sexy e, ao mesmo tempo, tem controle total da situação. Nos últimos anos, porém, você tem ficado mais e mais distante dessa personagem. É uma decisão ou um acaso?

Toda vez que penso em começar um novo filme, tento encontrar um papel que nunca tenha feito antes. Pode ser uma personagem forte e determinada, como a cientista Beth de *Esfera*, ou uma pessoa mais introspectiva e vulnerável, como a Sally de *Intersection*. É claro que já percebi que o público prefere quando escolho papéis marcantes, mais sensuais e arriscados – mas para isso é preciso também atores fortes à sua volta, além de diretores confiantes, que não queiram confinar uma atriz ao espaço de manobra deles. Pessoalmente, gosto de personagens divididas – loucas, ou chapadas, ou dúbias, porque elas permitem que você se mova de um extremo a outro, como na vida. Outro dia, por exemplo, eu estava assistindo a um filme de Orson Welles – *O Estranho* –, e há uma cena numa mesa de jantar em que ele está contando uma história; quase dá para visualizar que ele está dizendo uma coisa e, na cabeça dele, a trama que está se desenrolando é outra. Isso é o que acho fascinante em interpretar.

Você acha que a mente é tão poderosa a ponto de criar o céu ou o inferno?

Sim. Considerando que ganho a vida materializando pessoas inexistentes, acredito piamente que criamos muito do que acontece conosco – talvez todos tenhamos um destino, mas há muito espaço para decidir o que fazer dele, com que integridade aceitá-lo, e como ele poderá levar ao próximo passo.

Você alguma vez tentou praticar esse tipo de visualização positiva – por exemplo, no início de sua carreira?

Bem, só pelo tipo de começo de carreira que eu tive já dá para ver que essa não era bem a minha praia. Mas, logo depois das filmagens de *O Vingador do Futuro*, tive um acidente de carro sério, que me deixou presa a um aparelho para a coluna durante nove meses. Tive de fazer montes de fisioterapia, e não podia levantar da cama. É uma experiência que leva ao isolamento e à instrospecção. Exatamente nessa época, fui convidada a fazer o discurso para a reunião da minha turma de colegial. Comecei a escrever, a pensar sobre a minha vida e a minha carreira, e cheguei à conclusão que tinha desistido de muitos dos meus sonhos na tentativa de ser uma boa menina – ter um emprego, ganhar a vida, essas coisas. Eu estava na profissão que tinha escolhido, mas o melhor do meu trabalho estava sendo feito durante as aulas de interpretação; o salário estava vindo de filmes péssimos e ridículos. Decidi que não toparia mais esse tipo de emprego; se tivesse de ser garçonete para me sustentar enquanto procurava papéis melhores, é o que faria. Só quando me dei o respeito como atriz é que comecei a receber propostas melhores. É engraçado. Quando você muda, não é preciso sair anunciando isso para todo mundo: o próprio fato de você ter mudado faz com que você atraia coisas diferentes. Simplesmente acontece.

"Não sou tão inteligente quanto dizem: demorei muito a descobrir que não precisava parecer mais ou melhor do que sou. Precisei de tempo para deixar de ser esperta e passar a ser sábia"

Já faz parte do folclore de Hollywood a informação de que você foi uma estudante dotadíssima e que tem um QI de 154...

Parece que ele diminuiu bastante ao longo dos anos.

Quais são as vantagens e desvantagens de ser tão esperta?

Não me acho tão esperta assim, porque levei muito tempo para descobrir coisas muito simples – por exemplo, que eu não precisava parecer mais ou melhor do que sou, e que trazer minhas idéias, meus sentimentos e minha imaginação para o trabalho já seria o suficiente. Às vezes ser esperta é um problema; você planeja demais o futuro e nem percebe que a vida já está acontecendo. Precisei de um tempo para ficar menos esperta e mais sábia.

Você acabou de rodar *Gloria*, um remake dirigido por Sidney Lumet do filme feito em 1980 por John Cassavetes, sobre a ex-namorada de um gângster que protege um garoto da máfia durante uma perseguição por Nova York. Você poderia contar o que achou desse novo trabalho?

Não há muito o que dizer neste momento, porque o filme não está concluído. Ainda não dublamos os diálogos, e nem sequer há uma cópia montada. Daqui a alguns meses vou poder responder a essa pergunta.

E quanto a *The Mighty*, que você também acaba de produzir e estrelar?

Bem, antes de mais nada é preciso dizer que não sou a estrela de *The Mighty* – só *estou* no filme, que é baseado num livro infantil premiado. Faço uma mãe suburbana que está até o pescoço de problemas com seu filho, um menino encantador, mas que sofre de uma doença incurável e não tem muito tempo de vida. A história é, na verdade, sobre esse garoto e um amigo de escola dele. Os dois se apaixonam pelo mito do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda e, juntos, tentam realizar feitos heróicos.

Tanto em *The Mighty* quanto em *Gloria*, então, você interpreta uma figura materna. Suas lembranças da infância influíram de alguma forma nesses desempenhos?

Quando eu era pequena, meu pai trabalhava em turnos numa fábrica, o que significa que num espaço de poucos dias ele se revezava primeiro no turno da manhã, depois no da tarde e em seguida no da noite. Ele realmente não tinha muito tempo para ficar conosco, de forma que todas as responsabilidades recaíam sobre a minha mãe. Ela cuidava da casa e dos quatro filhos, fazia as refeições, pensava em tudo e estava sempre esgotada. Agora que todos nós saímos de casa e meu pai se aposentou é que eles finalmente podem viver o romance deles. E só agora também eu vejo o quanto eles puseram a própria vida de lado para tentar ser bons pais. É claro, porém, que eles eram muito jovens; tinham quatorze anos quando se conheceram e dezessete

quando começaram uma família. Hoje, portanto, quando penso na maternidade, vejo-a com os olhos de uma mulher de quarenta anos, o que me dá uma perspectiva muito diferente da deles – sem falar que tenho uma vida privilegiada, especialmente em comparação com a que eles tiveram.

A idade mudou também as qualidades que você busca num homem?

Ah, mudou. Quando você fica mais velha você quer um cara legal; quando você é jovem, não existe nada mais chato do que um cara legal.

Só por curiosidade: quais são as perguntas pessoais que não posso fazer a você *(antes da entrevista, como de praxe, o repórter foi avisado que Sharon não permitiria perguntas de cunho pessoal)*?

Esperto você, não? E com esse ar de inocência... Falando sério, acho que há tantas coisas sensacionalistas, infundadas e inverídicas sendo divulgadas, há uma falta de decoro tão grande na forma como a mídia trata a vida particular das pessoas, que não é saudável nem sensato levar assuntos pessoais a público.

Hoje em dia todo mundo está dizendo que uma das lições que *Titanic* ensinou à indústria de cinema é que um filme não precisa de grandes astros ou estrelas; se ele for um evento, é o bastante para a platéia. O que você acha disso?

Acho que *Titanic* é um caso muito particular. Tentar repetir esse impacto é a degeneração de uma idéia, e o resultado nunca terá tanta força quanto o original. Não entendo por que as pessoas que tomam as decisões nesta indústria têm tanta dificuldade em entender que repetir fórmulas não funciona, que a platéia quer coisas novas.

Mas você acha que as pessoas precisam de astros?

Não sei se é essa a questão. Tudo o que sei é que, quando vou ver Robert De Niro num filme, fico feliz só por ele estar lá – não importa se ele está interpretando o demônio, um assassino, um médico ou um doente mental. Vou ver Bob porque gosto dele. Não sei se as pessoas precisam de astros, mas elas certamente precisam desse relacionamento. Você vai ao cinema ver alguém querido, descobrir o que o sujeito anda fazendo. Às vezes você olha o jornal e descobre que perto da sua casa está passando um filme ótimo, mas no qual não conhece ninguém, e um outro com Fulano ou Beltrano, que é um ator que você curte. Freqüentemente, você vai escolher o segundo e preferir passar aquela sessão na companhia de um amigo, não de um estranho. ■

Teste de Qualidade

Os filmes de Sharon Stone que agüentam uma revisão:

- **MEMÓRIAS:** Um Woody Allen sentimental e metalingüístico – em sua estréia literalmente passageira, Sharon acena do trem no começo do filme.
- **POR TRÁS DA LUA:** Christian Slater recebe a maior força da linda e loira para seguir seu sonho de ser um astronauta.
- **O VINGADOR DO FUTURO:** O diretor Paul Verhoeven, com senso de humor e violência, diverte-se ao fazer Arnold Schwarzenegger trocar sopapos com Sharon.
- **ELE DISSE, ELA DISSE:** Simpática comédia tipo "guerra dos sexos", na qual Sharon é a amante fatal de Kevin Bacon.
- **INSTINTO SELVAGEM:** A cruzada de pernas mais famosa do cinema ainda é o ápice da carreira da atriz.
- **INVASÃO DE PRIVACIDADE:** Na ducha com William Baldwin.
- **O ESPECIALISTA:** Na ducha com Sylvester Stallone.
- **RÁPIDA E MORTAL:** Faroeste pastel de Sam Raimi, com Sharon de cabelos desgrenhados e Leonardo DiCaprio tentando se passar por adulto.
- **CASSINO:** A conclusão da trilogia mafiosa de Martin Scorsese mantém o clima febril e trágico e mostra a atriz na sarjeta, doida e acabada.
- **DIABOLIQUE:** A parceria de Sharon e Isabelle Adjani era promissora – mas este suspense só vale por provocar gargalhadas involuntárias. E por Kathy Bates.

clint eastwood

VAI ENCA

Não adianta provocar, que ele não cai na armadilha: Clint de que não dar bola para a opinião alheia é a melhor polí perto dos setenta mantendo com folga o posto de maior

Alto e empertigado, andando com aqueles passos largos e objetivos que compartilha com as dezenas de personagens que já interpretou no cinema, Clint Eastwood emana tranqüilidade – visível na maneira mansa mas decidida com que responde a uma saraivada de perguntas, ou no jeito caseiro com que interrompe uma entrevista para se servir no bufê, comer um pouquinho, cobrir o prato com um guardanapo e declarar: "Agora sim já consigo parar em pé". Clint escolhe tão bem as palavras que usa que parece tê-las ensaiado antes, e equilibra humor e seriedade de forma tão ágil que não há como negar: toda essa segurança não é só para impressionar – é verdadeira.

Aos 67 anos (que vão virar 68 em 31 de maio), Clint é a prova consumada do que sempre afirmou a respeito de si mesmo – que não dá a mínima para a opinião alheia. Se desse, não teria se arriscado a, na década de 60, ter ido trabalhar com um obscuro diretor de nome Sergio Leone em faroestes italianos que depois viraram clássicos. Ou não teria desafiado a própria imagem de machão, conquistada com o papel do detetive Dirty Harry durante os anos 70, fazendo um drama romântico como *As Pontes de Madison*. Ou teria ficado deprimido com a frieza dedicada a seu último filme, *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*, sobre um assassinato que põe em polvorosa os excêntricos habitantes da cidade de Savannah, no Sul dos Estados Unidos – e tanto não ficou que já está tocando um punhado de novos projetos, com o mesmo ânimo e a mesma calma de sempre. Se ligasse para o que os outros dizem, enfim, Clint não seria Clint.

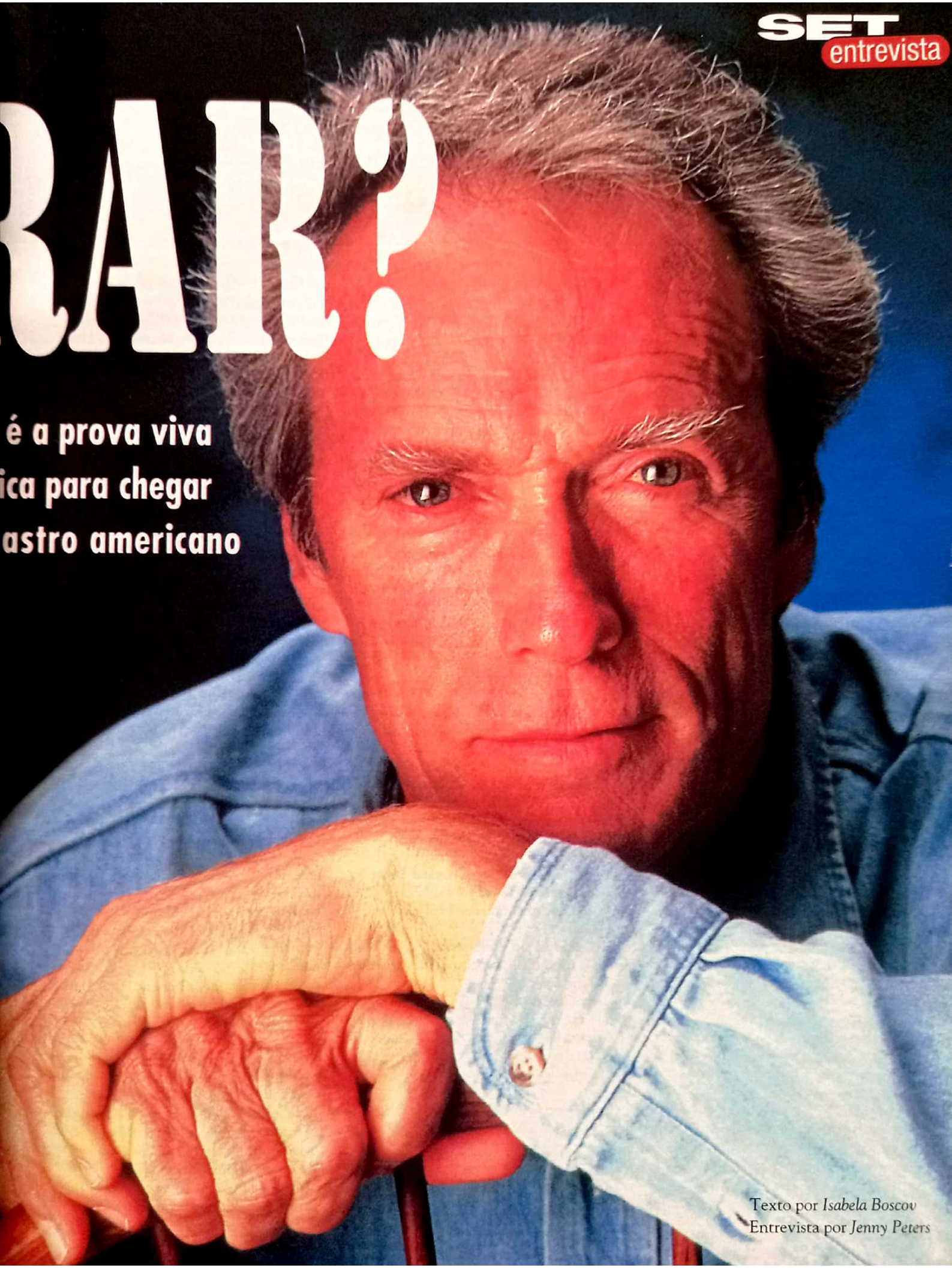
O que não há como negar é que, depois de mais de quarenta anos de carreira, ele é um homem muito diferente daquele que, nos anos 70, despontou como o verdadeiro astro americano, o único com culhões suficientes para vestir o chapéu que fora de John Wayne. Casado pela segunda vez com a jornalista Dina Ruiz (descontando-se aí longas e tumultuadas relações, como a que manteve com a atriz Sondra Locke), com quem teve uma menina em 1996 (a mais nova de seus cinco filhos), Clint revela um prazer indisfarçável em demolir os mitos em torno de sua pessoa. Quando lhe perguntam em tom de provocação se possui armas e gosta de atirar, a resposta vem pausada, clara e sem um pingo de contrariedade: "Ter uma arma é o único direito que ninguém pode ter, porque é o direito que destrói todos os outros", afirma o sujeito que ficou famoso por exterminar – na tela, é claro – todos os piores bandidos de San Francisco. Clint vai mais longe e não hesita em contar que, durante um jantar benemerente qualquer, ele e Dina, que quase não se conheciam mas já estavam enamorados, ficaram de mãos dadas sob a mesa. Coisas de homem com H.

Todos os atores com quem você já trabalhou o descrevem como um diretor incrivelmente gentil, paciente e democrático. De onde nasceu esse estilo? De já ter trabalhado com tantas pessoas e ter formulado o que seria o diretor ideal?

Nunca pensei nisso conscientemente, mas talvez seja essa a razão. Vindo como vim do outro lado do balcão, trabalhei tanto com diretores solidários quanto com outros que não davam muita bola para o aspecto da interpretação – do tipo que mal pode esperar que o ator diga suas falas para tirá-lo do caminho e cuidar dos movimentos e ângulos de câmera. Foi uma boa maneira de aprender o que fazer e o →

RAR?

é a prova viva
ica para chegar
astro americano



Texto por *Isabela Boscov*
Entrevista por *Jenny Peters*

clint eastwood

"É preciso encarar o que se publica com filosofia. Mesmo as pessoas que dizem coisas boas sobre você podem estar erradas. Nunca se sabe"

que *não* fazer. Atuar é uma profissão estranha: aquele adágio de que todo ator acha que aquele trabalho será o seu último não é mentira. É a mais pura verdade. É uma profissão insegura. Portanto, se você fizer com que os atores se sintam seguros, conseguirá deles um desempenho melhor, e com mais facilidade. Por isso é que, embora eu tente me interessar por todos os aspectos envolvidos na realização de um filme, o da atuação ainda lidera as minhas simpatias.

Por que você não quis se incluir no elenco de *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*?

Achei que eu mesmo não seria uma escolha tão boa quanto os atores que elegi.

Já se escreveram muitas coisas boas e ruins sobre você ao longo dos anos. A esta altura, você ainda liga para o que os outros dizem?

Outro dia um amigo que tem mais ou menos a minha idade disse: "Existe pelo menos uma coisa boa em chegar aos sessenta: ninguém mais pode te prejudicar". Ele tem razão. É preciso encarar a coisa com certa filosofia e perceber que tudo o que se diz são opiniões individuais. Mesmo as pessoas que dizem coisas boas sobre você podem estar erradas – nunca se sabe.

À medida que você fica mais velho, você sente uma certa urgência em trabalhar? Você se preocupa com o fato de que talvez não possa fazer mais do que uns dez novos filmes?

Ei, não vá apressando as coisas assim (*risos*). Mas não há mais urgência; na verdade, há menos. Quando você amadurece, não sente aquela necessidade de emendar um projeto no outro. Faço filmes à medida que eles surgem, e tento aproveitar a vida – ao contrário do que fazia nas décadas de 60 e 70, por exemplo, muitas vezes à custa da minha vida pessoal.

O que você viu no livro *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal* que fez você pensar que ele daria um bom filme?

Nos dias de hoje, em que somos criados à base daquelas edições rápidas da MTV ou de filmes que dependem de efeitos especiais para seguir adiante, achei que seria bacana voltar àquele jeito antigo de contar uma história, no qual lida-se com personagens e com os problemas deles. Neste caso em particular, os personagens retratados pelo autor John Berendt imprimem à cidade de Savannah uma excentricidade que despertou a curiosidade de muita gente. Pelo menos é o que se pode julgar pela popularidade do livro. Creio que qualquer cidade do mundo tem um lado interessante, se você se der ao trabalho de garimpá-lo. Mas Berendt fez Savannah parecer meio incomum, quase isolada, o que é muito provocante.

Sua filha, Alison, tem um papel no filme, como o par romântico de John Cusack. Que tal é dirigir as cenas de amor da própria filha?

Não há problema nenhum. Trato todos os atores como os profissionais que eles são. E, de certa forma, até que é bom estar lá para ficar de olho.

É verdade que uma dessas cenas de amor acabou ficando no chão da sala de montagem?

Muitas coisas foram cortadas do filme. Se usássemos o roteiro na íntegra, precisaríamos de quatro horas de projeção, e duvido que alguém na platéia agüentasse tudo isso. Todo mundo se sacrificou um pouco.

John Cusack disse que essa cena foi feita em uma tomada só.

Foi. Isso faz parte do "ficar de olho".

Há menos de dois anos, você teve mais uma filha, Morgan. Tem trocado muitas fraldas?

É ótimo ser pai de novo. Tenho um amigo que diz que todo mundo deveria ter uma criança pequena em casa, em qualquer idade. Isso transmite uma certa vitalidade. E, sim, troco fraldas.

E quanto a se tornar um marido de novo?

Também é ótimo. E esta é a última vez.

Se você pensar na década de 60, quando sua carreira tomou impulso, o que mudou para melhor e para pior no cinema?

Não sei, porque meu ponto de vista naquela época era outro – o de um jovem tentando produzir ao máximo. Como cineasta, há muitas vantagens em fazer filmes hoje, no sentido que, se você já tem uma certa reputação, goza de muito mais liberdade. Da mesma forma, nos anos 40 e 50 havia uma outra vantagem: os estúdios manjavam um pouco mais do negócio. Mal comparando, se era preciso fazer uma neurocirurgia chamava-se um neurocirurgião. Hoje muita gente inexperiente faz filmes, que às vezes saem bons e outras vezes não. Mas esta sempre foi uma indústria estranha; nela há muitas pessoas inteligentes e trabalhadoras, e há muita picaretagem também. Resta esperar que, no meio de toda essa confusão, as coisas boas consigam chegar à tona.

Você tem uma carreira de sucesso. Ainda lhe resta provar alguma coisa?

Eu, provar alguma coisa? Não mesmo. Apenas gosto de ver e de fazer filmes. A única coisa que há a provar é o prazer de contar uma história.

Outro dia você disse que, cinco anos atrás, não se imaginaria fazendo um filme sobre uma drag queen – como a Lady Chablis de *Meia-Noite*. O que mudou de lá para cá?

Você quer saber se estou usando batom? (*Risos*) Sempre me considerei um sujeito tolerante com o estilo de vida alheio. E também é divertido contar histórias em que há coisas que você não compreende ou que não sente. Fiz muitos filmes sobre indivíduos e a individualidade, e há algo de bacana em as pessoas de Savannah fazerem o que lhes dá na telha, seja andar com moscas amarradas ao casaco, seja ser uma drag queen.

Você acha que suas opiniões sobre esse tipo de assunto têm sido retratadas com fidelidade pela mídia?

Não acho que retratar minhas opiniões seja uma preocupação da mídia – e, se alguma vez elas foram registradas, deve ter sido por adivinhação. Mas não tenho preconceitos contra qualquer espécie de tema. Cresci vendo todos os tipos de filmes, de dramas seriíssimos a Abbott e Costello.

Como você vê esse clima acusatório que existe hoje em torno da violência no cinema?

Pensando bem, pelos padrões de hoje os meus filmes até que não eram tão violentos! Vez ou outra aparece um bom filme violento, que é bem narrado e tem algo interessante a dizer – daí tudo bem. Mas os maus filmes violentos acabam desacreditando todos os outros. A violência, porém, é algo de que tenho tentado me distanciar nos últimos anos. Quando estávamos fazendo *Os Imperdoáveis*, Gene Hackman mencionou que não tinha o mínimo interesse em fazer um filme violento. Eu disse a ele que, com aquele projeto em particular, poderíamos emitir uma opinião sobre a violência, não só na vida, mas também no cinema. Nesse momento ele cedeu, achando que seria uma idéia oportuna. Hoje em dia, nos filmes de que participo às vezes há uma ou outra cena de ação, com um pouco de violência, mas essa não é mais a tônica dos meus projetos. Nada de caos.

Será que é por causa da idade?

Provavelmente.

Você ainda não está recebendo os seus cheques da aposentadoria, está?

Não, não estou, e quando recebê-los vou tratar de dá-los para alguma outra pessoa. Gosto de ter tempo livre, mas não quero ser obrigado a tê-lo. Provavelmente vou trabalhar até o fim da vida.

Algum novo projeto em vista?

Estou trabalhando em uns dois ou três projetos no momento, mas ainda não me decidi por nenhum deles.

Você vai atuar, dirigir, ou ambos?

Vou atuar e dirigir.

Se algum dia você tivesse de escolher entre os dois, com qual ficaria?

Gosto das duas coisas. É claro que, quando você dirige, está envolvido com todo o conjunto, e isso é divertido. Atuar também pode ser divertido, mas talvez dirigir traga mais satisfação, no final das contas.

Você acha que é melhor ator quando dirige a si próprio?

Ironicamente, acredito que sim. Tento dar o melhor de mim para qualquer diretor com quem trabalhe, mas acho que ao longo dos anos fui tão bom para mim mesmo quanto para os outros atores que dirigi.

Você se vê como um ícone?

Isso é tão subjetivo... Mas, quando você está na parada há quarenta anos, as pessoas chegam à conclusão que não vão se livrar de você, e que talvez seja melhor chamá-lo de alguma coisa.

Quando você era garoto, alguma vez se permitiu sonhar que um dia estaria aqui às voltas com a questão de ser ou não um ícone?

Não, absolutamente não. Quando você é criança, não tem a mínima idéia de onde vai parar. Eu pelo menos não tinha.

Você diria que houve um momento decisivo na sua carreira?

Acho que o momento decisivo provavelmente foi o primeiro emprego estável que tive na minha profissão, no seriado *Rawhide*. Parecia um milagre estar trabalhando semana após semana em algo que eu realmente queria fazer. Achei que aquele seria o ponto alto da minha carreira.

Dado o seu cacife, você ainda se preocupa com a bilheteria de seus filmes?

Não, não me preocupo. Naturalmente, tenho expectativas em relação a cada filme que faço – ninguém quer falar para um cinema vazio. Ao mesmo tempo, quando o trabalho está terminado é preciso aceitar que ele não pertence mais a você; é prerrogativa do público aceitá-lo ou rejeitá-lo. A verdade nua e crua é que há muitos filmes bons que fracassam na bilheteria, e outros, ruins, que são um sucesso. É uma loteria.

Qual a maior lição que você aprendeu em tantas décadas de carreira?

Paciência.

E qual o seu maior arrependimento?

Não se pode pensar em termos de arrependimento. Sou uma pessoa do presente – e do futuro, em certa medida, mas não se pode simplesmente ficar sentado, remoendo o passado. Relembrando sua infância, você pode desejar, por exemplo, que tivesse dado mais atenção aos estudos. Mas a vida é uma lição constante, que às vezes se aprende com facilidade, e outras vezes não. ■

O NAMORO QUE FOI PARAR NO TRIBUNAL

Sendo naturalmente discreto, Clint Eastwood odiou quando o fim de seu namoro de treze anos com a atriz Sondra Locke, estrela de vários de seus filmes (como Bronco Billy e Rota Suicida), virou processo nos tribunais – e duas vezes. A bagunça começou em 1989: o astro trocou todas as fechaduras da mansão do casal em Bel-Air, e Sondra correu para o advogado. Essa primeira ação (que Clint chegou a classificar como uma tentativa de roubar seus filhos da herança à qual teriam direito) foi retirada em troca de uma casa, 450 mil dólares e, o mais importante, a ajuda do ex para negociar um contrato de três anos com a Warner – estúdio para o qual Sondra já dirigira o bom policial Tentação Perigosa.

Ao longo desses três anos, porém, a Warner não se animou a produzir nenhum dos trinta argumentos propostos pela atriz. Pior: ela descobriu que Clint havia indenizado o estúdio pelo custo do arranjo – na quantia de 1,5 milhão –, o que tornava sua situação algo próximo de uma farsa. Os advogados do astro achavam que seria uma barbada ganhar esse segundo processo, mas se enganaram: quando, depois de um dia inteiro de debates, o júri ainda não havia chegado a um veredicto, eles correram em oferecer a Sondra um acordo fora dos tribunais, em um valor estimado em 2 milhões de dólares. Consultados depois que o caso fora encerrado, os membros do júri admitiram que estavam mesmo tendendo a favor de Sondra, por acreditarem que sua carreira realmente havia sido prejudicada pelas manobras de Clint. Prova de que quem está lá, na bancada do júri, nem sempre é o mesmo público que vai ao cinema.

Warner

Sondra Locke e Clint Eastwood em *Bronco Billy*

emma thompson

Texto por *Isabela Boscov*
Entrevista *por Lindsay Simonsen*

Mãe e filha trabalhando juntas todos os dias, de manhã até a noite? Precisa ter coragem. Mas, para estas duas atrizes, tudo é farra

Pense rápido: você toparia passar, digamos, uns dois meses contracenando com sua mãe todos os dias, de manhã até de noite, com o único propósito de recriar todo o tumulto, as diferenças e os ressentimentos que mães e filhos, mesmo os mais felizes, costumam carregar na bagagem? Se você teve uma reação humana – ou seja, vacilou e imediatamente se lembrou dos seus planos de passar as próximas férias num mosteiro tibetano –, saiba que tem gente que diz "sim" a uma proposta dessas sem nem piscar. Por exemplo, Emma Thompson e sua mãe, Phyllida Law.

É lógico que ajuda fazer parte de uma família de atores, que sempre teve mais chances de resolver seus problemas sobre o palco do que em torno da mesa de jantar. Ainda assim, *The Winter Guest*, o projeto para o qual Phyllida, 66, e Emma, 39, se reuniram, requer sangue-frio. No filme dirigido pelo ator Alan Rickman (e que ainda não tem estréia agendada no Brasil), Emma é Frances, uma fotógrafa que, logo após enviuvar, recebe a a visita inesperada – e não muito bem-vinda – de sua mãe, Elspeth, determinada a oferecer apoio à filha, quer ela queira, quer não. Enquanto caminham pelas paisagens desoladas da beira-mar escocesa, num dia gélido de inverno, elas brigam, conversam, implicam uma com a outra e constatam as enormes diferenças que as separam: enquanto a mais nova está pronta a sucumbir à dor, a mais velha reluta em perder a juventude de espírito.

Em muitos casos, algumas semanas nesse tipo de duelo é o que bastaria para provocar irreparáveis crises familiares. Emma e Phyllida, no entanto, já passaram por coisas bem piores. Emma tinha seis ou sete anos quando seu pai, Eric, um escritor e diretor, sofreu seu primeiro ataque cardíaco. Com sua condição agravada por um problema sanguíneo, ele permaneceu terrivelmente doente até sua morte, aos 52 anos. Também um tio de Emma, que morava junto com a família e era uma espécie de segundo pai para a menina, enfrentou sérios problemas de saúde desde a juventude até morrer de hemorragia cerebral. "Fui criada por pessoas que tinham de lidar com coisas muito difíceis – a doença e a morte –, mas que nunca perderam o senso de humor", contou Emma à *Vanity Fair*. "Talvez por isso é que gostemos tanto de rir", completa Phyllida. "Convivemos tanto com a morte..."

O talento cômico não foi a única coisa que essas dificuldades trouxeram à tona: até hoje, Phyllida, Emma e sua irmã mais nova, Sophie, são extremamente unidas. As três ainda moram em Hampstead – o bairro londrino que a família Thompson elegeu desde os primeiros tempos –, a poucas casas uma da outra, e o trânsito entre elas é constante. Também já atuaram juntas, aos trios ou aos pares, em diversas ocasiões. Mas nunca de forma tão intensa quanto em *The Winter Guest*. O saldo do projeto? "Nunca rimos tanto", diz Emma. "E nunca bebemos tanto uísque também".

Vocês têm uma lembrança favorita de férias?

Phyllida: Bem, quando morávamos todos juntos nunca saíamos de férias, porque éramos atores. E, hoje em dia, moramos na Escócia durante o período das férias. Então...

Então que tal uma lembrança de Natal?

Emma: OK, tenho uma boa para o Natal. Papai e mamãe sempre gostaram de colecionar antiguidades, e durante um tempo, quando as coisas não iam muito bem, chegaram até a ter um antiquário. Certa vez, papai quis fazer uma surpresa e comprou para mamãe uma cômoda antiga, de pinho, pela qual ele deve ter pago uma ninharia. Chegando à Escócia, ele colocou a cômoda no gramado minúsculo, do tamanho de um lenço, que havia em frente à casa – e que, naquela ocasião, estava coberto de neve. Durante a noite, nevou muito mais, de forma que todas as pegadas sumiram, e parecia que a cômoda tinha nascido ali, no meio do jardim. Lembro disso muito bem até hoje.

Quem sabe não foi Papai Noel quem a colocou ali?

Emma: Talvez. Mas não, meu avô postiço, um sujeito extremamente rabugento, é que era Papai Noel. Não que ele me convencesse.

Esta não é a primeira vez que vocês duas trabalham juntas, mas nunca de forma tão ambiciosa. Parece mais um sonho ou um pesadelo?

Phyllida: (*Risos*) Certamente não foi nada planejado. Quero dizer, é extraordinário, mesmo quando as suas filhas são atrizes. Não há nenhuma razão em particular para que uma mãe e filha devam ser escaladas para o mesmo elenco, e provavelmente há muitas →

negócios em família

"Não conheço ninguém que consiga perder
Da próxima vez que trabalhar com ela, eu

pelas quais elas *não* devam. Mas Emma gostava de escrever esquetes e coisas assim...

Emma: Quadros cômicos.

Phyllida: ...exato, quadros cômicos, e eu às vezes participava deles. Eu gostava mais dos musicais, porque raramente tenho chance de cantar ou dançar. O que me lembra: a primeira vez em que dancei no palco eu estava interpretando o traseiro de uma vaca.

Emma: Como você poder ver, a nossa família é de grande linhagem teatral.

Qual a sensação de contracenar com alguém tão próximo?

Emma: Antes de mais nada, neste projeto em particular, quanto tempo eu perderia tentando imaginar um relacionamento entre mãe e filha se tivesse de contracenar com uma atriz que não fosse minha mãe? Semanas. Embora minha mãe e eu tenhamos um relacionamento quase oposto ao das personagens do filme, juntas podemos transmitir essa qualidade meio subterrânea que é conhecer alguém há tanto tempo. É algo que se revela na maneira como duas pessoas ocupam o mesmo espaço, como elas se tocam. São detalhes que não tivemos de interpretar, e que deixaram o caminho livre para irmos direto ao assunto.

Vocês poderiam dar um exemplo?

Phyllida: Bem, éramos muito rápidas para perceber quando o cinegrafista estava se afogando à nossa esquerda, essas coisas.

Emma: É uma coisa indescritível, filmar na Escócia durante o inverno. Fizemos várias cenas na praia, à beira do mar, em temperaturas congelantes, com cinco horas de luz por dia e todo mundo filmando feito louco. Mas o mar não congela e, sem que você perceba, a maré começa a subir. O coitado do cinegrafista sempre acabava com água até os joelhos.

Phyllida: Além das esperas intermináveis. Não podíamos filmar em dias ensolarados – às vezes faz sol na Escócia, embora esse não seja um fato de conhecimento geral. Alan Rickman gritava: "A Mãe Natureza quer aparecer no filme! Mas por que ela tem de vir de biquíni?".

Vocês descobriram coisas novas uma sobre a outra neste filme?

Phyllida: Não. Sempre me surpreendo com a inteligência de Emma sob circunstâncias adversas.

Emma: Ou só inteligência, ponto (*risos*). Eu, por outro lado, sempre me surpreendo com o quão implacavelmente bagunceira minha mãe é. E que capacidade para perder chaves de hotel! Nunca na vida fiquei tantas vezes trancada do lado de fora do quarto, esperando o segurança aparecer. Da próxima vez que trabalhar com ela, quero ter meu próprio kit de arrombadora. Ela chegou a ficar trancada dentro do lavabo do Hotel Carlisle.

Phyllida: Demorou meia hora para me tirarem de lá. Entrei em pânico. Bem, eu estava com fome. Pedi a Emma para pisar num sanduíche e passá-lo por baixo da porta.

Essas histórias soam bem familiares. Se um dia eu ganhasse o Prêmio Nobel, a primeira coisa que minha mãe lembraria de mim numa entrevista é que um dia peguei o carro sem pedir permissão.

Emma: Sinto por você, mas tenho mais sorte. Mamãe não é assim.

Phyllida: É que você tinha seu próprio carro.

Emma: De fato. Você me deu um carro antes que eu chegasse à idade de começar a pegar o seu. Mas, honestamente, não temos um relacionamento difícil. Se tivéssemos, não poderíamos ter feito *The Winter Guest*, ou logo estaríamos tentando empurrar a outra do precipício mais próximo. E, afinal, estou perto dos quarenta anos. Tenho 39. Toda essa coisa de mãe e filha já é água embaixo da ponte. Quando penso que fui criada por uma mulher tão independente, que tinha uma carreira e ao mesmo tempo estava lá, junto de nós... Mamãe, como você conseguiu?

Phyllida: Esquizofrenia.

Emma: Bem, isso explica tudo.

Você diz que essas histórias são água embaixo da ponte. Mas, no caso de Elspeth e Frances, as personagens de *The Winter Guest*, são águas que ainda movem moinhos. Não é meio deprimente interpretar algo assim?

Emma: Não. Rimos sem parar, do começo ao fim das filmagens. Quanto mais sério o assunto, maiores as chances de ele provocar esse tipo de ataque histérico.

Phyllida: É verdade.

Emma: Você tem de lembrar que essa é uma tradição teatral. Quando as pessoas interpretam a morte de Romeu e Julieta, elas ficam arrotando para ver quem faz o outro rir primeiro. Essa é a tradição na Inglaterra – rir da cara da tragédia. E é um traço de família também.

Emma e Phyllida em *The Winter Guest*: fingindo dificuldades

Fine Line

Alan Rickman convidou vocês duas ao mesmo tempo para este projeto?

Phyllida: Representei *The Winter Guest* no teatro, e a peça foi muito bem recebida. Começou-se a falar numa versão para o cinema, mas achei que era impossível, só um sonho. Alan, porém, insistiu. E, quando a coisa começou a andar, ele convidou Emma. Ele não me procurou, que eu me lembre. Acho que foi um produtor que perguntou se Emma aceitaria a idéia.

Emma: E, assim que ele me perguntou, eu disse que sim. Vi a peça três vezes e adorei.

Bem, Phyllida, como é afinal que você entrou no filme?

Phyllida: Não sei ao certo. Talvez por causa de Emma. Foi uma decisão comercial...

Emma: Não, não. Nada estava decidido, de forma que Alan começou a fazer testes. A idéia é que todo o elenco da

tantas chaves de hotel quanto minha mãe. quero ter meu próprio kit de arrombadora"

peça participasse do filme. Convocamos outros atores apenas para fazer os garotos, porque eles já tinham crescido demais e mudado de voz. E, claro, Alan perguntou à atriz que interpretava a filha na peça se ela se importaria de eu ficar com o papel. Ela foi extremamente generosa: como eu sou escocesa, e filha de Phyllida, ela disse, ela engoliria em seco e me cederia o papel.

Qual é o lado mais leve de *The Winter Guest*? Onde está a esperança?

Phyllida: Na vida não há muita esperança. E, de certa forma, é uma coisa meio boba para se ter. A esperança impede que você viva no presente e que faça o que tem de fazer.

Emma: Os americanos adoram falar de esperança. Por aqui, ela é tudo – ter esperanças, sonhos, objetivos. É uma mentalidade toda centrada em atingir metas. Mas acho que mamãe está absolutamente certa.

Phyllida: Falando em morbidez, nós não admitimos a morte, não é?

Emma: Achamos que a morte é opcional.

Phyllida: E não a incluímos nos nossos planos, nem mesmo da maneira que incluímos o nascimento. A morte é, em um certo sentido, um tabu. Mas todo mundo morre e, como este filme deixa bem claro, nem sempre se morre na ordem certa. É uma das coisas mais estranhas, injustas e difíceis de aceitar da vida.

Emma, certa vez seu pai lhe deu um conselho: quem não se arrisca não realiza nada. Depois de tanto sucesso e alguns Oscar, esse conselho ainda faz sentido?

Emma: Muito. Não há outro jeito de viver, acho eu. Nunca tive metas; tento limitar meu horizonte à hora do jantar. Acho que é o mais sensato a fazer. De outra forma, se algo contraria seus planos, ou mesmo se você amanhece com um resfriado, você acaba se desapontando. Por isso, talvez, *The Winter Guest* constitua um paladar diferente para o apetite do público americano. Mas não o acho depressivo, porque ele representa a condição humana. Ele representa, por exemplo, crianças que têm um senso de humor fantástico, mas que têm também ansiedades existenciais. Você não se lembra de, quando criança, ficar deitado na sua cama pensando, "Vou morrer", ou "Minha mãe vai morrer"? E, de certa forma, tentamos "fofizar" a infância – ou a Disney pelo menos tenta. Eles acham que as crianças devem ser protegidas do medo e que não pensam na morte – claro que pensam, o tempo todo. O mesmo acontece com as pessoas idosas; todo mundo acha que elas têm de se deixar levar docemente pela morte. Mas, freqüentemente, não é isso que elas querem. Todos nós lutamos e esperneamos.

De que maneira sua vida mudou desde que você ganhou o Oscar?

Emma: Qual deles?

Mas vê se pode...

Emma: Adorei dizer isso! (*Gargalhadas*) Desculpe, mas não deu para resistir. Essa é uma pergunta freqüente, especialmente depois do Oscar de melhor atriz por *Retorno a Howards End*. Mas minha vida não mudou em nada. Do ponto de vista profissional, continuo usando os mesmos critérios para escolher os filmes que faço. A única diferença é que agora eu provavelmente seria capaz de ganhar a vida escrevendo, o que é fantástico. Antes do Oscar de roteiro por *Razão e Sensibilidade*, eu não conseguiria cobrar o suficiente por um script para me sustentar.

Falando em correr riscos, em novembro você fez uma aparição bem polêmica num episódio de *Ellen* (o programa da comediante Ellen DeGeneres, que pouco antes causara furor ao assumir no ar sua homossexualidade), no qual ela arruma emprego como sua assistente e descobre que sua personagem é gay. Como surgiu essa idéia?

Emma: Bem, não chegou a ser um risco. O mais engraçado é que, quando os roteiristas sugeriram a trama da qual eu participaria, eu subitamente me dei conta de que ela não teria a menor graça se não fosse por essa história do Oscar e dessa minha imagem – uma coisa muito patrícia, meio esnobe, de quem provavelmente conhece a rainha e tem contato direto com Jane Austen, essas coisas –, que estava *pedindo* para ser detonada. Isso é o que foi divertido de fazer *Ellen* – é ter uma imagem com a qual se pode brincar.

E que tal foi beijar uma mulher?

Emma: É uma pergunta interessante, porque a atriz que fazia minha namorada também não é gay. Fiquei decepcionada, porque estava esperando é que a pessoa me beijasse, e não que eu tivesse de beijá-la – e também porque daí eu descobriria qual a sensação, afinal. Perguntei a Ellen se havia uma razão. "Bem", ela disse, "tudo bem mostrar duas pessoas do mesmo sexo se beijando na TV se elas *não* forem gays; caso contrário, teríamos de colocar uma advertência antes do programa dizendo que o conteúdo dele poderia perverter as crianças". Francamente, é insano. Seja como for, a atriz – que, aliás, é casada – e eu tivemos de nos amassar da melhor maneira possível. Mas acho até que ficou realista. ■

Nada que é bom dura para sempre

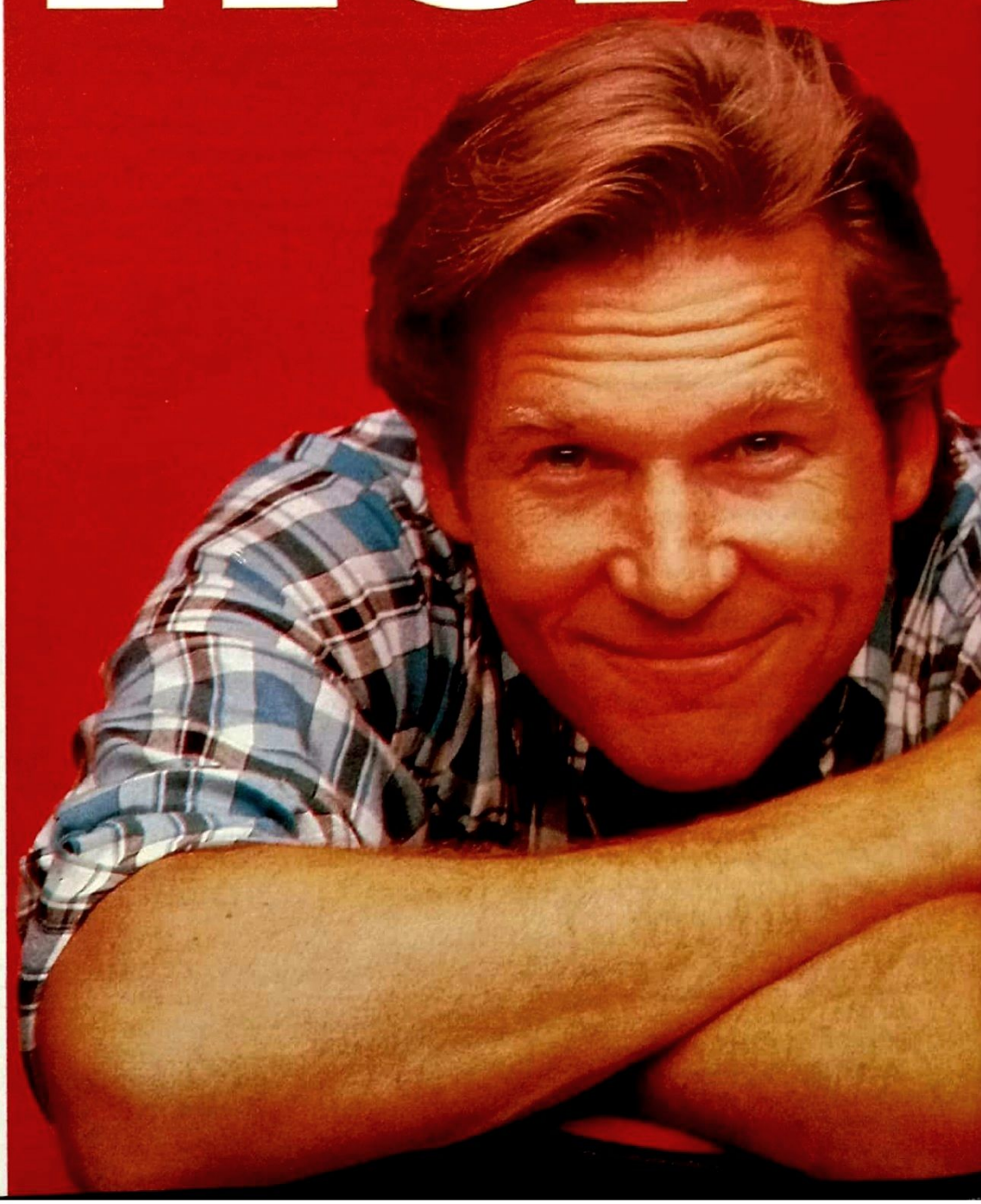
Do início dos anos 80 até 1995, um simpático casal britânico protagonizou uma das mais acertadas parcerias dos últimos tempos: juntos, Emma Thompson e Kenneth Branagh fizeram quatro filmes (*Henrique V*, *Para o Resto de Nossas Vidas*, *Voltar a Morrer* e *Muito Barulho por Nada*), umas tantas peças e vários teleteatros. Adorados na Inglaterra nos primeiros tempos da carreira, logo perceberam que estavam sendo vítimas do mesmo fenômeno experimentado por casais como Liz Taylor e Richard Burton ou Laurence Olivier e Vivien Leigh: à medida que o sucesso aumentava, a imprensa inglesa passava a esnobá-los ou usá-los como mote para tiradas sarcásticas, deixando ao público do outro lado do Atlântico a tarefa de continuar a adoração. Os americanos não se fizeram de rogados, mas a torcida não bastou para impedir que o casamento fosse a pique no final de 1995. De um lado, dizia-se que Branagh estava de caso com sua estrela de *Frankenstein de Mary Shelley*, Helena Bonham Carter; de outro, murmurava-se que Emma andava encantada com um colega de *Razão e Sensibilidade*, Greg Wise. Embora os dois romances aparentemente prossigam até hoje, nem Emma nem Kenneth confirmam se eles foram causa ou efeito. Dando provas de que são pessoas educadas, aliás, nunca disseram em público uma só palavra ferina sobre o outro. Poucas semanas depois do rompimento, Emma declarou à *Vanity Fair* que, por mais doloroso que fosse pôr fim a um casamento no qual tinha investido "cada molécula" sua, Kenneth sempre seria "da família". Palmas para tanta civilidade; pena é que, apesar dela, não há nenhum indício de que eles possam voltar a se reunir nas telas. E que eles funcionavam bem juntos, lá isso funcionavam.

Emma Thompson e Kenneth Branagh

jeff bridges

ato nat

Ele foi psicopata, alienígena, policial e até encarou Barbra Streisand. Mas este sujeito que já foi chamado de "o melhor ator americano" não tem nem pressa nem vontade de virar um astro milionário. "Gosto é de variedade", ele diz. E de simplicidade



Texto por *Roberto Sadovski*
Entrevista por *Lynne Lane*

Ele foi arrastado para dentro de um computador em *Tron*. Encontrou o amor como o alienígena de *Starman*. Disputou Michelle Pfeiffer com seu irmão em *Susie e os Baker Boys*. Foi um DJ destruído pela culpa em *O Pescador de Ilusões*. Um psicopata em *O Silêncio do Lago*. Um policial à caça de um terrorista em *Contagem Regressiva*. E teve peito para encarar Barbra Streisand no meloso *O Espelho Tem Duas Faces*. Ufa!

Esse pequeno currículo é só uma pequena amostra da enorme versatilidade de um dos mais subestimados atores do cinema americano: Jeff Bridges. Acostumado aos holofotes desde a infância, o filho do ator Lloyd Bridges – que faleceu no início de março – já se aventurava em frente às câmeras em alguns episódios da série protagonizada pelo pai no início da década de 60: *Aventura Submarina*. Agora, aos 49 anos, Jeff muda de cara mais uma vez para protagonizar o novo filme dos celebrados irmãos Joel e Ethan Coen, a bizarra comédia *The Big Lebowski*.

Para interpretar o jogador de boliche Jeff Lebowski (que prefere ser chamado de "The Dude", ou "O Cara"), o astro abriu mão da forma física e passou a exibir uma saliente barriga, cultivada com muita cerveja e sorvete. No filme, Dude é confundido com um milionário que tem o nome igual ao seu, leva uma surra e acaba se envolvendo no seqüestro da filha do outro Lebowski – tudo isso entre incontáveis baforadas de cigarros de maconha e intermináveis partidas de boliche. *The Big Lebowski* também traz as marcas registradas dos irmãos Coen, como o humor nigérrimo, a obsessão com sonhos e os personagens que vendem a mãe – e entregam.

Jeff Bridges conta que, para interpretar Dude, precisou voltar no tempo e dar uma olhada em sua própria juventude – mais precisamente no período entre as décadas de 60 e 70, quando morava num pequeno apartamento e experimentava todo tipo de alucinógeno que aparecia pela frente. "Mas eu era mais criativo do que o Dude", lembra Jeff. "Naquela época, eu pintava e tocava um pouco. Até dei uma olhada na minha velha agenda telefônica para ver se encontrava algum amigo daquele tempo que ainda fosse como o personagem."

Mesmo se entregando ao papel do Dude com sua notória voracidade, o ator ficou um pouco preocupado por causa de seu estilo de vida, digamos, pouco recomendável: Dude não pensa em outra coisa a não ser jogar boliche e fumar maconha – e os irmãos Coen mostram, em *The Big Lebowski*, que isso não é tão ruim assim. "Não sabia como dizer para minhas filhas que aquilo não era um modo de vida dos mais saudáveis", comenta Jeff. "No final das contas, elas é que me disseram para relaxar, que tudo não passava de um filme."

A carreira de Jeff Bridges decolou no início dos anos 70 com *A Última Sessão de Cinema*, de Peter Bogdanovich, pelo qual ganhou uma indicação ao Oscar de ator coadjuvante e a alcunha de "o melhor ator americano" por parte da exigentíssima crítica Pauline Kael. Em 1975, ele concorreu novamente à estatueta de coadjuvante por *O Último Golpe*, a estréia do diretor Michael Cimino, com quem repetiria a parceria em *O Portal do Paraíso*, de 1980, um dos maiores fracassos do cinema.

Foi com *Starman*, de 1984, que Jeff conseguiu ser indicado ao Oscar na categoria principal. Também foi durante as filmagens dessa ficção científica dirigida por John Carpenter que o ator iniciou uma prática peculiar: fotografar os bastidores de todas as produções das quais participava. Mas até que o passatempo deu frutos: para promover *The Big Lebowski*, a produtora Gramercy bancou a publicação do material de Jeff em forma de livro. Além disso, o registro dos sets de seus filmes é regularmente publicado nas páginas da revista americana *Premiere*.

Inteligente, talentoso e versátil, Jeff Bridges não tem pressa – nem vontade – de se tornar um astro de cachês milionários. "Não é meu estilo", disse à revista *US*, "e não faço a mínima questão de conviver com esse tipo de pressão". Ele prefere continuar em busca de novos desafios e de personagens diferentes. "Meu pai gostava da fama trazida por *Aventura Submarina*", conta Jeff. "Ao mesmo tempo, ele só recebia roteiros para interpretar mergulhadores. Não conseguia outros papéis de jeito nenhum. Por isso é que eu sempre gostei de variedade."

Como é que você se envolveu com um projeto como *The Big Lebowski*?

Muitos anos atrás, os irmãos Coen me procuraram e disseram algo como, "Estamos no meio de um projeto novo, e você é o nosso modelo". Respondi que achava ótimo, e que adoraria trabalhar com eles. Quando Joel e Ethan finalmente me mostraram o roteiro, tomei um susto. "Isso é o que vocês pensam de mim?", perguntei (*risos*). "Por que eu é que sou o ator certo para este papel?".

Você então ficou surpreso por eles pensarem em você para fazer o Dude?

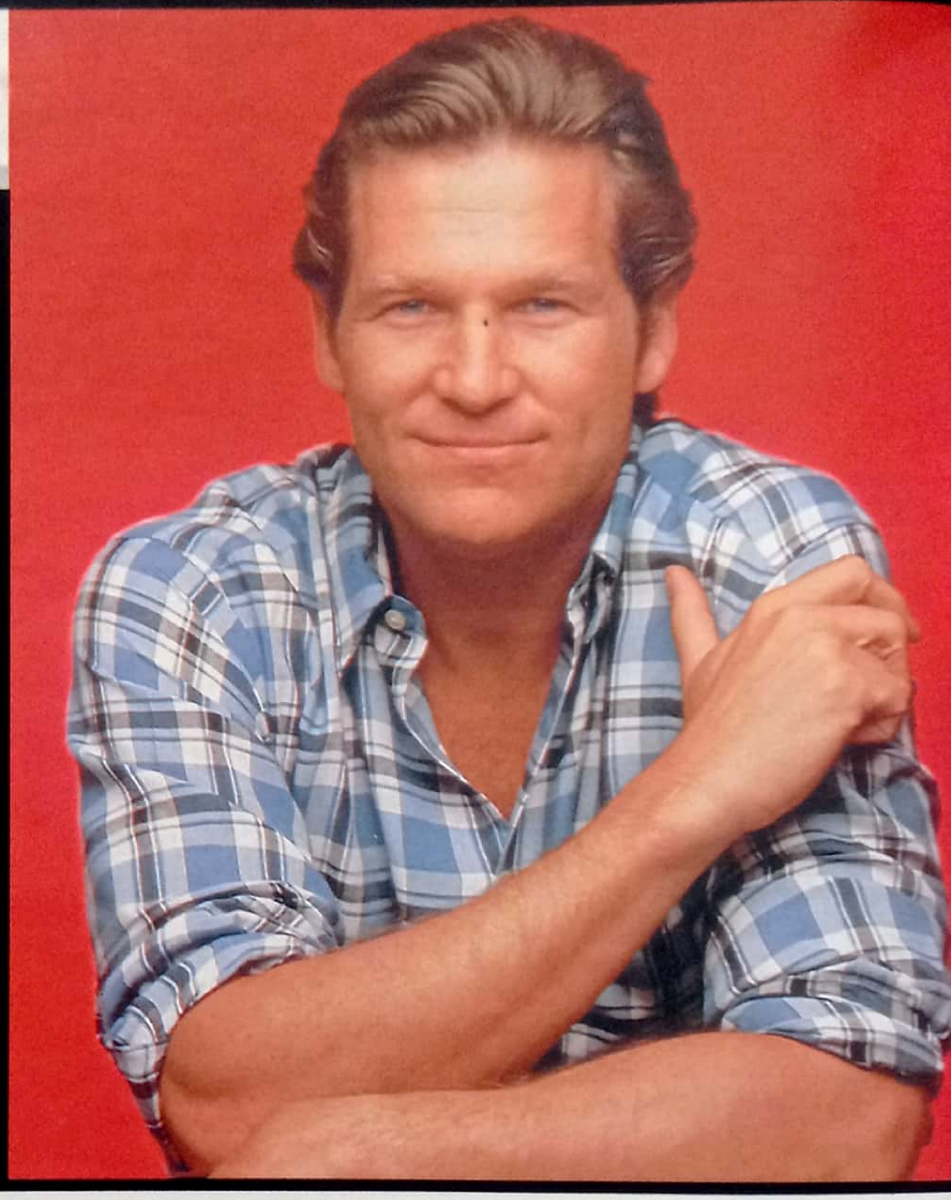
Para falar a verdade, Dude até que lembra muito o sujeito que eu era trinta anos atrás (*risos*).

Você conhece pessoas como o Dude, que ficaram meio presas no passado?

Conheço. O que me lembra que os irmãos Coen têm mesmo um amigo chamado The Dude – que também serviu de modelo de comportamento para eles –, e que sofre desse problema. Aliás, ele até aparece no meu novo livro de fotos, que fiz no set de *The Big Lebowski*. →

jeff bridges

"Meu personagem em *The Big Lebowski* passa tanto tempo chapado que, para representá-lo, eu poderia simplesmente ter fumado do início ao fim das filmagens. Só não fiz isso porque prejudicaria um pouco o meu julgamento"



Que recursos você usou para entrar no espírito do personagem?

Usei a memória (*gargalhadas*). Também ouvi meus discos velhos do Creedence Clearwater Revival e experimentei o figurino do filme. Pôr aquelas roupas e se olhar no espelho daquele jeito já é metade do caminho andado.

Ouvi dizer que você chegou a levar os figurinos para casa.

Na verdade, muitas das roupas são minhas mesmo – aqueles sapatos de plástico, por exemplo, que eu já tinha levado comigo do set de *Tormenta*. O figurino sempre é uma parte decisiva da criação do personagem. Mary Zophres, que desenhou as roupas de *The Big Lebowski*, foi pessoalmente até a minha casa vasculhar o meu armário. Além disso, se suas roupas têm de parecer meio derrubadas, o melhor é usá-las o tempo todo – no set e fora dele também.

Nos créditos dos filmes dos irmãos Coen, Joel sempre aparece como o diretor e Ethan, como o produtor. Mas a impressão é que eles co-dirigem tudo, certo?

Tudo. Tudo mesmo.

Como ator, qual a sensação de ser dirigido por duas pessoas diferentes ao mesmo tempo?

Boa pergunta. Eu mesmo estava curioso a esse respeito, por várias razões. Eu me perguntava, por exemplo, se eles iriam entrar em choque. Acho que o maior conflito que eles tiveram foi na cena do sonho do Dude, quando apareço voando e estou prestes a enfiar a cabeça nos pinos de boliche. Joel me disse que, quando eu batesse nos pinos, deveria fazer uma cara meio desgostosa. Ethan disse que não, que achava que eu deveria fazer uma cara feliz. "Você acha isso mesmo?", perguntou Joel. "Acho", respondeu Ethan. "Então vamos filmar dos dois jeitos", disse Joel. "Ótimo", respondeu Ethan. E a briga acabou aí (*risos*). Essa foi a maior desavença que eles tiveram. Eles escrevem, produzem, dirigem e montam juntos. Mas o que acontece é que eles dissecam o roteiro de forma tão meticulosa que, na hora de filmar, já não há mais conflito de espécie alguma, e as coisas fluem com suavidade. Além disso, eles são muito democráticos e sempre pedem idéias. Como Joel e Ethan fazem filmes de baixo orçamento, mas que costumam dar certo, o set é muito tranqüilo. Nunca há pressão para fazer as coisas mais rápido, por exemplo; é como se os caras da grana é que devessem a eles, e não o contrário. A experiência foi muito interessante também porque às vezes trabalho junto com meu irmão, Beau, e eu ficava só imaginando como é que Joel e Ethan conseguem tanta sintonia. Beau e eu gostamos muito um do outro, mas essa intimidade...

Há um filme dos irmãos

Coen que seja o seu grande favorito?

Não sei. *Fargo* era tão genial. Fiquei viciado nos irmãos Coen quando vi pela primeira vez *Gosto de Sangue*. Eles elaboram histórias complicadíssimas, mas fazem com que pareçam muito simples. É uma questão de saber misturar estilo e substância nas medidas certas, sem que um aspecto devore o outro.

The Big Lebowski tem pelo menos uma ousadia: mostra viagens de drogas que são legais. Você levou esse aspecto em conta antes de dizer "sim"?

Levei sim. Na verdade, me preocupei com isso. Tenho três filhas; duas são adolescentes, e a outra logo será. Por causa delas, e também de outros adolescentes que venham a ver o filme, fiquei remoendo essa preocupação. O meu personagem passa tanto tempo chapado que, para representá-lo, eu poderia simplesmente ter fumado e vivido a vida dele do início ao fim das filmagens. Não o fiz porque desse jeito é meio difícil julgar a qualidade do desempenho (*risos*), e também porque queria manter a mente o mais clara possível. Se você vai interpretar um assassino, não precisa matar alguém. O consolo é que, com toda aquela maconha que ele fuma, o Dude é um cara meio aparvalhado, que dificilmente vai inspirar o público a imitá-lo. Apesar dessas objeções, achei a história muito engraçada e queria muito trabalhar com os irmãos Coen. Não gosto de me limitar apenas a representar pessoas boas; gosto de me estender a outros aspectos da condição humana. E esse era um aspecto que eu conhecia bem, porque ele fez parte da minha vida.

Como você conseguiu ficar tão fora de forma para este papel?

Isso é fácil. É só comer sorvete e largar a mão.

Engordar foi divertido ou deprimente?

Divertido no começo, e bem menos quando chega a hora de voltar à forma. Vira uma rotina – mas, na hora em que você sai dela, sente-se bem mais feliz.

Você já agendou seu próximo projeto?

Sim. É um filme chamado *Arlington Road*, com Tim Robbins – outro discípulo dos irmãos Coen.

Em _The Big Lebowski_, John Goodman faz seu melhor amigo e parceiro de boliche, e vocês formam uma dupla nota dez. A amizade já vinha de antes?

Não, nem nos conhecíamos. Antes de as filmagens começarem, fizemos umas *jam sessions*, eu na guitarra e nos teclados e ele na harpa. Depois foi só continuar a amizade no set.

Não há por aí muitos filmes de época sobre uma época que aconteceu há apenas seis anos.

Não mesmo (*risos*). Mas adorei a idéia. Daqui a pouco alguém vai estar fazendo filmes de época sobre 1998, e a gente vai dizer, "Meu Deus, não acredito que alguém usava essas roupas!".

Você acabou de lançar um novo livro de fotos. Já faz tempo que você fotografa sets de filmagens, não é?

Sim, desde *Starman*, em 1984, quando minha mulher me deu uma câmera chamada Wide Lux. É um formato semelhante ao de um filme de 70 milímetros, meio que como CinemaScope. Faço esse livros para dá-los de presente ao elenco e à equipe, e ocasionalmente a *Premiere* publica algumas das minhas fotos.

Você já jogava boliche antes de fazer _The Big Lebowski_?

Como todo mundo – de vez em quando. Sabe como é; você vai ao salão de boliche, aluga os sapatos e joga a bola pista abaixo. Mas, neste filme, tive um professor ótimo. É o cara que fez o strike (*quando o jogador derruba todos os pinos de uma só vez, e de primeira*) no final do filme – e fez várias vezes, para as várias tomadas. Imagine só a pressão. Se ele errasse, a cena inteira iria por água abaixo. Mas ele acertou todas. Ele deu umas aulas, só de farra, porque a gente afinal não joga no filme, não é? Ou pelo menos nunca aparecemos jogando.

Digamos que você saia para jogar boliche com suas filhas, ou com seus amigos. Você sente que as pessoas vão ficar te olhando e fazer comentários como, "Meu Deus, o Jeff Bridges não joga nada!"? Existe essa pressão para fazer tudo certo em público?

Não, acho que não. Jogar boliche, para usar o seu exemplo, é uma atividade meio zen. Com o tempo, você aprende a tirar todas essas coisas do seu campo de visão.

Ser filho de um ator famoso ajudou, ou não?

Provavelmente. Ver como meu pai lidou com a fama, como ele sempre encarou a profissão com alegria... Essa atitude foi a dica para mim; em vez de lutar contra a celebridade e fugir quando alguém vinha pedir um autógrafo, ele abria o coração.

Suas filhas pretendem seguir o mesmo caminho?

Não me surpreenderia. Elas gostam de fazer filminhos domésticos, essas coisas.

Com que idade você vai deixar que elas tomem essa decisão?

Uns trinta ou quarenta anos (*risos*). Sei lá. É uma boa pergunta. Agora elas têm dezesseis, quatorze e doze anos, mas prefiro rebater essa bola quando ela vier na minha direção. ■

O MELHOR DO CLÃ BRIDGES

VEJA LLOYD EM...

- ***MATAR OU MORRER***, de 1952, ao lado de Gary Cooper, como um xerife traidor.
- ***APERTEM OS CINTOS! O PILOTO SUMIU***, de 1980, como o amalucado diretor de um aeroporto.

CONFIRA BEAU EM...

- ***UM HOTEL MUITO LOUCO***, de 1984, como o patriarca de uma família americana que tenta a sorte na Europa.
- ***SUSIE E OS BAKER BOYS***, de 1989, disputando o coração de Michelle Pfeiffer com o irmão, Jeff.

NÃO PERCA JEFF EM...

- ***A ÚLTIMA SESSÃO DE CINEMA***, de 1971, como um jovem agressivo de uma cidadezinha do Texas, que tenta manter um relacionamento com Cybill Shepherd.
- ***KING KONG***, de 1976, na refilmagem do grande sucesso dos anos 30, ao lado de um gorila gigante. E de Jessica Lange!
- ***STARMAN – O HOMEM DAS ESTRELAS***, de 1984, como um extraterrestre perseguido pelas autoridades – mas que acha tempo para se apaixonar por Karen Allen.
- ***O FIO DA SUSPEITA***, de 1985, seduzindo a advogada interpretada por Glenn Close.
- ***TUCKER – UM HOMEM E SEU SONHO***, de 1988, em um dos melhores papéis de sua carreira: o visionário que revolucionou a indústria automobilística nos anos 50.
- ***O PESCADOR DE ILUSÕES***, de 1991, como o DJ amargurado que redescobre a vida quando cruza o caminho de Robin Williams
- ***O ESPELHO TEM DUAS FACES***, de 1996, na pele do professor universitário que se apaixona por – gasp! – Barbra Streisand.

* *Todos os filmes disponíveis em vídeo*

peter fonda

Acerto de

Ele foi, por muito tempo, apenas o filho do ator Henry Fonda. Depois de ter escrito, produzido e estrelado *Sem Destino*, em 1969, ele virou o símbolo de toda uma geração na pele do Capitão América, seu personagem. Do final da década de 80 para cá, ele se transformou no pai de Bridget Fonda. Chegou finalmente a hora de Peter Fonda, aos 59 anos, deixar para trás a pecha de "o menos talentoso dos Fonda" e mergulhar de cabeça na maturidade artística.

Hoje Peter conhece o ápice de sua carreira com a indicação ao Oscar por sua atuação em *Ulee's Gold*. E, ao contrário de seu famoso pai Henry Fonda, notório por seus modos taciturnos, Peter volta loquaz, com muito a dizer. Tanto que está lançando a elogiada autobiografia *Don't Tell Dad: A Memoir*, a primeira escrita por um integrante do clã Fonda.

Se há algo que não mudou nos trinta anos que separam os dois momentos de glória do ator é que, no fundo, ele continua um filho típico da era de Aquário, que se entusiasma em conjecturar sobre assuntos tão díspares quanto a "vida" de seu iate e as vantagens de um canivete. Ele sente, porém, que este é o momento ideal para ajustar contas com seu pai. A personalidade distante e fria de Henry Fonda sempre foi um fantasma que o atormentou. *Ulee's Gold* desempenha um papel importante nesse processo expiatório: Peter interpreta o apicultor Ulee, que se mantém isolado das emoções e de seus familiares – não por acaso, Henry Fonda tinha entre seus hobbies a apicultura. O eterno hippie viu nesse personagem a chance de analisar o comportamento de seu pai e externá-lo em gestos e silêncios. A crítica espantou-se com a semelhança entre os dois: além dos traços físicos, Peter parece ter incorporado o espírito do pai.

A difícil relação com o patriarca não foi exclusividade de Peter. Sua irmã, Jane Fonda, também penou no convívio familiar. Mas foi o mentor de *Sem Destino* que assumiu a posição de ovelha negra do clã. A infância de tragédias em muito contribuiu para seu futuro comportamento. Sua mãe era a socialite Frances Seymour Brokaw, que se casou com Henry em 1936. Era o segundo casamento dele. No final da década de 40, a família se mudou de Nova York para Connecticut. Foi quando Henry começou a namorar Susan Blanchard. Frances teve um colapso mental e cortou a própria garganta. Peter passou quase dez anos acreditando que sua morte fora motivada por um ataque cardíaco e só descobriu a verdade pouco depois que Susan – então a terceira mulher de Henry – abandonou a família. O ator lamenta até hoje não ter acompanhado sua madrasta. Ao ficar ao lado do pai, ele selou uma relação de indiferença que só se resolveu no leito de morte de Henry, cuja última frase foi: "Eu quero que você saiba que te amo muito, filho".

Mesmo *outsider*, Peter não resistiu ao chamado da interpretação. Ele estreou na Broadway aos 22 anos, e seu primeiro filme foi a comédia adolescente *Tammy and the Doctor*, de 1963. Roger Corman, porém, colocou-o no caminho que lhe era predestinado: em 1966, ele atuou em *The Wild Angels*, o primeiro filme que o apresentou como motoqueiro – e que foi proibido no Brasil. No ano seguinte, foi a vez de *Viagem ao Mundo da Alucinação*, que desvirginou Peter para as drogas (a maconha, aliás, ele conheceu na companhia do filho de Robert Mitchum, Jim).

Foi durante uma viagem de divulgação do filme em Toronto que Peter concebeu *Sem Destino*. Com o inesperado sucesso desse filme, Hollywood fez as pazes com um público jovem com o qual perdera contato. A partir de 1970, os estúdios abriram suas portas para jovens com rabos-de-cavalo e roupas desbotadas. Foi graças a Peter Fonda que uma nova geração de cineastas – com nomes como Martin Scorsese e George Lucas – pôde expressar suas idéias.

A consagração de *Sem Destino* possibilitou-lhe estrear na direção em 1971, com o faroeste existencial *Pistoleiro Sem Destino*. As décadas de 70 e 80, porém, avançaram como um grande anticlímax. Peter dirigiu mais três filmes, entre eles *All Right My Friend*, uma ficção científica realizada no Japão, onde conta até hoje com uma grande legião de fãs. Como ator, participou de algumas poucas produções, tipo *Quem Não Corre... Voa* ou a ponta, como um motoqueiro, em *Corpos em Movimento*, protagonizado por sua filha Bridget.

Esse isolamento do convívio artístico

UK-Tel/Columbia

Contas

Ele levou 59 anos para se livrar do fantasma do pai e do apelido de "o menos talentoso dos Fonda". Antes tarde do que nunca: em *Ulee's Gold*, Peter prova que pode viver sem um sobrenome

Texto por *Christian Petermann*
Entrevista por *Philip Berk*

por pouco não encontrou correspondência em sua vida particular. Peter casou-se com Susan Brewer durante as filmagens de *Sem Destino*. Da relação, nasceram Bridget ("minha pérola perfeita", como ele a chama) e seu irmão Justin. O divórcio veio alguns anos depois. Peter assustou-se com a idéia de levar uma vida sem conexões familiares, lembrando sempre dos cinco casamentos do pai. Ele passou então boa parte dos anos 70 viajando pelo Pacífico em seu iate, de nome Tatoosh. Peter, porém, não se transformou em um estranho para os filhos.

Recuperado do ostracismo a que se submeteu voluntariamente, ele agora olha satisfeito para suas realizações. Com o personagem Ulee, Peter faz as pazes com o pai, com a herança artística, com os laços familiares, com o cinema. E em especial consigo mesmo. Tendo conquistado o Globo de Ouro de melhor ator dramático de 1997, ele se considera, pela primeira vez, um vencedor – mesmo sem o Oscar. A seguir, ele fala sobre sua vida e carreira:

Como você conseguiu seu papel em *Ulee's Gold*?

O roteiro foi oferecido a vários atores, entre eles eu – embora eu pareça, creio, um pouco mais jovem que os meus 59 anos. Mas, desde a primeira vez que li o script, soube que poderia interpretar aquele personagem. O problema é que, logo antes de ir me encontrar com o diretor, resolvi cortar o cabelo, que andava pela cintura. Assim que me olhei no espelho, percebi que parecia dez →

anos mais novo. "E agora", pensei, "como é que vou convencer no papel de um avô?". A resposta, claro, era óbvia: "Bem, isso se chama interpretar", disse a mim mesmo.

O quanto de seu próprio pai você trouxe para o seu desempenho?

As pessoas fazem essas comparações porque a última vez que viram meu pai foi *Num Lago Dourado*, sempre com os lábios para baixo e óculos com aro de metal, como eu no filme. Mas, na verdade, cheguei até o personagem por meio de suas duas netas; imaginei a mim mesmo e a minha irmã Jane no lugar delas. Só depois fui pensar no meu pai e na maneira como eu me sentia por ele não dialogar conosco quando éramos jovens. Sempre achamos que ele era bravo; só muito mais tarde descobrimos que ele era extraordinariamente tímido. Quanto mais tentávamos fazer com que ele falasse conosco, mais ele se retraía. Usei um pouco dessa idéia na criação de meu personagem.

Você é mais feliz do que seu pai foi?

Perto do fim, meu pai foi muito feliz. Eu também estou casado com uma mulher maravilhosa, há 22 anos; meus filhos, Bridget, Justin e Thomas, são todos felizes. Thomas na verdade é meu enteado, mas não gosto de usar essa palavra. Tenho orgulho de toda a minha família.

Você tentou fugir dos mesmos erros que seu pai cometeu?

Certa vez, Ted Danson me perguntou qual era a parte mais triste da minha vida, e respondi que tinha sido meu primeiro divórcio. Quando me dei conta de que meu casamento estava ruindo, pensei: "Vou perder meus filhos, vou perder este relacionamento e vou me tornar como meu pai". Naquela época, eu não tinha maturidade para compreender por que meu pai me fazia sentir tão isolado. Como tive filhos primeiro, minhas irmãs tinham muito ciúme de mim, de ver que eu dava aos meus filhos uma atenção especial e fazia-os sentir que estava do lado deles. Sempre fomos uma família muito, ahh, táctil. Nós nos abraçamos e beijamos e discutimos tudo; não temos segredos. Não diria que tentei compensar o que faltou a mim porque isso significaria manchar a memória de meu pai; mas tinha consciência das falhas dele. Acho que essas falhas não vão se repetir na minha família – e bato na madeira. Embora nunca se saiba o que Deus reserva para nós, até hoje foi um prazer ser pai de meus filhos e me sentir como se fosse um irmão mais velho para eles.

Nunca houve rivalidade entre você e Jane?

Nunca que eu tenha percebido. Jane sempre me apoiou muito. Antes de eu vir para cá, por exemplo, ela me telefonou para dar alguns conselhos. "Você sabe que sempre fala demais, Peter, especialmente sobre Bridget. Trate de mencionar os seus outros filhos também", ela disse – mas é que Bridget está diante das câmeras, e as pessoas querem ouvir sobre ela. Jane, no entanto, está feliz por mim. Ela vê este momento como um ressurgimento para mim.

"Quando meu casamento ruiu, pensei: vou perder este relacionamento, vou perder meus filhos e vou ficar igual ao meu pai"

Quando você iniciou sua carreira, pensou em adotar um outro sobrenome?

Não, nunca. Este sobrenome está na minha família desde o século 12.

Alguma das perfomances de seu pai chegou a inspirá-lo em *Ulee's Gold*?

Acho que muita gente se lembra da cena de *As Vinhas da Ira* em que Tom Joad se despede de sua mãe e diz, "Onde houver um policial espancando alguém, eu estarei lá, mãe". John Ford rodou essa cena com um super close-up de meu pai, que permaneceu absolutamente impassível enquanto dizia sua fala; ele mal piscou. A razão pela qual nenhum movimento era necessário é que estava tudo lá, nas palavras de John Steinbeck, e a honestidade em seus olhos é que fazia a diferença. Se ele tivesse levantado uma sobrancelha, todo o poder da cena teria sido destruído. E assim foi também, para mim, em *Ulee's Gold*. Victor Nuñez (*o diretor*) se certificava sempre de que eu fizesse de menos, porque assim o significado seria maior. Só às vezes ele dizia, "Não tão pouco, Peter".

Você ainda tem boas relações com seus parceiros de *Sem Destino*, não é?

De fato, fico feliz em continuar amigo de Jack Nicholson. Quanto a Dennis Hopper, todas as nossas diferenças já foram resolvidas (*Hopper certa vez processou Fonda, sob a alegação de que seu ex-companheiro lhe devia milhões de dólares*). É uma pena que ele tenha tornado essa questão pública, mas hoje tudo está nos devidos lugares.

Você tem alguma lembrança especial de *Sem Destino*?

Tenho uma, sim. Fizemos o filme com meu cartão de crédito, um Diner's Club, e isso muito antes de a MasterCharge vir com a idéia de usar celebridades como Zsa Zsa Gabor para promover seu cartão. Procurei a Diner's e propus que eles fizessem um comercial comigo. Eu olharia direto para a câmera e diria: "As coisas que você pode fazer com MasterCharge! Eu fiz *Sem Destino* com meu Diner's Club". Infelizmente, eles acharam que essa não era a imagem que eles queriam passar. Uma pena.

Vocês chegaram a pensar em uma continuação para *Sem Destino*?

Falou-se muito sobre isso. Achava-se que havia uma audiência cativa que gostaria de ver mais. Hesitamos muito, e minha opinião sempre foi a de que estaríamos competindo com nós mesmos; seria como dar a cara para bater. Depois, você consegue imaginar uma continuação para *Oito e Meio de Fellini*? Eu não. Adorei *O Carteiro e o Poeta*, por exemplo, mas para mim parou por aí; ele é perfeito do jeito que está. A última vez que vi Jack Nicholson propus que, ele sendo um roteirista tão bom, escrevesse um outro filme de motoqueiros, não necessariamente uma continuação para *Sem Destino*. "Faremos um filme assim quando chegarmos aos sessenta, Peter", ele retrucou, "e ganharemos um bilhão de dólares".

Em 1971, você dirigiu *Pistoleiro Sem Destino*, que foi pouco visto à época. Hoje, em alguns círculos, ele é considerado um clássico. O que você acha disso?

Você está certo. O *New York Times* e a *Sight and Sound*, por exemplo, elogiaram muito *Pistoleiro Sem Destino* – a *Time* e a *Newsweek*, por outro lado, acabaram comigo. Mas eis o que realmente aconteceu: a Universal lançou o filme durante o verão, nos quarenta cinemas que ela tinha disponíveis. Ele ficou em cartaz por duas semanas, foi retirado e daí colocado num programa duplo com *The Last Movie*, do Dennis Hopper. Ou seja, ele nunca teve uma chance justa. Mas nunca vou me esquecer do que

disse o crítico Gene Shalit: "Em 25 anos, Peter Fonda vai ter orgulho de declarar que dirigiu este filme". Ele tinha razão.

E a sua obsessão por motocicletas?

Amo motocicletas. Tenho duas, e mais uma para hóspedes, no meu rancho. Raramente ando a cavalo, a não ser quando Jane e Ted (*Turner, marido de Jane Fonda e dono da rede de notícias CNN*) vão me visitar. Andar de moto dá uma sensação de liberdade. Sempre levo comigo minha vara de pescar, porque pertinho do meu rancho há uma área para pesca de trutas que é uma das melhores do mundo. Mas vou com calma. Não tenho pressa de chegar a lugar nenhum e não sou um rebelde.

Você se dá bem com Ted Turner, não é?

Ted e eu gostamos de cavalgar pelas fazendas dele, admirando as paisagens e as manadas de búfalos e alces. Nossa cabeça também é do mesmo tamanho, tanto que outro dia fiz uma foto para a *New Yorker* usando um chapéu dele. Fora isso, e o fato de que ambos amamos Jane, somos muito diferentes. Ele é um cara engraçado. Ele me pediu que o chamasse de Bubba, mas prefiro chamá-lo de irmão.

Você alguma vez achou que sua vida seria melhor se você não fosse ator?

Nunca achei que isso fosse uma maldição. Descobri esta profissão quando tinha dezenove anos. Até aquele momento, eu era um *enfant terrible* – li algumas das cartas de minha tia Harriet, irmã de meu pai, com quem eu me hospedei enquanto fazia a faculdade em Omaha, Nebraska. Susan Blanchard, minha primeira madrasta, guardou as cartas, e eu a adoro até hoje – tanto que a chamo de mãe. Ela se tornou minha madrasta treze dias depois de eu fazer onze anos – ela tinha apenas 23, e era linda. Imagine só assumir duas crianças problemáticas como Jane e eu e fazer a coisa funcionar. Ela mudou minha vida.

Seu pai era um homem de poucas palavras. Você, porém, é bem loquaz...

Desde pequeno falo demais. Jane dizia que eu não sabia esconder nada. Em 1987, ela encomendou para mim um presente, um desenho que, para todos os efeitos, era um retrato meu, mas nos detalhes havia várias coisas que eram segredos do nosso passado. Há um ano, mais ou menos, olhei-o de novo e pela primeira vez percebi a inscrição "Don't tell dad" ("Não conte ao papai"). Por isso escolhi essa frase como o título da minha autobiografia. ■

Um Cara do Além

Aos dez anos de idade, Peter Fonda viveu um fato trágico. Ele brincava com uma velha pistola quando ela disparou. O tiro lhe furou o estômago, o fígado e o rim. Por ter perdido muito sangue, seu coração parou três vezes enquanto estava sendo atendido no hospital. Peter afirma que ele já estava vendo uma espiral cinzenta, que dava em um grande vazio, sem luzes nem túneis. Foi um enfermeiro quem conseguiu reanimá-lo. Essa experiência, de certa forma, deu bons frutos: no final da década de 60, enquanto tomava LSD com John Lennon e George Harrison, ele relembrou o ocorrido. O resultado foi a canção "She Said She Said", dos Beatles.

"Minha irmã Jane sempre disse que eu não sei esconder nada. Antes de eu vir para cá, ela me telefonou para dar uns conselhos. 'Você sabe que fala demais, Peter', ela disse"

paul newman

Cabelos brancos, rugas, dores nas costas e nada de aposentadoria: aos 73 anos, o mais charmoso dos veteranos de Hollywood vive dizendo que vai sair de cena, mas sempre pensa duas vezes. Ainda bem

Texto por *Christian Petermann*
Entrevista por *Lynne Lane*

os golpes do mestre

As lendas, como não poderia deixar de ser, também envelhecem. Paul Newman completou 73 anos no último mês de janeiro. Seus belos e famosos olhos azuis brilham com a mesma intensidade, mas um tanto perdidos em um rosto marcado pelo tempo. O seu *sex appeal* é uma lembrança do passado, agora que está com cabelos brancos e sente dores nas costas todas as vezes em que se levanta da cama. Mesmo assim, seu charme delicado, misteriosamente vulnerável, permanece estampado no sorriso, que ainda exibe uma curiosa combinação de sensualidade e tristeza.

Newman, porém, se recusa a ser vencido pelo tempo. Depois de 45 anos de carreira, ele está nas telas americanas com o seu 53º filme, sugestivamente intitulado *Twilight* – ou "Crepúsculo" –, e deixa claro que em hipótese alguma esse será seu último trabalho. Ele contracena aqui com o velho amigo James Garner, de setenta anos (eles se conheceram ainda na década de 50), com Gene Hackman, de 58, e tem uma cena de amor – devidamente implícita – com Susan Sarandon, de 51 anos.

Além de nem sequer sonhar em interromper a carreira, ele mantém uma intensa atividade física para alimentar o máximo de suas forças – quando está em seu escritório de Manhattan, usa aparelhos de ginástica que denomina "equipamentos diabólicos" como uma variante da bicicleta ergométrica; já quando está descansando em sua casa de Westport, Connecticut, ele diariamente pula da cama para as águas frias (por vezes geladas) do rio que passa ao lado de sua propriedade.

Outro segredo para tanta longevidade é a sua intensa e harmoniosa vida sentimental. Casado há quarenta anos com a atriz Joanne Woodward – que já contracenou algumas vezes com ele e por ele foi dirigida outras tantas –, Paul é, antes de mais nada, um grande amigo de sua mulher, e permanece indiferente aos rumores de que o casamento é de fachada, para esconder a homossexualidade de ambos. Se antes Paul dizia que o matrimônio resistia ao tempo por pura sorte, hoje sua opinião mudou. Ele deve as bodas de rubi a uma conjunção de desejo, respeito, perdão, persistência e, por que não, brigas – sem as quais, afirma, suas vidas seriam de um tédio insuportável.

Joanne Woodward é a segunda mulher de Paul – entre 1949 e 1957, ele foi casado com a também atriz Jackie Witte. O filho nascido dessa primeira relação morreu, em 1978, em decorrência das drogas. Foi por causa dessa tragédia doméstica que ele fundou, com a atual mulher, a Scott Newman Foundation, uma organização que combate o uso de entorpecentes. Joanne, aliás, é de importância vital para a veia filantrópica do ator. Eles participam, sempre juntos, das mais diferentes obras de caridade. Muitas dessas iniciativas são financiadas pelos produtos lançados no mercado americano – e mais recentemente exportados – com a marca e o rosto de Paul Newman, que vão de molhos para salada até pipoca de microondas. A Newman's Own, a empresa que orquestra as campanhas de assistência, movimenta cerca de noventa milhões de dólares ao ano.

Além disso, Paul e Joanne formam também um dos casais mais politicamente ativos de Hollywood, manifestando seu apoio a inúmeras causas e candidatos liberais – a exemplo da amiga Susan Sarandon e de Tim Robbins. Em 1978, o presidente Jimmy Carter chegou a apontar Paul como o representante americano em uma conferência internacional de desarmamento nuclear.

Outro forte cartão de visitas do astro é sua agora aposentada mania por corridas de automóveis, um hobby assumido há cerca de 25 anos. Paul costuma afirmar que prefere participar dessas competições esportivas do que das corridas pelo Oscar. Segundo ele, "se nas pistas você chega lá primeiro, fim de discussão: você venceu". Já nos confrontos cinematográficos o resultado depende de fatores mais nebulosos – sendo que a qualidade do trabalho é, por vezes, o menos relevante. Seu escritório ainda está repleto de miniaturas de carros, mas Paul abandonou as corridas no verão do ano passado. Ele explica a desistência: "Eu estava acostumado a ficar entre os cinco melhores; com o tempo, passei a ficar entre os dez; depois, entre os quinze. Aí parei".

A verdade é que Paul nunca pensa nos filmes que não fez ou nas corridas que não completou. Na sua opinião, o futuro ainda reserva muitas surpresas: "Fazer mais algumas coisas que nunca fiz. Eu não as procuro. Elas aparecem". Como, por exemplo, sua primeira experiência como avô: o neto, Peter Elkind, nasceu há quase dois anos, devolvendo-lhe o entusiasmo de tomar contato com uma personalidade em formação. Outro fato inédito: ele interpretará o pai de um astro consagrado – no caso, Kevin Costner – no drama romântico *Message in a Bottle*, de Luis Mandoki. São motivos de sobra para Paul continuar lutando pelo que acredita e parar apenas quando chegar a hora certa. Como fez seu ídolo, Cary Grant.

Ouvi um boato de que *Twilight* seria seu último filme. Há alguma verdade nisso?

Eu de fato disse isso, e acreditava que era a verdade. Mas ontem mesmo assinei um contrato para mais dois filmes. Eu tenho de me aposentar, eu sei... (*risos*) Parece que volta e meia eu me aposento de alguma coisa, o que por si só já é um pretexto para que eu me "desaposente".

O que é que faz você voltar sempre?

Nem tenho certeza de que é o cinema. Acho que tem mais a ver com trabalhar, simplesmente. Não sei relaxar.

O que o atraiu em *Twilight*? Você não faz um filme desde *O Indomável*, de 1994, então deve haver alguma coisa aqui que o conquistou.

Personagens que estão passando por uma transição são sempre mais interessantes de interpretar. O sujeito de *Twilight* acabou de ser baleado com sua própria arma (*risos*), o que dá a ele um ponto de vista diferente. Há um potencial muito grande de diversidade em um personagem assim. Ele está à procura de um santuário, e o encontra; mas é o santuário errado.

Você começou a atuar nos anos 50 e, desde então, a indústria de cinema mudou muito. Quais, na sua →

paul newman

opinião, são as principais diferenças entre aquela época e os tempos atuais?

O mais trágico, eu acho, é que hoje em dia errar sai muito caro. Antes, a cada ano, cada um dos grandes estúdios fazia uma dúzia de filmes cujo único objetivo era projetar jovens atores, e que custavam 800 ou 900 mil dólares. Hoje, um filme assim custa doze milhões.

Você é um ator reverenciado. A esta altura, quando você entra num set de filmagens, você sente que ainda há o que aprender com os outros atores à sua volta?

Claro que sim. Trabalhar com atores como os de *Twilight* (*Susan Sarandon, Gene Hackman, James Garner e Stockard Channing, entre outros*) é como estar de um lado de uma quadra de tênis enquanto, do outro lado, há quatro pessoas mandando bolas na sua direção. Você espera uma jogada perto da rede, e elas mandam a bola para o fundo da quadra. É algo que te mantém alerta e sempre esperto, novo.

Esse sentimento já estava presente no início de sua carreira?

Vinte e cinco anos atrás eu não saberia nem o que fazer com um elenco desses. Quero dizer, é claro que eu seria capaz de trabalhar com ele, mas não de aproveitá-lo ao máximo.

Qual é a diferença entre trabalhar com um ator experiente e um ator ainda sem muito treino, mas de grande talento?

Não existe substituto para o talento – ainda que seja cru. É claro que, aliado à experiência, ele rende mais. Mas só talento já basta.

É quase impossível ler um artigo sobre você que não mencione seus olhos azuis. Como você se sente a esse respeito?

É complicado. Fico muito ressentido quando alguém me aborda e pede para eu tirar os óculos escuros e mostrar meus olhos. Normalmente, respondo que adoraria atender o pedido, mas, se eu tirar meus óculos, minhas calças caem.

Você poderia usar lentes de contato castanhas, por exemplo.

Já tentei. Sou alérgico.

Com a sua experiência, você exige ser ouvido no set de filmagens? Ou é capaz de se confiar totalmente a um diretor muito menos experimentado do que você?

Qualquer diretor esperto vai ser receptivo a um ator que tenha um ponto de vista. Se ele for objetivo, vai levá-lo em consideração – e, se ele disser, "Você está completamente errado", aí você faz do jeito dele. Isso, por exemplo, é o que torna tão legal trabalhar com Robert Benton (*o diretor de Twilight e também de O Indomável*). Ele dá tempo aos atores e deixa que eles errem um pouco. Não se pode pedir muito mais do que isso. Além disso, Robert *gosta* de atores. Ele os considera uma parte impor-

London

"Já tentei até usar

Fico muit

Respondo que, s

tante do processo criativo, mais do que muitos diretores. Houve um famoso romancista americano que, depois de dirigir um filme, foi ao Actors Studio (*a prestigiosa escola de interpretação da qual saíram Newman, Marlon Brando e Al Pacino, entre outros*) em busca de uma saída para driblar os atores. Ele queria encontrar uma linguagem, um vocabulário, que pudesse dobrar o ator ao ponto de vista do diretor. É claro que, quanto mais ele se aprofundava no assunto, mais ele se dava conta do repositório de intenções que um bom ator pode ser, e o quanto ele pode complementar, acrescentar e amplificar aquilo que está na página escrita.

Você já disse que se arrepende de não ter dado mais atenção à sua instrução. O que você quer dizer com isso?

Tive muitas oportunidades durante a vida de aprimorar minha instrução, mas não sei onde eu estava que nunca as aproveitei – talvez em Saturno, sei lá. A maior parte da minha educação se deu depois de eu ter deixado a escola.

Após tantos anos de carreira, ainda é possível para você relembrar experiências isoladas em filmes diversos?

Não. A esta altura, minha carreira já é, para mim, uma coisa meio amorfa, porque as experiências variam de filme para filme. Aquilo que você usa em um filme nem sempre serve ao seguinte: você tem um elenco diferente, um outro roteirista, um outro gênero. É claro que, durante a filmagem, você é muito sensível às particularidades de cada filme. Mas, em retrospecto, eles parecem virar um monte indistinto de celulóide.

Você já recebeu nove indicações ao Oscar – e saiu vencedor de uma delas, por *A Cor do Dinheiro*, de 1986. Qual o seu ponto de vista sobre o prêmio?

Veja, ser indicado é uma honra. Ganhar já é outra história, que envolve muita política. Acho que essa é uma das razões pelas quais me envolvi com corridas de automóveis. Se você cruza a linha de chegada primeiro não há o que discutir. É um triunfo, ou vitória, ou seja lá o que for, muito nítido e bem definido. Mas quem pode dizer o que está envolvido numa questão tão nebulosa quanto "este desempenho é melhor do que aquele"?

Você ainda participa de corridas?

Não ativamente. Fiz uma corrida no verão passado, mas quem sabe?

Você pensa em contracenar novamente com sua mulher (*a atriz Joanne Woodward*)?

Desde que fizemos *Mr. & Mrs. Bridge*, em 1990, estamos tentando encontrar alguma coisa, mas nada agradou a nós dois ao mesmo tempo. Uma vez, por exemplo, Joanne me mostrou um roteiro de uma comédia chamada *A New Kind of Love*. Eu dei uma olhada e disse, "Joanne, isto aqui não passa de um amontoado de bordões". Ela ficou louca. "Seu fillho da mãe", ela dizia, "eu fico em casa, cuido dos nossos filhos, acabo com a minha carreira para fazer um lar para você e daí você pega este script que nós poderíamos fazer juntos e diz que ele é uma droga?". "Imagine", eu respondi. "Ele é maravilhoso! Mal posso esperar para começarmos."

Gata em Teto de Zinco Quente, de 1958, com Elizabeth Taylor: nasce um símbolo sexual, o mais duradouro de Hollywood

Você mencionou que acaba de assinar um contrato para mais dois filmes. Quais são eles?

São dois projetos muito bons que simplesmente vieram até a mim, o que não é comum. Além disso, estou a fim de trabalhar. Não sou muito bom em relaxar e, de qualquer forma, já relaxei mais do que o suficiente para qualquer propósito normal. Quanto aos filmes, um deles chama-se *Message in a Bottle*. É um drama romântico no qual contraceno com Kevin Costner. O outro é com Linda Fiorentino. Num deles, na verdade, faço mais uma aparição do que propriamente um papel.

Por que você não trabalhou com mais freqüência durante os últimos anos?

Porque não encontrei nenhum roteiro do qual gostasse. Felizmente, filmes não são a única coisa que há para fazer. Tenho muito trabalho com a minha empresa de alimentos, os acampamentos para jovens e coisas assim. →

ntes de contato castanhas, mas sou alérgico.
essentido quando me pedem para ver meus olhos.
u tirar os óculos escuros, as minhas calças caem"

Todos esses negócios são ligados à caridade. Por que você é tão ativo nessa área?

Sofri alguns reveses, mas no geral fui um sujeito de muita sorte. E, se você admite o papel da sorte na sua vida, junto com ele vem a consciência dos golpes brutais que o destino reserva a outras pessoas. Pareceria desumano não reagir a isso de alguma forma. Portanto, não espero nada em troca; encaro esses trabalhos apenas como uma reação normal e humana a essa consciência. Talvez as pessoas que acreditam que sua boa sorte se deve ao individualismo tenham uma visão diferente da vida, e de suas responsabilidades.

Mas esses empreendimentos devem trazer algum retorno espiritual, ou não?

É claro que sim. Mas é engraçado. Tome os acampamentos, por exemplo: aparentemente, as crianças a que eles se destinam é que saem beneficiadas. Mas, se você visitá-los, perceberá que está recebendo muito mais do que deu. Não digo isso de forma sentimental; eles são realmente lugares extraordinários.

E como vai indo sua indústria de alimentos (*a Newman's Own*)?

Acho que este ano vamos quebrar a barreira dos 100 milhões de dólares de faturamento. Na verdade, o molho de espaguete já está dando mais dinheiro que os meus filmes. Descobri isso esta manhã.

É difícil encontrar molhos prontos realmente bons, e o seu é ótimo.

É mesmo. Quando ele foi lançado, acho que as pessoas começaram a comprar por curiosidade. Mas, quando você compra o segundo pote, é porque gostou. É um ótimo produto.

Você por acaso não trouxe algumas amostras com você hoje?

Não, não trouxe. Outra coisa interessante é que minha filha, Nell, cuida da subsidiária de produtos orgânicos da Newman's Own, que acabou de lançar os biscoitos Fig Newmans. Bem, isso ocasionou um problema com o direito de usar a marca Fig Newmans. Escrevi uma carta para o presidente da Nabisco (*a companhia que detém a marca*) dizendo que era altamente improvável que viéssemos a rivalizar com o produto deles – o nosso vai ser vendido em lojas de produtos naturais, essas coisas. Além disso, há uma ótima razão para usarmos o nome Fig Newmans: é o nosso nome de família. Recebi de volta uma carta que dizia: "Bem, não podemos abrir um precedente para vocês, porque isso significaria que qualquer produto novo lançado no mercado poderia violar uma patente. Mas estamos plenamente dispostos a deixá-los usar o nome mediante o pagamento de direitos. Um dólar por ano, quem sabe" (*risos*). Ninguém espera essa generosidade de uma corporação, mas a atitude da Nabisco foi realmente especial.

Uma pergunta nostálgica: alguma chance de que Robert Redford e você voltem a se reunir num filme?

Há vinte anos estamos à cata de alguma coisa. Não queremos fazer nada que empane o brilho de *Butch Cassidy* e *Golpe de Mestre*, os dois filmes que rodamos juntos. Estamos, portanto, abertos a sugestões.

Se sua carreira artística não tivesse dado certo, o que você teria feito da vida?

Puramente no plano da especulação, acho que eu teria me tornado um inventor.

Algum tipo em particular de inventor?

Bem, eu sempre disse que, se sou capaz de inventar a mim mesmo, poderia inventar qualquer outra coisa. ■

"Faz vinte anos que Robert Redford e eu queremos atuar juntos de novo. Mas teria de ser um filme muito bom. Estamos abertos a sugestões"

o melhor de paul newman em vídeo

1994 **O Indomável** (*Nobody's Fool*)
Na Roda da Fortuna (*The Hudsucker Proxy*)
1990 **Mr. & Mrs. Bridge – Cenas de uma Família*** (*Mr. & Mrs. Bridge*)
1989 **O Início do Fim** (*Fat Man and Little Boy*)
1987 **À Margem da Vida*** (*The Glass Menagerie*, apenas direção)
1986 **A Cor do Dinheiro** (*The Color of Money*)
1982 **O Veredicto** (*The Verdict*)
1981 **Ausência de Malícia** (*Absence of Malice*)
1979 **Quinteto** (*Quintet*)
1976 **Oeste Selvagem** (*Buffalo Bill and the Indians*)
1975 **A Piscina Mortal*** (*The Drowning Pool*)
1974 **Inferno na Torre** (*The Towering Inferno*)
1973 **Golpe de Mestre** (*The Sting*)
1969 **Butch Cassidy** (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, também co-produtor)
1967 **Rebeldia Indomável** (*Cool Hand Luke*)
1966 **Cortina Rasgada** (*Torn Curtain*)
1960 **Exodus** (*idem*)
1958 **Gata em Teto de Zinco Quente** (*Cat on a Hot Tin Roof*)

* trabalhou com a mulher Joanne Woodward

MAIO NA REDE TELECINE DE CINEMA.

COM 783 FILMES PRA ASSISTIR, AS DESQUITADAS NÃO VÃO PENSAR EM SE CASAR DE NOVO TÃO CEDO.

ASSISTA AINDA NO TELECINE 1 A 22 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

- Donnie Brasco
- Medo
- Feriados em Família

TELE CINE

Você vai ver O Clube das Desquitadas. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 783 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. Ligue para a operadora de TV por assinatura de sua cidade e peça os cinco canais Telecine. Quem não tem Telecine não tem cinema. E acaba se separando do melhor de Hollywood.

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE, ISTO É CINEMA

Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação. Programação sujeita a alterações.

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

CANNE'S
VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

INSTITUTO DE BELEZA, COZINHA EXPERIMENTAL E ATELIÊ DE DECORAÇÃO.
MAS PODE CHAMAR DE BANCA DE REVISTAS.

A banca de revistas é o seu portão de embarque para viagens muito úteis pelo mundo da informação.
Lá estão os cortes de cabelo que estão fazendo as cabeças, novidades cosméticas que estão causando furor, os últimos gritos da moda, os truques para deixar sua casa mais bonita e receitas saborosas, testadas, que não têm erro.
Entre numa banca e sinta-se à vontade para saber de tudo!

O jornaleiro ficará feliz com sua visita.

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

NOVOS *filmes*

Wesley Snipes é o fugitivo que passa a ser perseguido por Tommy Lee Jones depois de um espetacular acidente de avião

U.S. Marshals

Os Federais

A continuação de *O Fugitivo* aposta na ação para compensar a ausência de Harrison Ford

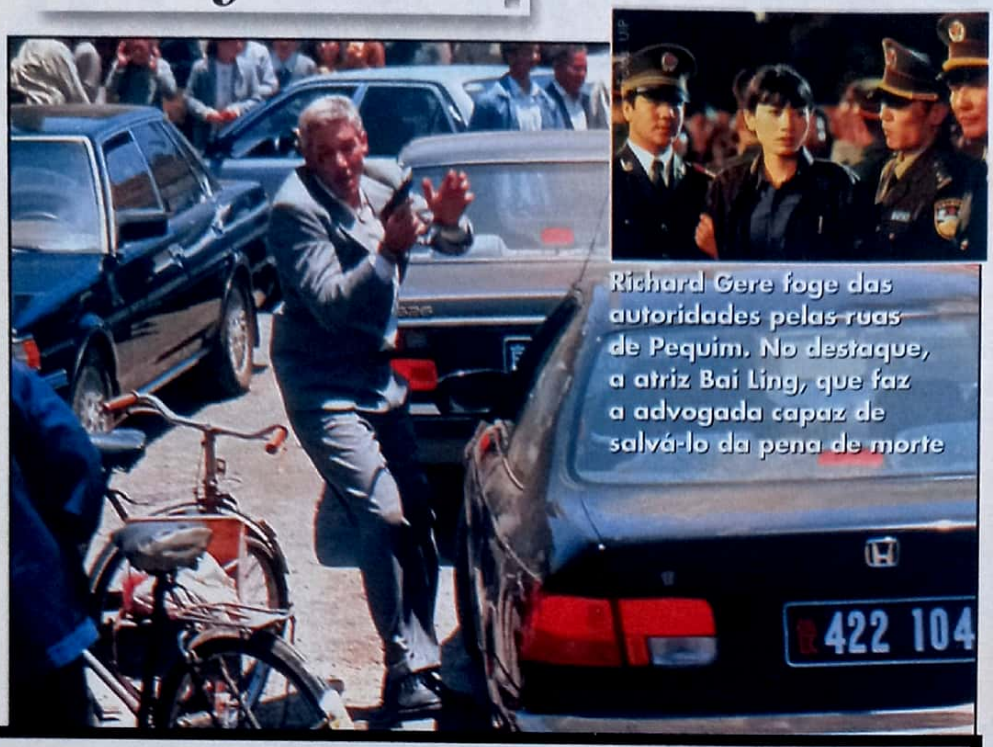
A aventura *O Fugitivo* foi um grande sucesso graças a quatro fatores. Em primeiro lugar, o filme tinha um roteiro bem amarrado, que ganhou um ritmo preciso nas mãos competentes do diretor Andrew Davis. Além disso, o fugitivo do título possuía um antagonista bem delineado, protagonizado por Tommy Lee Jones. Finalmente, o próprio Harrison Ford, talvez o ator perfeito para o papel do homem comum que é injustiçado. Com apenas um desses elementos – Tommy Lee, novamente na pele do policial federal Sam Gerard –, *U.S. Marshals* perde muitos pontos na comparação com o original.

Sem Ford no elenco e com uma história mais difícil de engolir, *U.S. Marshals* aposta no carisma de Tommy Lee Jones e na direção de Stuart Baird (de *Momento Crítico*) para mostrar mais uma perseguição promovida pelo incansável Sam Gerard. Desta vez, ele caça Mark Sheridan (Wesley Snipes), um agente da CIA acusado de ter matado outros dois homens do governo americano durante uma operação secreta de espionagem. Robert Downey Jr. junta-se ao elenco como um federal incumbido de acompanhar as investigações.

No ímpeto de realçar o parentesco com *O Fugitivo*, o roteiro de *U.S. Marshals* chega a criar cópias fiéis – porém de qualidade inferior – de duas cenas marcantes do filme original. Se antes o personagem de Harrison Ford tornava-se um fugitivo depois de um espetacular acidente de trem, agora Sheridan passa a ser perseguido após sair ileso de um acidente de avião igualmente espetacular – para não dizer bastante parecido com o visto em *Con Air*. E, se no primeiro filme o herói saltava de centenas de metros e mergulhava num rio para fugir de seus perseguidores, aqui o fugitivo salta do alto de um edifício, aterrissa num prédio vizinho e, na seqüência, pula em cima de um trem em movimento.

Mesmo com todos os elementos no lugar, falta a *U.S. Marshals* algo que faça a platéia torcer por Wesley Snipes da mesma forma que torcia por Harrison Ford. O roteiro demora muito para mostrar qual o envolvimento do fugitivo com a morte dos agentes federais – ou por que tantas pessoas o desejam morto –, e o ritmo do filme é prejudicado por uma montagem molenga, que chega a atrapalhar as cenas de ação. Resta ao público, portanto, torcer por Tommy Lee Jones, que foi catapultado da condição de coadjuvante à de protagonista. É ele quem segura um filme que, no máximo, prova a habilidade de Hollywood em construir espetáculos visuais que, por dentro, são vazios.

(U.S. Marshals, EUA, 1998) ***Direção****: Stuart Baird.* ***Com*** *Tommy Lee Jones, Wesley Snipes, Robert Downey Jr., Kate Nelligan, Joe Pantoliano, Irène Jacob, Daniel Roebuck, Tom Wood, LaTanya Richardson. 133 min.*



Richard Gere foge das autoridades pelas ruas de Pequim. No destaque, a atriz Bai Ling, que faz a advogada capaz de salvá-lo da pena de morte

JUSTIÇA VERMELHA

Richard Gere denuncia a crueldade do sistema penal chinês neste thriller ambientado na China

Embora se passe inteiramente na China, o thriller *Justiça Vermelha* foi filmado na Califórnia. Não que alguma lei do governo chinês impeça uma produção estrangeira de se instalar em seu território; o problema é que o astro do filme, Richard Gere, um dos mais fervorosos defensores da libertação do Tibet, está proibido de pôr os pés além da Grande Muralha.

No filme dirigido por Jon Avnet, Gere é Jack Moore, um importante advogado americano numa viagem de negócios a Pequim. Durante uma noitada, ele se envolve com uma bela mulher e vai para a cama com ela – apenas para encontrá-la morta na manhã seguinte e ser acusado de assassinato. Uma vez preso, Moore descobre que as leis chinesas são completamente diferentes do sistema ao qual está acostumado: apesar de ser inocente, ele tem de confessar o crime para conseguir a clemência da corte, não tem direito a um advogado estrangeiro e ainda descobre que a embaixada americana está fazendo corpo mole para ajudá-lo. A única pessoa que pode livrá-lo da morte por fuzilamento – sua família ainda tem de pagar as balas – é a advogada chinesa Shen Yuelin (Bai Ling), que decide investigar o crime. Mas ela esbarra na má vontade das autoridades, arriscando a reputação e a própria vida para provar a inocência de um homem.

Com *Justiça Vermelha*, Gere dá sua contribuição para chamar a atenção da mídia para os problemas sociais que afligem a China – tudo, é claro, sob sua perspectiva ianque de que o mundo só vai acordar para a crueldade do sistema chinês quando um ocidental, branco e saudável, estiver ameaçado de morte. Mesmo assim, o plano não deu muito certo: o filme faturou pálidos 23 milhões de dólares nos Estados Unidos, o que mostra que os americanos ainda estão mais preocupados em mirar o próprio umbigo do que em defender a liberdade do outro lado do mundo.

(Red Corner, EUA, 1997) **Direção**: *Jon Avnet.* **Com** *Richard Gere, Bai Ling, Bradley Whitford, Byron Mann, Peter Donat, Robert Stanton, Roger Yuan, Tsai Chin. 119 min.*

MEDIDAS DESESPERADAS

Para se divertir com este *Medidas Desesperadas* é preciso deixar a lógica de lado e embarcar num implausível jogo de gato e rato protagonizado por Andy Garcia e Michael Keaton. Andy é o policial Frank Conner, que está em busca de um doador de medula para seu filho. O único doador compatível em todo o país (!) é o psicopata Peter McCabe (Michael Keaton), um perigoso assassino que se encontra preso numa penitenciária de segurança máxima. Ele concorda em fazer a operação para salvar o garoto, mas, na verdade, está é planejando fugir do hospital.

A partir daí, o filme se transforma numa sucessão de explosões e perseguições orquestradas pelo diretor Barbet Schroeder (de *O Reverso da Fortuna*) – que se sai bem melhor dirigindo os atores do que as seqüências de ação. *Medidas Desesperadas* acerta, porém, quando coloca Andy Garcia e Michael Keaton frente a frente, já que o policial é obrigado a preservar a vida do criminoso para não condenar seu próprio filho, deixando o final verdadeiramente imprevisível. Para um suspense apenas mediano, já está bom demais.

(Desperate Measures, EUA, 1998) **Direção**: *Barbet Schroeder.* **Com** *Michael Keaton, Andy Garcia, Marcia Gay Harden, Brian Cox, Joseph Cross, Erik King, Efrain Figueroa, Janel Maloney. 100 min.*

Andy Garcia e Michael Keaton: aliança mortal

O thriller *Justiça Vermelha* não pôde ser rodado na China porque o astro Richard Gere está proibido de entrar naquele país

Luppi (à esq.) vê um México hostil

HOMENS ARMADOS

O diretor John Sayles, do ótimo *Lone Star – A Estrela Solitária*, é um caso raro de cineasta que não faz a menor concessão. Ele apresenta agora um trabalho ousado e corajoso, o drama político *Homens Armados*, filmado no México, com elenco local e quase todo falado em espanhol.

O ator argentino Federico Luppi é o dr. Fuentes, um médico que, às vésperas da aposentadoria, viaja pelo interior mexicano para reencontrar seus alunos, que atendem a população carente. Descobre, porém, um cenário desolador, marcado pela miséria e por assassinatos indiscriminados. Fuentes sempre permaneceu indiferente à realidade de seu país e por isso se assusta com o poder invisível e onipresente dos "homens armados", militares que aterrorizam os pobres e oprimidos. A ingenuidade exagerada do personagem é a única deficiência de um filme bem narrado e honestamente preocupado com o social.

(Men with Guns, EUA, 1998) ***Direção****: John Sayles.* ***Com*** *Federico Luppi, Damian Delgado, Damian Alcazar, Mandy Patinkin, Kathryn Grody. 128 min.*

O FIM DA VIOLÊNCIA

Tarefa difícil, essa de ser o diretor Wim Wenders. Um dos cineastas mais cultuados da década passada, o responsável por *Paris Texas* busca recuperar seu prestígio com esta tentativa de construir um manifesto contra a violência que permeia o cinema do final de milênio.

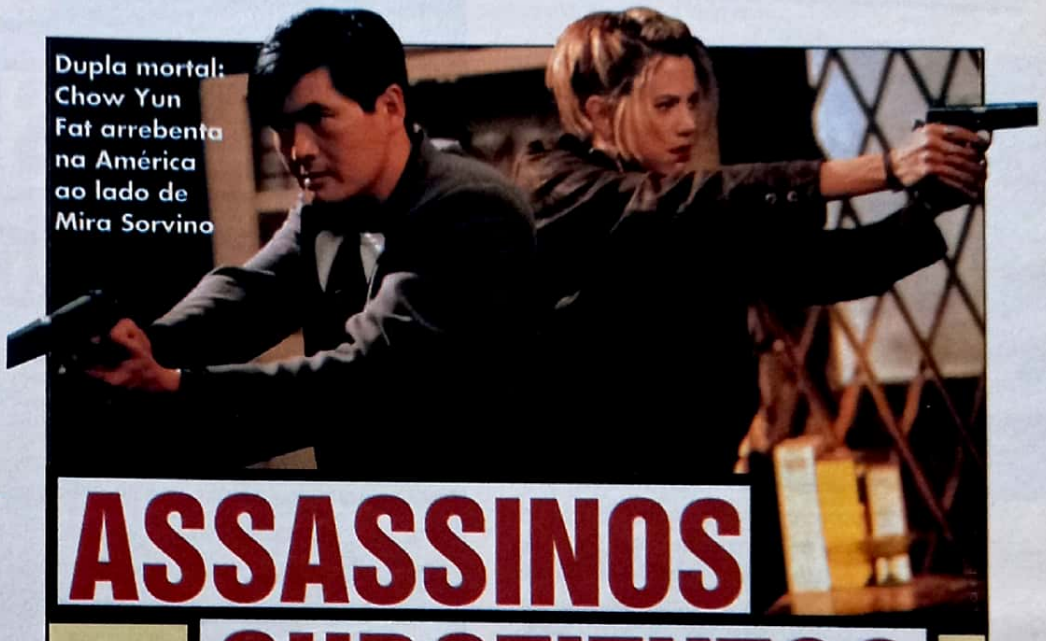
Em *O Fim da Violência*, tudo o que existe de ruim no cinemão americano está representado pelo produtor Mike Max (Bill Pullman), que fez sua fortuna com uma série de filmes de ação barulhentos e descerebrados. Ele é raptado, consegue escapar e encontra abrigo com uma família de imigrantes mexicanos. Ao mesmo tempo, o policial encarregado de investigar seu desaparecimento se envolve com uma atriz da última produção de Max. *O Fim da Violência* pretende fazer as pessoas refletirem sobre a indiferença com a qual encaram o mundo, mas, no final das contas, não passa de um filme eficiente realizado por um cineasta que luta para recuperar seu talento.

(The End of Violence, França/Alemanha/EUA, 1997) ***Direção****: Wim Wenders.* ***Com*** *Bill Pullman, Andie MacDowell, Gabriel Byrne, Traci Lind, Rosalind Chao, K. Todd Freeman, Chris Douridas, Pruitt Taylor Vince. 122 min.*

PlayArte

Bill Pullman: violência nas telas

Assassinos Substitutos merece ser conferido por causa da presença do maior astro dos filmes de ação orientais, Chow Yun Fat



Dupla mortal: Chow Yun Fat arrebenta na América ao lado de Mira Sorvino

ASSASSINOS SUBSTITUTOS

O astro chinês Chow Yun Fat faz sua estréia nos Estados Unidos neste filme carregado de ação

A América continua importando mão-de-obra chinesa para temperar seus filmes de ação. Desta vez, porém, o talento oriental não está atrás das câmeras – como os diretores John Woo e Tsui Hark –, mas estampando seu rosto no cartaz de *Assassinos Substitutos*: o ator Chow Yun Fat. Com diversos filmes dirigidos por John Woo no currículo, inclusive o já clássico *Fervura Máxima*, ele chegou aos Estados Unidos para dar um novo fôlego a um gênero cansado dos Van Dammes e Seagals da vida.

A história de *Assassinos Substitutos* é mais do que batida: um matador profissional, preso a um criminoso por causa da honra, nega-se a cumprir um último contrato e acaba se tornando alvo de dois outros assassinos. Para ajudá-lo a deixar a América e voltar à China, onde sua família também corre risco de vida, ele conta com uma falsificadora (Mira Sorvino).

Mas o diretor Antoine Fuqua não faz a mínima idéia por onde começar a contar uma história, e o filme acaba se tornando uma imensa colagem de imagens. É claro que, só por causa de Chow Yun Fat, *Assassinos Substitutos* segura muito bem uma sessão da tarde. Mas não dá para evitar a sensação de estar vendo um filme de ação chinês engarrafado no Paraguai.

(The Replacement Killers, EUA, 1998) ***Direção****: Antoine Fuqua.* ***Com*** *Chow Yun Fat, Mira Sorvino, Michael Rooker, Jürgen Prochnow, Carlos Gómez, Til Schweiger, Danny Trejo, Kenneth Tsang. 87 min.*

As atuações de Judi Dench e Billy Connolly são o ponto forte de Mrs. Brown

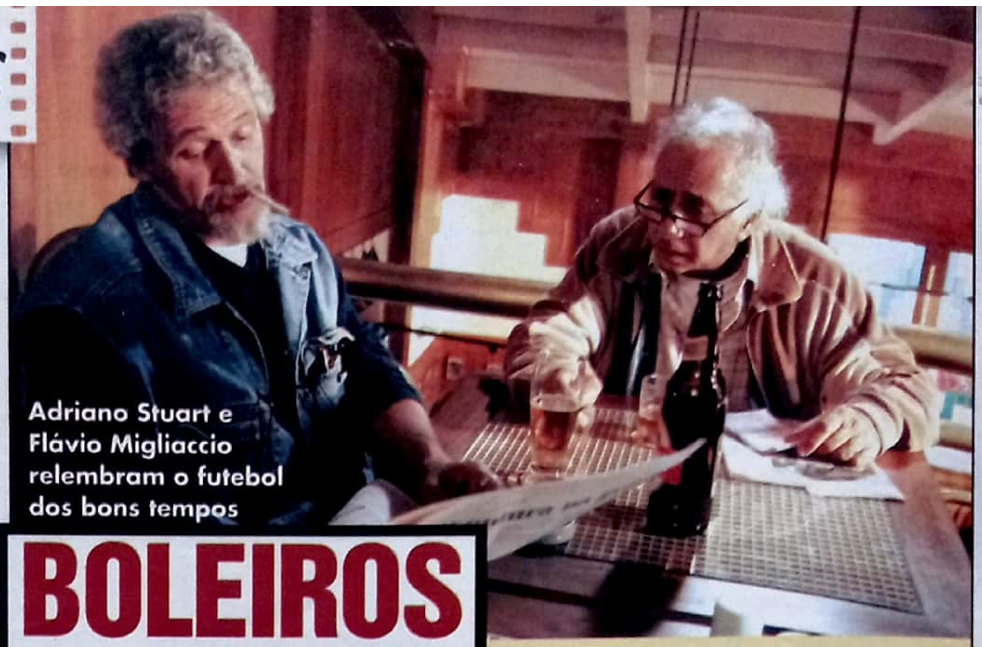
Jogadores: Oscar e Lucinda com as cartas na mão

OSCAR E LUCINDA

O novo filme da diretora de *Adoráveis Mulheres* não é o tipo de drama de época ao qual o público está acostumado. Distante da elegância das produções Ivory/Merchant (como *Vestígios do Dia*), *Oscar e Lucinda* mantém os dois pés numa narrativa poética que é bastante adequada à história do casal de protagonistas. O primeiro é Oscar Hopkins (Ralph Fiennes, em seu primeiro papel depois do premiado *O Paciente Inglês*), um padre que não consegue completar sua devoção ao sacerdócio por ser um jogador compulsivo. Ele acredita que o jogo é um meio de purificar a alma – tanto que deixa todos os seus ganhos na caixinha da igreja.

É quando ele encontra a jovem Lucinda Leplastrier (Cate Blanchett), uma herdeira com o mesmo gosto para o jogo que compra uma fábrica de vidro na Inglaterra para realizar seu sonho: construir uma igreja de vidro e transportá-la para o deserto australiano. Lucinda aposta a sua fortuna que Oscar não conseguirá transportar a igreja. Durante a jornada, eles desafiam a conservadora sociedade da época e se entregam a uma paixão avassaladora. Mesmo que isso lembre qualquer outro drama de época, a bela cena em que Ralph Fiennes transporta a igreja de vidro por um rio será difícil de esquecer.

(EUA/Austrália, 1997) **Direção**: *Gillian Armstrong.* **Com** *Ralph Fiennes, Cate Blanchett, Ciarán Hinds, Tom Wilkinson, Richard Roxburgh, Clive Russell, Bille Brown, Geoffrey Rush. 132 min.*



Adriano Stuart e Flávio Migliaccio relembram o futebol dos bons tempos

BOLEIROS

SET RECOMENDA

O diretor Ugo Giorgetti escolhe o futebol, paixão nacional, como assunto de seu último filme

Boleiros chega às telas com um grande trunfo: o tema central é o futebol, uma das grandes paixões do brasileiro. Curioso notar, aliás, que o esporte é consideravelmente raro no cinema de ficção, tanto que o último filme expressivo a abordar o assunto foi *Asa Branca, um Sonho Brasileiro*, realizado por Djalma Limongi Batista há mais de quinze anos.

O roteiro do diretor Ugo Giorgetti mostra um grupo de amigos que costuma se reunir em um bar no centro da capital paulista para trocar causos e notícias sobre o futebol de ontem e de hoje. O grupo é formado por boleiros (pessoas ligadas a esse esporte), veteranos aposentados e profissionais na ativa, juízes, técnicos e jogadores. Há um clima de melancolia no ar, de sonhos que o tempo apagou.

O filme, como os trabalhos anteriores de Giorgetti (*Festa* e *Sábado*), é uma colagem de histórias, mas o resultado é irregular. Se o conto sobre um juiz corrupto ganha em humor por causa do talento do ator Otávio Augusto, a história do craque esquecido que está em dificuldades financeiras não mostra um final convincente; o caso do garoto de rua com talento nato para o futebol é emocionante, mas o da hóspede de um hotel que seduz um jogador mulherengo às vésperas de uma partida é completamente dispensável.

Boleiros acerta no tom nostálgico e ganha mais pontos ao falar de pessoas comuns, que protagonizam situações familiares ao torcedor. Resta saber se, mesmo sendo o futebol uma mania nacional, o sotaque paulistano não irá limitar mais uma vez o alcance de um filme de Giorgetti – as situações são universais, mas a ambientação não nega suas origens. Não é um defeito, mas pode ser um problema.

(Brasil, 1998) **Direção**: *Ugo Giorgetti.* **Com** *Adriano Stuart, Flávio Migliaccio, Rogério Cardoso, Lima Duarte, Otávio Augusto, Cássio Gabus Mendes, Marisa Orth, Denise Fraga, André Abujamra. 93 min.*

SUA MAJESTADE, MRS. BROWN

SET RECOMENDA

A amizade entre a rainha Vitória, que reinou na Inglaterra da metade do século passado, e seu cavalariço, o escocês John Brown, é o fio condutor deste belo drama que conta com dois trunfos poderosos: a atriz Judi Dench, magnífica como a rainha, e Billy Connolly, no papel de Brown.

O filme mostra a chegada do escocês à corte da rainha, que se encontra profundamente deprimida desde a morte do marido. Em quinze anos de convivência, o relacionamento entre a soberana e o serviçal rompe a barreira imposta pela formalidade da coroa para se tornar uma sincera amizade – que chegou a abalar os alicerces da monarquia inglesa. Talvez a arrogância de John Brown, um plebeu que cai nas graças da mulher mais poderosa do mundo, incomode um pouco. Mas são detalhes como esse que tornam a história de *Sua Majestade, Mrs. Brown* ainda mais humana.

(Mrs Brown, Inglaterra, 1997) **Direção**: *John Madden.* **Com** *Judi Dench, Billy Connolly, Geoffrey Palmer, Antony Sher, Gerald Butler, Richard Pasco, David Westhead, Bridget McConnel. 103 min.*

Amizade: Billy Connolly conduz Judi Dench

Giulia e Paulo: comédia de época

POLICARPO QUARESMA, HERÓI DO BRASIL

O ator Paulo José interpreta o nacionalista Policarpo Quaresma nesta adaptação do romance de Lima Barreto realizada pelo cineasta Paulo Thiago. Ambientado no Brasil do final do século passado, o filme acompanha a quixotesca luta do major Policarpo para transformar o país. Ele propõe a mudança do idioma nacional para o tupi-guarani e começa uma cruzada para implantar os costumes indígenas na república recém-formada. Como resultado de suas idéias amalucadas, vai parar no hospício.

Policarpo Quaresma, Herói do Brasil mostra um herói ingênuo, que acredita genuinamente na preservação dos valores nacionais, os quais empunha como bandeira. O diretor Paulo Thiago conta que conduziu seu trabalho num tom farsesco, retomando uma tradição de filmes populares como *Macunaíma* e *Xica da Silva*, nos quais o momento histórico era apenas o pano de fundo para a reflexão. Mas tudo isso sem esquecer o bom humor.

(Brasil, 1998) ***Direção****: Paulo Thiago.* ***Com*** *Paulo José, Giulia Gam, Ilya São Paulo, Antônio Calloni, Bete Coelho, Othon Bastos, Cláudio Mamberti, Fernando Eiras, Luciana Braga, Tonico Pereira, José Lewgoy, Chico Diaz. 123 min.*

IMPACTO PROFUNDO

A diretora de *O Pacificador* traz às telas o primeiro filme do ano a mostrar a ameaça de um asteróide

Em meados de março, cientistas americanos anunciaram que, em trinta anos, um asteróide poderia colidir com a Terra. É claro que, no dia seguinte, os mesmos cientistas descobriram que seus cálculos estavam errados, e que o planeta não corria nenhum risco. Mas foi o bastante para deixar o mundo apreensivo – e os executivos de Hollywood agradecidos pela publicidade gratuita: duas superproduções que mostram justamente a ameaça de um gigantesco asteróide ganharam um inesperado espaço na mídia.

O primeiro a chegar aos cinemas é este *Impacto Profundo*, dirigido por Mimi Leder (de *O Pacificador*). O filme mostra a descoberta do corpo celeste em rota de colisão, o que muda a vida de milhões de pessoas, apreensivas com a chegada do fim do mundo. Para assegurar a sobrevivência da raça humana, o presidente americano (Morgan Freeman) traça um plano audacioso: construir gigantescos abrigos subterrâneos capazes de comportar um milhão de pessoas. Ao mesmo tempo, russos e americanos lançam uma missão ao espaço (comandada por Robert Duvall) com o objetivo de pulverizar o cometa.

O roteiro de *Impacto Profundo* se concentra mais na reação das pessoas e nas mudanças causadas pela proximidade da tragédia do que em cenas de ação – bem diferente de *Armageddon*, o outro filme que mostra a ameaça que vem do espaço, e que aposta na adrenalina.

(Deep Impact, EUA, 1998) ***Direção****: Mimi Leder.* ***Com*** *Robert Duvall, Téa Leoni, Morgan Freeman, Elijah Wood, Vanessa Redgrave, Maximilian Schell, James Cromwell, Denise Crosby, Jon Favreau, Mary McCormack, Blair Underwood.*

UIP

Planeta proibido: astronautas tentam destruir a ameaça espacial

Columbia Buena Vista

Krippendorf: tribo de mentira

A TRIBO DOS KRIPPENDORF

Richard Dreyfuss já provou que possui talento para a comédia. Então por que ele embarcou numa furada tão grande quanto *A Tribo dos Krippendorf*? Nesta comédia dirigida por Todd Holland, um sujeito vindo da televisão, Dreyfuss é o professor universitário James Krippendorf, contratado para encontrar uma tribo perdida da Nova Guiné. Após meses de trabalho, ele volta para casa tendo fracassado em sua missão. Já que admitir a derrota significaria o fim de sua carreira – e um enorme rombo em sua conta bancária –, ele decide inventar uma tribo perdida, construindo uma base científica sobre pesquisas anteriores e disfarçando seus próprios filhos de selvagens para obter a documentação visual necessária.

Mas dá para desconfiar de uma comédia que causou apenas um comentário nos Estados Unidos: a lorota de Richard Dreyfuss. Ele garante que o corpo que estampa o cartaz – o de um jovem alto e musculoso – é mesmo o seu. E a gente faz de conta que acredita.

(Krippendorf's Tribe, EUA, 1998) ***Direção****: Todd Holland.* ***Com*** *Richard Dreyfuss, Jenna Elfman, Natasha Lyonne, Gregory Smith, Carl Michael Linder, Stephen Root, Elaine Stritch, Lily Tomlin. 94 min.*

Impacto Profundo deixa a ação de lado para mostrar a reação das pessoas ante o fim do mundo

Dulce Damasceno de Brito

Botando ordem na casa

Dulce ficou lisonjeada com a cantada de Michael Curtiz

Arquivo Pessoal Dulce

De Cecil B. DeMille a Michael Curtiz, o estilo dos grandes diretores de antigamente

Por jamais ter me considerado crítica de filmes, e sim colunista especializada em cinema, confesso que, nos meus tempos como correspondente em Hollywood, preferia entrevistar os astros e estrelas mais populares da época a falar com diretores. Mas, afinal, como são eles que mandam nos sets, acabei tendo um bom relacionamento com vários importantes cineastas.

Foi fascinante ver Cecil B. DeMille em ação dirigindo o que seria seu último filme, *Os Dez Mandamentos*, em um gigantesco galpão da Paramount transformado em ruas, desertos e palácios do Egito. Quando não estava na cadeira de diretor, DeMille andava pelos sets supervisionando tudo com habilidade de mestre. E, para não perder seu precioso tempo, só concordava em conceder entrevistas (pouquíssimas, bem selecionadas) durante o almoço. Antes desse nosso compromisso no restaurante da Paramount, fui convidada a assistir a uma filmagem de que participariam Charlton Heston, Yul Brynner, Anne Baxter e uma centena de figurantes. Relembrando os velhos tempos, DeMille ainda usava um megafone – assim, não precisava gritar para se fazer ouvir. De fala mansa e carinhosa, mas firme, impunha grande respeito a todos sob o seu comando. Era um clima quase místico, bem de acordo com o tema bíblico. Após ordenar "corte!" do alto de uma grua, o veteraho – então com 75 anos – estendeu-me a mão, dizendo gentilmente: "How do you do, Miss De Brito?". Era típico de DeMille não esperar por apresentações, procurando saber, de antemão, o nome do visitante. Fomos de carrinho de golfe até o restaurante e, no percurso, ele elogiou as vozes possantes de Heston e Brynner, muito agradáveis para um diretor que, como ele, vinha do cinema mudo.

George Stevens era o diretor favorito de Elizabeth Taylor. Ele faturou dois Oscar, por *Um Lugar ao Sol* e *Assim Caminha a Humanidade* – ambos estrelados pela atriz. Infelizmente, apenas Shelley Winters foi premiada em 1959 pelo filme ao qual Stevens dedicou seu maior carinho – *O Diário de Anne Frank*. Acompanhei de perto a construção do cenário que era a reprodução exata do sótão de Amsterdã onde a família Frank se refugiara dos nazistas durante a Segunda Guerra. Perfeccionista, Stevens mandou buscar na Europa o sr. Otto Frank – pai de Anne e único sobrevivente da família – que, emocionado, serviu como conselheiro técnico. E na noite da première do filme, o diretor e seu filho, George Stevens Jr., fizeram uma exposição de fotos do Holocausto e reproduções do diário que Otto recuperara após a guerra.

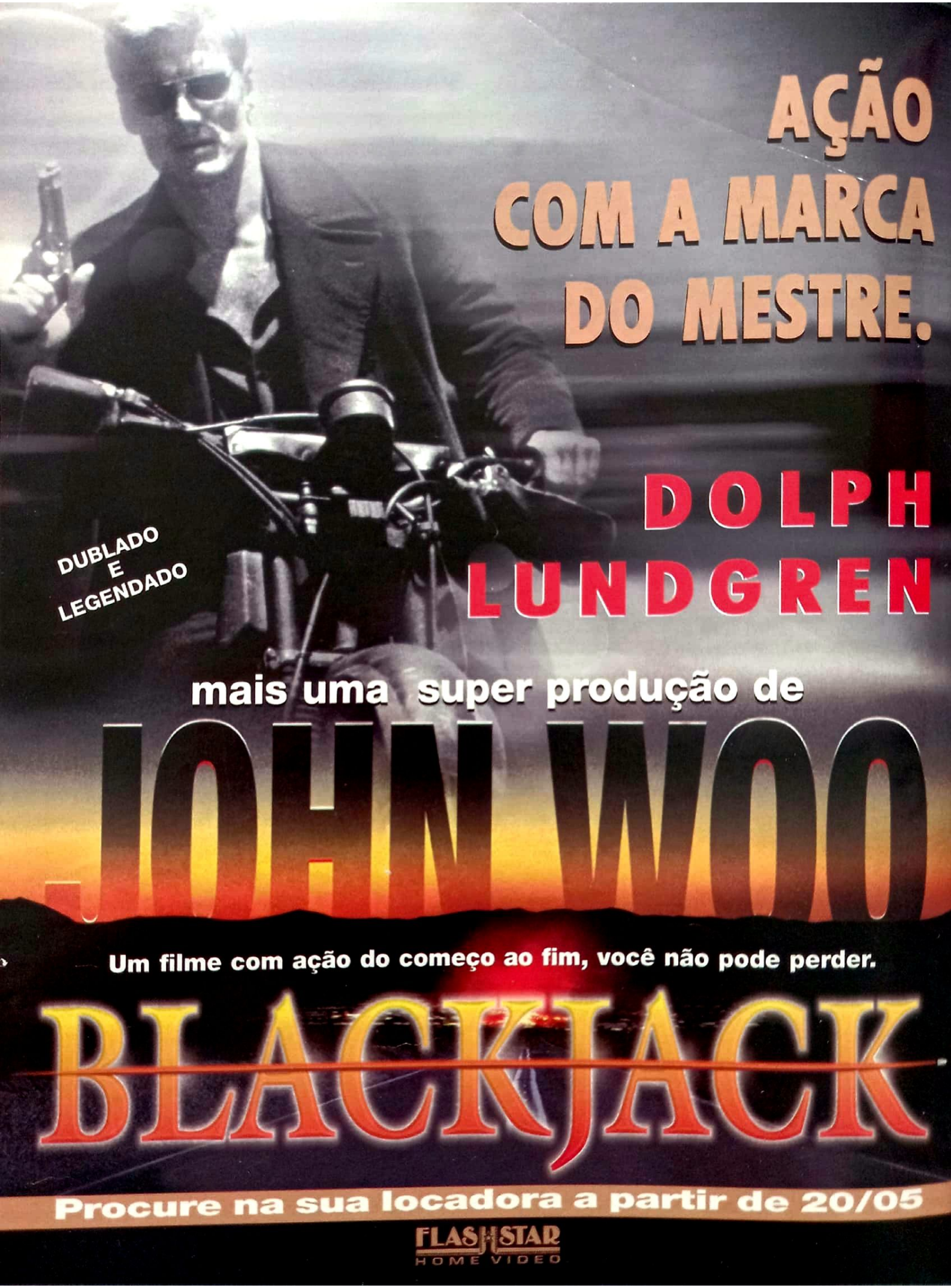
Um homem tão bonito como os galãs de seus filmes era Charles Vidor, o responsável por *Gilda*, *À Noite Sonhamos* e *Adeus às Armas*, que morreu antes de completar 59 anos. Nascido em Viena, Vidor parecia mesmo um nobre dos salões austríacos, com sua elegância e prematuros cabelos brancos. Conheci-o na Metro, durante a filmagem de *Ame-me ou Esquece-me*, onde fora entrevistar James Cagney, e o observador Vidor chamou a atenção para nossas alianças de casamento iguais, modelo copiado de Humphrey Bogart e Lauren Bacall.

Eu estava no set de *O Egípcio* na Fox, esperando para entrevistar Gene Tierney, quando fui abordada por um senhor elegantemente vestido, que me perguntou se eu era uma das modelos que posariam para o pôster do filme. Ri da esfarrapada desculpa de aproximação, embora emocionada ao descobrir que o autor da paquera era o premiadíssimo diretor de *Casablanca*, Michael Curtiz. Húngaro de nascimento, Curtiz nunca perdeu o sotaque, o que não o impediu de ter uma carreira brilhante e dirigir as maiores celebridades de Hollywood, como Bette Davis, Errol Flynn, Joan Crawford, Cary Grant, Doris Day, Gary Cooper, John Wayne e até Elvis Presley. Apesar de um currículo tão impressionante, resisti à cantada de Mr. Curtiz e nos tornamos bons amigos, a ponto de ele me confidenciar: "Sabe que fui o único diretor que ousou mandar Bette Davis à merda? Foi durante a filmagem de *Meu Reino por um Amor*, com ela vestida de rainha Elizabeth e tudo! Por causa disso e por ela ser, então, a mandona da Warner, nunca mais recebi a incumbência de dirigi-la novamente. O que foi um alívio...". ■

George Stevens (*à dir.*) e o filho produtor fazem moldura para Charles Vidor

Arquivo Pessoal Dulce

DUBLADO E LEGENDADO
WILLIAM FORSYTHE
(A Rocha)
JAMES LeGROS
(Quatro Mulheres e um Destino)
ELIZABETH PEÑA
(Free Willy 2)
NUNCA DÊ CARONA A UM ESTRANHO
(THE PASS)
Pode custar sua vida.
UM THRILLER QUE VAI DEIXAR VOCÊ ARREPIADO.
SOMENTE NA SUA LOCADORA!
playtime


AÇÃO
COM A MARCA
DO MESTRE.
DOLPH
LUNDGREN
DUBLADO
E
LEGENDADO
mais uma super produção de
JOHN WOO
Um filme com ação do começo ao fim, você não pode perder.
BLACKJACK
Procure na sua locadora a partir de 20/05
FLASHSTAR
HOME VIDEO

Fotos: Warner

Russell Crowe descansa do batente enquanto massageia as belas pernas de Kim Basinger; no destaque, Guy Pearce extravasa sua fúria

LOS ANGELES – CIDADE PROIBIDA

Uma brilhante intriga policial é o melhor lançamento do mês

Quem te viu e quem te vê, Curtis Hanson. Não que *Uma Janela Suspeita* e *A Mão que Balança o Berço* sejam filmes ruins. Mas, comparados à exuberância de *Los Angeles – Cidade Proibida*, parecem patinhos feios perto de um cisne de surpreendente beleza. Como um atleta esforçado que consuma a jogada perfeita depois de anos de ensaio, o diretor Hanson dá um salto quase inacreditável de inteligência e de sofisticação com este filme *noir* que, apesar de erguido sobre as colunas básicas do gênero, é ao mesmo tempo uma elaborada reconstrução desses alicerces. Crime, violência, corrupção, sexo, drogas, abuso de poder: os temas-chave na mitologia de Los Angeles estão todos ali, reembaralhados em uma trama que, embora ambientada na primeira metade dos anos 50, é narrada com o frescor de um suspense dos anos 90. As atenções concentram-se em três policiais (Russell Crowe, Guy Pearce e Kevin Spacey), cujas diferenças se acentuam à medida que entram em cena cadáveres de crimes mal explicados, prostitutas que são sósias de atrizes famosas, um produtor de material pornográfico, um procurador de justiça homossexual e até um personagem-fantasma, que vai se revelar fundamental para a compreensão da teia. Dezenas de figuras marcantes e de situações paralelas desfilam pelas sombras da cidade – cerca de oitenta atores têm diálogos –, antes que as ligações entre uns e outros sejam explicadas. Hanson e o co-roteirista Brian Helgeland abrem cuidadosamente as cartas sobre a mesa, de modo que toda revelação crie sempre uma nova incógnita e as aparências não passem de aparências, habilidoso artifício importado do romance original de James Ellroy (que tem o triplo de personagens e pelo menos outras quatro tramas paralelas). Ambos mereceram, portanto, o Oscar de roteiro adaptado (o filme levou ainda o Oscar de atriz coadjuvante para Kim Basinger). O "*Confidential*" do título original faz referência a uma revista popular na década de 50 por expor celebridades envolvidas em escândalos de sexo e drogas, muito semelhante à picaretíssima *Hush-Hush* editada no filme pelo personagem de Danny DeVito, que narra a abertura. Antes das filmagens, Hanson diz ter programado um ciclo de filmes *noir* para que elenco e equipe técnica pudessem familiarizar-se com rostos, sombras, figurinos e expressões que marcaram o gênero. As sessões privadas funcionaram: além de prestar um tributo a quem conferiu a Los Angeles a aura de cidade dos sonhos, o filme revela as origens do sistema perverso que dela nasceu. Deu no *The New York Times*? Não, deu na *Hush-Hush*.

Sérgio Rizzo

★★★★★

(L.A. Confidential, EUA, 1997) Direção: Curtis Hanson. Com Russell Crowe, Guy Pearce, Kevin Spacey, Kim Basinger, James Cromwell, Danny DeVito, David Strathairn. 137 min. Warner.

VIDEOlançamentos

Isabella e Rea separados pela injustiça

POLICIAL

O CRIME DO SÉCULO

★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Em 1932, o seqüestro e assassinato do bebê do aviador Charles Lindbergh causou frenesi e histeria. Achar um culpado era imperativo; sem pistas, a polícia e o FBI jogaram sujo para condenar e executar o imigrante alemão Bruno Hauptmann, encontrado com parte do dinheiro do resgate. Até sua morte na cadeira elétrica, Bruno jurou inocência e alegou que o dinheiro fora deixado em sua casa por um parceiro de negócios.

O COMENTÁRIO Como o caso Lindbergh nunca foi reaberto, tecnicamente não se pode afirmar que Bruno era inocente; hoje, porém, acredita-se que ele foi injustamente executado. Stephen Rea, de *Traídos pelo Desejo*, está magnífico como o coitado pego numa rede da qual é impossível se safar e que é submetido a toda espécie de manipulação e má conduta. Atenção também para Michael Moriarty, ótimo como o governador que acredita no réu, mas não tem coragem de apoiá-lo.

Isabela Boscov

(Crime of the Century, EUA, 1996) **Direção:** *Mark Rydell.* **Com** *Stephen Rea, Isabella Rossellini, Michael Moriarty, J.T. Walsh. 114 min. Abril.*

AÇÃO

AMEAÇA SUBTERRÂNEA

★★

A HISTÓRIA Ao investigar a morte de um amigo no interior dos Estados Unidos, o agente federal Jack Taggart descobre que um milionário está usando uma cidadezinha como depósito de lixo tóxico. Revoltado, ele tenta conseguir a ajuda da população local, que vive intimidada pelo magnata, ao mesmo tempo em que se envolve com uma bela viúva.

O COMENTÁRIO *Ameaça Subterrânea* não acrescenta nada à já inexpressiva carreira de Steven Seagal, que volta com a mesma ladainha ecológica de seus filmes anteriores, como no também fraquinho *Em Terreno Selvagem*. Algumas brigas são bem coreografadas, e uma ou outra cena de ação se salva. Mas ter de agüentar Seagal escapando das situações mais absurdas sem nenhum arranhão ou tocando violão e cantando modinhas country antes de arrebentar meia dúzia de sujeitos é dose.

Roberto Sadovski

Warner

Seagal exercita as cordas vocais

(Fire Down Below, EUA, 1997) **Direção:** *Felix Enriquez Alcala.* **Com** *Steven Seagal, Marg Helgenberger, Harry Dean Stanton, Stephen Lang, Kris Kristofferson, Levon Helm, Ed Bruce, Randy Travis. 105 min. Warner.*

AVENTURA

BUD - O CÃO AMIGO

Bud marca mais dois pontos

★★★

A HISTÓRIA Abalado com a morte do pai, o garoto Josh muda com a mãe para outra cidade. Ignorado pelos colegas, passa o tempo todo jogando basquete. Em um quintal abandonado, conhece o cachorro Buddy, que se perdeu de seu dono, um palhaço ranzinza que o usava em festinhas infantis. Buddy demonstra ser um habilidoso cestinha e se torna mascote do time de Josh. Às vésperas da final do campeonato, o antigo dono reaparece com más intenções.

O COMENTÁRIO O labrador Buddy conquistou uma legião de fãs com sua competência profissional em shows e comerciais. Sua carreira foi interrompida quando precisou amputar uma pata. Recentemente, sua morte emocionou a América. Aqui, estreando no cinema, ele provou seu talento sem recorrer a efeitos especiais. Considerando-se o roteiro meloso, o animal acaba sendo o maior trunfo desta produção infantil.

Miguel Barbieri Jr.

(Air Bud, EUA/Canadá, 1997) **Direção:** *Charles Martin Smith.* **Com** *Kevin Zegers, Michael Jeter, Wendy Makkena, Eric Christmas, Bill Cobbs, Buddy the Dog. 98 min. América.*

DRAMA

SEM LIMITE

INÉDITO NO CINEMA

★★

A HISTÓRIA Na Denver da segunda metade dos anos 40, o aspirante a escritor Neal Cassady (Thomas Jane) leva uma vida insignificante e namora a bela Joan. Ela tenta o suicídio. Sem suportar vê-la à beira da morte no hospital, Neal passa seus dias jogando sinuca com o amigo Harry (Keanu Reeves). Depois de dois meses, uma mulher misteriosa lhe revela que Joan sobreviveu. O roteiro do diretor inspira-se numa extensa carta que Cassady escreveu para Jack Kerouac.

O COMENTÁRIO O filme apresenta fatos que antecederam a fase mais conhecida da geração beat. A carta em questão levou Kerouac a escrever *Pé na Estrada*. Com muito free jazz na trilha (Miles Davis, Charles Mingus, Charlie Parker, entre outros), o filme recusa a linearidade cronológica. As imagens nervosas – e belas – traduzem a inquietude estética daquela geração. A metade final, porém, é insuportável.

Christian Petermann

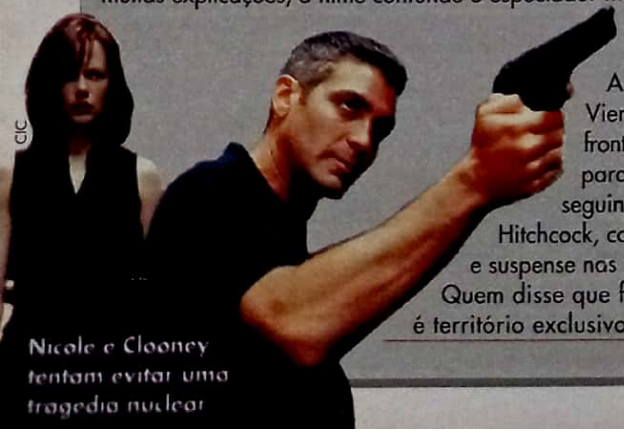
(The Last Time I Committed Suicide, EUA, 1997) **Direção:** *Stephen Kay.* **Com** *Thomas Jane, Keanu Reeves, Claire Forlani, John Doe, Marg Helgenberger, Gretchen Mol. 92 min. Cor e p&b. Play Time.*

AÇÃO

O PACIFICADOR ★★★

O Pacificador pode ser considerado um marco histórico: é o primeiro filme da Dreamworks SKG (o famoso estúdio de Steven Spielberg), a melhor incursão no gênero ação do galã George Clooney e a estréia na telona da diretora Mimi Leder, do seriado *Plantão Médico*. Tanta expectativa, porém, resultou em um passatempo apenas eficiente. Quando uma bomba nuclear explode na Rússia, matando mais de 1.500 pessoas, a Casa Branca aciona dois especialistas no assunto para chefiar o caso: o tenente-coronel Thomas Devoe (Clooney) e a cientista nuclear Julia Kelly (Nicole Kidman). A dupla, que acredita tratar-se de um atentado terrorista, tenta localizar os culpados. Para tanto, vai à Europa em busca de respostas. Para dar molho político-social à trama, o roteiro recorre à trágica Guerra da Bósnia, um verdadeiro genocídio. Conduzindo seus personagens de um país a outro sem muitas explicações, o filme confunde o espectador menos atento. A trama, mera colcha de retalhos com pretensão ufanista, por sua vez, é conduzida com pulso forte. A eletrizante perseguição de carros em Viena e o roubo das ogivas nucleares na fronteira do Iraque só perdem em intensidade para a seqüência final, na qual Mimi Leder, seguindo a cartilha de Alfred Hitchcock, combina ação, tensão e suspense nas ruas de Nova York. Quem disse que filme de ação é território exclusivo dos machos?

Miguel Barbieri Jr.



CIC

Nicole e Clooney tentam evitar uma tragédia nuclear

(The Peacemaker, EUA, 1997) **Direção:** *Mimi Leder.* **Com** *George Clooney, Nicole Kidman, Armin Mueller-Stahl, Marcel Iures, Alexander Baluev, Rene Medvesek, Randall Batinkoff. 124 min. CIC.*

AVENTURA

O SELVAGEM

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA O cão Buck leva uma vida de rei sob os cuidados de uma próspera família californiana, no fim do século 19. Nessa época, os garimpeiros de ouro do Ártico anunciam que precisam de cachorros para puxar seus trenós. Assim, na surdina da noite, Buck é raptado e levado para as geleiras do Norte. Nessa terra hostil, ele experimentará as dificuldades, as responsabilidades e, por vezes, as alegrias da nova realidade.

O COMENTÁRIO Ligeiramente inspirado no romance *Caninos Brancos*, de Jack London, o filme seria mais agradável caso não abusasse da violência contra os cães para transmitir a idéia de que tanto homens quanto animais são frutos do meio em que vivem. Além da simpática aparição de Rutger Hauer, como o salvador de Buck, a fita tem como atrativo o ofuscante brilho da neve do Ártico, fotografado aqui no máximo de sua beleza.

Suzana Uchôa Itiberê

(The Call of the Wild, EUA, 1997) **Direção**: *Peter Svatek.* **Com** *Rutger Hauer, Bronwên Booth, Charles Powell, Burke Lawrence, Luc Morissette, Robert Pierre Côte.* **Narração** *de Richard Dreyfuss. 90 min. Alpha.*

AVENTURA

20.000 LÉGUAS SUBMARINAS

★★★

A HISTÓRIA Em 1867, o jovem francês Pierre Arronax quer provar que um monstro submarino está destruindo navios em alto-mar. Desacreditado pelo pai e por outros cientistas, ele embarca em uma arriscada expedição para caçar a criatura nas profundezas do oceano. Quando uma mancha negra surge na superfície, Pierre tem uma grande surpresa. O que ele não imagina, porém, é que sua maior aventura ainda está para começar.

O COMENTÁRIO Ainda não foi desta vez que a clássica obra de Jules Verne ganhou uma versão à altura da realizada pelos estúdios Disney, em 1954. Embora a produção seja grandiosa, com belos figurinos e cenários, os efeitos especiais parecem precários aos olhos agora acostumados a técnicas avançadíssimas. A graça fica por conta do elenco, com destaque para Michael Caine, inspiradíssimo no papel do visionário e despótico Capitão Nemo.

Suzana Uchôa Itiberê

Capitão Nemo (à dir.) e a tripulação

(20.000 Leagues Under the Sea, EUA, 1997) **Direção**: *Rod Hardy.* **Com** *Michael Caine, Patrick Dempsey, Mia Sara, Bryan Brown, Adewale Akinnoye-Agbaje. 158 min. Cannes.*

COMÉDIA ROMÂNTICA

O CASAMENTO DO MEU MELHOR AMIGO ★★★

O australiano P.J. Hogan, marido da cineasta Jocelyn Moorhouse (de *A Prova*), estréia em grande estilo em Hollywood, retomando o tema que lhe dera projeção internacional em *O Casamento de Muriel*. Sua visão crítica, bem-humorada e às vezes melancólica do amor combinou à perfeição com o roteiro espirituoso de *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, escrito por Ronald Bass. Julianne (Julia Roberts) é uma crítica gastronômica que tem problemas com os homens e que descobre estar apaixonada por seu melhor amigo (Dermot Mulroney) bem na hora em que ele a convida para ser sua madrinha de casamento. Ela decide fazer de tudo para conquistá-lo, tentando impedir que o casamento se realize. Sábio, Hogan reeditou a fórmula da comédia romântica, gênero tão caro a Hollywood, permitindo que o elenco ressalte os bons diálogos e arrancando atuações memoráveis de Rupert Everett, como o divertido editor homossexual da jornalista, e de Cameron Diaz, como a bela e inocente noiva. Além disso, ajudou Julia Roberts a fazer as pazes com o sucesso (o filme bateu a casa dos cem milhões de dólares só nos Estados Unidos, fato raro para uma comédia), pondo fim a uma impressionante maré de azar. *O Casamento* é embalado por uma trilha sonora dançante – com destaque para o clássico tema "I Say a Little Prayer", sua direção de arte é kitsch – digna do cinema australiano –, e há ainda belíssimas tomadas de Chicago. Hogan imprimiu seu olhar estrangeiro ao retrato peculiar que faz da mulher moderna, dividida entre a independência e o romantismo.

Fátima Gigliotti

Julia Roberts, com seu belo sorriso, ensina como não agarrar um marido (no caso, Dermot Mulroney)

Columbia TriStar

(My Best Friend's Wedding, EUA, 1997) **Direção**: *P.J. Hogan.* **Com** *Julia Roberts, Dermot Mulroney, Cameron Diaz, Rupert Everett, Philip Bosco, M. Emmet Walsh, Rachel Griffiths. 105 min. Columbia TriStar.*

O Hamlet de Branagh faz a Ofélia de Kate Winslet comer o pão que Shakespeare amassou

HAMLET

★★★★★

Depressivo e melancólico, Hamlet enxergava um impasse até no próprio ato de existir. "Ser ou não ser, eis a questão", ele suspirava – mas só até 1996. Sua mais recente encarnação sussurra essa frase entre dentes, quase incapaz de esconder sua decepção, sua revolta e, principalmente, sua fúria. O cenário também é outro: em vez de perambular por cinzentos corredores de um castelo medieval, ele agora se finge de louco e arquiteta sua vingança nos salões claros, iluminados e cheios de espelhos do século 19, que formam um contraste ainda mais gritante com as sinistras conspirações que abalam o reino da Dinamarca. Com sua obstinação, Kenneth Branagh não fez só o primeiro *Hamlet* em versão integral (quatro horas de duração) do cinema; ele conseguiu injetar doses irresistíveis de eletricidade, sensualidade, paixão e raiva no mais famoso e completo drama existencial da história. Hamlet, como se sabe, sente que há algo de imoral no fato de sua mãe, a rainha Gertrude, casar-se novamente um mês após ter enviuvado – e com ninguém menos que Claudius, o irmão do rei morto. Essa desilusão logo dá lugar à repulsa: o fantasma do rei visita o filho e revela ter sido assassinado por Claudius. O que fazer? Segundo Shakespeare, apenas preparar-se para a tragédia – nada pode dar certo em um reino que se assenta sobre um crime. Enquanto isso, porém, o Hamlet de Branagh se debate e esperneia, tentando discernir verdades de falsidades, buscando corrigir algumas injustiças e cometendo outras. É um espetáculo arrebatador, comandado por um jovem (apenas 37 anos) ator e diretor que sabe como poucos tornar suas essas palavras que já foram repetidas milhares de vezes. Afinal, de que adianta adaptar uma obra de Shakespeare, defende Branagh, sem antes espanar um pouco da poeira que se acumulou sobre ela? É uma colocação modesta. A faxina, aqui, foi completa.

Isabela Boscov

(EUA/Inglaterra, 1996) **Direção**: Kenneth Branagh. **Com** Branagh, Derek Jacobi, Julie Christie, Nicholas Farrell, Kate Winslet, Michael Maloney, Richard Briers, Charlton Heston, Jack Lemmon, Billy Crystal, Rufus Sewell, Timothy Spall, Reece Dinsdale, Gérard Depardieu, John Gielgud, Judi Dench, Richard Attenborough, Brian Blessed. 242 min. Columbia TriStar.

POLICIAL

A SANGUE FRIO

★★

A HISTÓRIA Em 1959, dois desocupados matam uma pacífica família do Kansas. A extrema brutalidade do crime, mais a absoluta ausência de motivos, ampliam a comoção em torno do caso. O escritor Truman Capote registrou com frieza clínica desde as últimas horas de vida das vítimas até a execução dos culpados, seis anos depois, transformando *A Sangue Frio* em um clássico da literatura policial.

O COMENTÁRIO *A Sangue Frio* ganhou uma adaptação famosa em 1967. Nada a ver com esta aqui, dirigida pelo Jonathan Kaplan de *Acusados*. Se Truman Capote usou de forma inédita o estilo documental para criar suspense sobre um fato conhecido, o diretor teimou em "melhorar" o que já era bom, optando por um roteiro quadradíssimo. O pior, porém, é engolir Anthony Edwards e Eric Roberts como os dois criminosos: difícil saber quem está pior. Só a cena do crime ainda consegue causar arrepios.

Isabela Boscov

(In Cold Blood, EUA, 1996) **Direção**: Jonathan Kaplan. **Com** Anthony Edwards, Eric Roberts, Sam Neill, Kevin Tighe, Gillian Barber, Margot Finley, Robbie Bowen, Gwen Verdon, Bethel Leslie. 90 min. Alpha.

SUSPENSE

CAÇADA HUMANA

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Cumprindo pena numa penitenciária chefiada por um policial cruel, Jake aproveita a frustrada tentativa de fuga de um colega, quando trabalhavam ao ar livre, e escapa conduzindo o ônibus da prisão. Durante uma tempestade, esconde-se numa casa abandonada. Algumas horas depois, ele salva a jovem motorista de um carro desgovernado que cai num lago. Ao mesmo tempo em que o cerco ao fugitivo aumenta, ela se afeiçoa a Jake.

O COMENTÁRIO A presença de Patrick Dempsey como o protagonista sugeria tratar-se de um filme de suspense convencional e romântico. Em vez disso, temos uma obra com toques modernos e apropriadas citações literárias, que ajudam o ator a enfatizar a fatalidade de seu personagem. Apoiado numa produção modesta e numa trilha sonora jazzística, o diretor cria um impressionante clima de amargura e de tensão.

Alfredo Sternheim

(The Escape, EUA, 1995) **Direção**: Stuart Gillard. **Com** Patrick Dempsey, Brigitte Bako, Colm Feore, W. Morgan Sheppard, Vincent Gale, Gouchy Boy, John Aylward. 91 min. Warner/MGM.

Casal vive relação falida

TOKYO PORRADA

DRAMA

★★

A HISTÓRIA O agente de seguros Tsuda, que mora em Tóquio, reencontra um colega de escola, Takuji, que agora treina boxe em uma academia também freqüentada por Tsuda. O amigo começa a fazer visitas inesperadas e indesejáveis à mulher do frustrado agente, Hizuru. Suspeitando de adultério e vivendo um cotidiano cada vez mais sufocante, Tsuda perde sua estabilidade emocional.

O COMENTÁRIO O diretor Shinya Tsukamoto é conhecido pelas duas partes da saga cibernética *Tetsuo*, nas quais imaginou um homem-máquina. Ele continua sua discussão sobre a neurose urbana e tecnológica, agora ambientando seus personagens no mundo de fraturas expostas do boxe. O filme tem uma plasticidade estonteante, efeito acentuado pela montagem anfetamínica. Mas a brutalidade descontrolada afunda sua idéia em um contexto doentio demais.

Christian Petermann

(Tokyo Fist, Japão, 1995) **Direção**: *Shinya Tsukamoto.* **Com** *Kahori Fujii, Shinya Tsukamoto, Kohji Tsukamoto, Naoto Takenaka. 88 min. Alpha.*

AS VINGADORAS

AÇÃO

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Em um futuro próximo, uma catástrofe nuclear contamina vastas superfícies pela radiação, dificultando o fornecimento de água pura aos sobreviventes. Pretendendo dominar o mundo, o Cavaleiro Negro manipula a verdade e domina seus subalternos – inclusive um líder espiritual –, com a intenção de enfraquecer o povo. Três amigas e lutadoras veteranas decidem reverter o quadro. Dublado em inglês.

O COMENTÁRIO Superprodução de artes marciais que é protagonizada por três das maiores atrizes atuais do gênero, com destaque para Michelle Yeoh, de *O Amanhã Nunca Morre* – ela interpreta a vingadora que mais sofre fisicamente. Mesmo com uma estrutura dramática muito diferente da habitual, o filme chama a atenção por reunir os clichês típicos desse tipo de realização: toques melodramáticos – uma das amigas tem uma filha pequena –, canções, coreografias mirabolantes e violência acentuada. Vale conferir.

Christian Petermann

...imigos se enfrentam ...m lutas mirabolantes

(Tong Fong Sam Hop, China, 1993) **Direção**: *Siu-Tung Ching e Johnny To. Com Michelle Yeoh, Maggie Cheung, Anita Mui. 100 min. Flashstar.*

OS PERVERTIDOS

DRAMA

★★★

A HISTÓRIA Para escapar de policiais que tentam matá-lo, um repórter abandona a mulher e o filho em Chicago e vai para Los Angeles, onde reencontra a mãe doente e a irmã gêmea, que trabalha como prostituta. Muito próximos desde a infância, quando viram o pai adúltero assassinar um vizinho, os irmãos planejam um futuro comum, mesmo que à custa de outras pessoas.

O COMENTÁRIO Billy Zane (o noivo almofadinha de *Titanic*) é co-produtor deste filme *noir* ambientado em 1956 e baseado em um conto de Jim Thompson (autor do romance que deu origem a *Os Imorais*). Insinuações de incesto, citações bíblicas, sexo como instrumento de poder e um afiado humor negro fazem justiça ao universo do escritor, ainda que o filme seja um pouco pretensioso para o que de fato oferece.

Sérgio Rizzo

(This World, Then the Fireworks, EUA, 1997) **Direção**: *Michael Oblowitz.* **Com** *Billy Zane, Gina Gershon, Sheryl Lee, Seymour Cassel, Will Patton, Rue McClanahan. 99 min. Abril.*

Sheryl Lee procura o que Billy Zane tem

Stamp ensina a arte do sexo a Sheryl Lee

TERAPIA DO PRAZER

DRAMA

★★

A HISTÓRIA Seis meses depois do casamento dos jovens Joseph e Maria, a mulher começa a ter cada vez mais problemas e revela ao terapeuta do casal que o marido não lhe dá prazer. Para Joseph, o choque é ainda maior quando descobre que Maria tem feito terapia sexual com Baltazar, um médico pouco convencional. Decidido a se reaproximar da mulher, Joseph vence o próprio orgulho, procura Baltazar e pede que ele lhe ensine a complicada arte de fazer amor.

O COMENTÁRIO Hoje em dia, quando a separação parece a saída mais fácil para um casamento em crise, é louvável que um filme explore a idéia de que um pouco de esforço por parte do casal possa salvar a parada. É pena, no entanto, que o tema tenha caído nas mãos de um diretor inexperiente, que se rende aos apelos eróticos e aos clichês. O filme seria melhor se tivesse sido dirigido por alguém como Mike Nichols (de *A Difícil Arte de Amar*).

Suzana Uchôa Itiberê

(Bliss, EUA, 1997) **Direção**: *Lance Young.* **Com** *Craig Sheffer, Sheryl Lee, Terence Stamp, Casey Siemaszko, Spalding Gray, Leigh Taylor Young, Lois Chiles. 100 min. Columbia TriStar.*

O GRANDE MOTIM ★★★

AVENTURA

Embora esteja esquecido, o escocês Frank Lloyd construiu em Hollywood uma longa e expressiva filmografia. Foram mais de cinqüenta realizações entre 1916 e 1955, quando fez *A Última Barricada*. Por incrível que pareça, *O Grande Motim* foi indicado para cinco Oscar, mas ganhou apenas um, o de filme. É a primeira das três versões de uma história tida como verídica, relatada no livro de James Normal Hall e Charles Nordhoff – as outras duas foram feitas em 1962 e 1984. O roteiro expõe as dramáticas conseqüências da viagem iniciada em 1786 pelo Bounty, um navio da Marinha Real inglesa comandado pelo capitão Bligh (Charles Laughton). Rigoroso, obstinado e cruel, ele acirra a revolta de boa parte de sua tripulação, que é liderada pelo primeiro oficial Christian (Clark Gable). Tentando apresentar muitos personagens e conflitos, Lloyd prejudicou a objetividade na meia hora final, quando critica o comportamento oficial da Marinha no longo discurso de Byam (Franchot Tone). O filme, hoje, vale mais pelo tom de denúncia, bem como pelas cenas sensuais e descontraídas no Taiti – nas quais Gable se mostrou sedutor, de acordo com sua fama à época.

Alfredo Sternheim

(Mutiny on the Bounty, EUA, 1935) **Direção**: *Frank Lloyd.* **Com** *Charles Laughton, Clark Gable, Franchot Tone, Herbert Mundin, Donald Crisp, Movita, Spring Byington. 130 min. Em p&b. Continental.*

Gable (*à esq.*) desafia a autoridade de Laughton

Continental

VIDEOlançamentos

Cannes

Jovens buscam o amor sem preconceitos

ROMANCE

PAQUERAS E CONFUSÕES

INÉDITO NO CINEMA

★★

A HISTÓRIA Uma jovem aspirante a escritora vive um turbilhão amoroso: seu namorado a abandona por outra, sua melhor amiga começa a namorar seu amante de cinco anos, e um freguês da boate em que trabalha como garçonete se apaixona por ela. A confusão a faz rever a infidelidade da mãe, um trauma de sua adolescência, e a leva a ouvir os conselhos de uma vidente e de Ben, um anjo disfarçado de mendigo, que pontua a história com seu saxofone.

O COMENTÁRIO Parece interessante – e realmente seria se o resultado dependesse apenas do charme dos jovens atores, todos vindos da televisão, com exceção de Jon Seda (de *Na Trilha do Sol*). O roteiro do também diretor Vincent DiPersio, porém, desperdiça algumas boas idéias, como o amor inter-racial ou a paixão e traição entre amigos. O filme, apesar das soluções visuais elegantes, é superficial e verborrágico em excesso.

Fátima Gigliotti

(The Price of Kissing, EUA, 1997) **Direção:** *Vincent DiPersio.* **Com** *Pauley Perrett, Léon, Nicole Eggert, Jon Seda, Loretta Devine, Lou Rawls, John Doe. 93 min. Cannes.*

DESENHO ANIMADO

FELIDAE

INÉDITO NO CINEMA

★★★★

A HISTÓRIA O gato Francis muda-se para uma nova vizinhança. No primeiro passeio, conhece Barba Azul, um felino bonachão que revela que vários gatos estão sendo assassinados nas redondezas. Francis decide investigar e descobre uma seita de bichanos fanáticos e um plano para criar uma raça de animais superiores. Baseado em um best-seller alemão de Akif Pirincci.

O COMENTÁRIO Com uma excelente recriação dos movimentos felinos e repleto de perseguições de tirar o fôlego, este desenho é dramático, sombrio e violento, com fortes cenas de sexo e mutilação, sem falar em pesadelos visualmente ousados, ao som de Mahler. O filme trata de temas como eutanásia, experiências genéticas, holocausto e sadomasoquismo, com um ritmo ágil e muito suspense. A trilha sonora é de Anne Dudley (Oscar por *Ou Tudo ou Nada*), com canção-tema interpretada por Boy George. A dublagem nos priva das vozes de atores como Klaus Maria Brandauer.

Christian Petermann

(Alemanha, 1994) **Direção:** *Michael Schaack. Dublado em português. 81 min. América.*

Paris

O "detetive" Francis e uma testemunha cega

DRAMA

HISTÓRIAS DE CORAGEM

★★★

A HISTÓRIA O filme conta duas histórias de mulheres católicas que arriscaram a própria vida para salvar judeus durante a Segunda Guerra. Na primeira, uma governanta polonesa cuida do filho da mulher para quem trabalhava depois que a invasão alemã obriga a família a fugir de Varsóvia para Vilna. Na segunda, uma jovem de Montauban, na França, falsifica documentos e transporta cartas para um monsenhor simpático à Resistência.

O COMENTÁRIO Produção para TV a cabo baseada em livro de Gay Block e Malka Drucker, que recolheram histórias verídicas de "coragem moral no Holocausto". Exceto por alguns diálogos, que mais se parecem com discursos, o filme – narrado em *off* pelo garoto, quando já adulto, no primeiro episódio, e pela própria falsificadora, idosa, no segundo – recria com eficiência o pesadelo nazista visto por quem sobreviveu a ele.

Sérgio Rizzo

CIC

Elizabeth Perkins banca a heroína

(Rescuers – Stories of Courage, EUA, 1997) **Direção:** *Peter Bogdanovich.* **Com** *Elizabeth Perkins, Sela Ward, Anne Jackson, Fritz Weaver, Al Waxman. 107 min. CIC.*

TERROR

A MALDIÇÃO DAS BRUXAS

★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA A desinibida Jamie convence suas colegas caretonas a encenar um ritual satânico descrito em um livro de magia negra encontrado nos porões da capela de seu colégio, onde recentemente foram descobertos os corpos de alunas que há cerca de um século praticavam o mesmo culto. Demoníaca, Jamie não hesita em trapacear com a jovem Faith para usar seu sangue virgem na cerimônia de libertação do guardião do inferno.

O COMENTÁRIO De boas intenções, o inferno está cheio. A diretora, porém, safou-se das chamas ao transformar um roteiro pouco surpreendente em um envolvente *thriller* de horror, menos moderninho e mais eficiente do que o badalado *Jovens Bruxas*. A história explora a sordidez e a sensualidade latente de suas personagens, adolescentes reprimidas e curiosas. A cineasta prefere a sugestão a explosivos efeitos especiais – e acerta na escolha.

Fátima Gigliotti

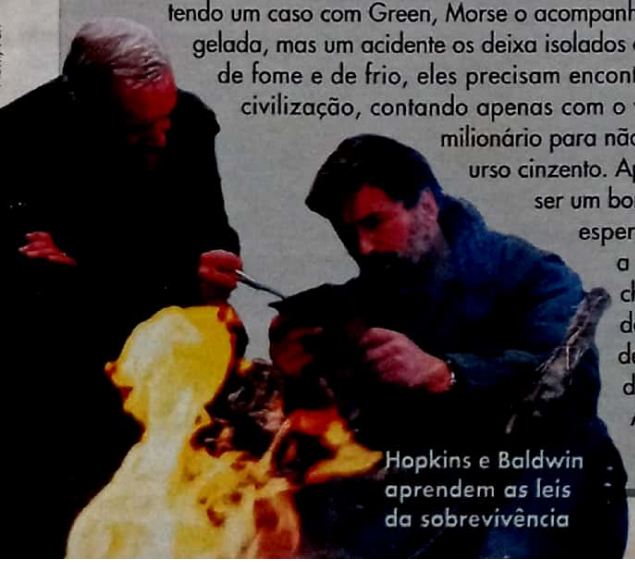
(Little Witches, EUA, 1996) **Direção:** *Jane Simpson.* **Com** *Mimi Reichmeister, Sheeri Rappaport, Zelda Rubinstein, Jack Nance, Jennifer Rubin. 93 min. Top Tape.*

SUSPENSE

NO LIMITE ★★★

Quando o premiado dramaturgo e roteirista David Mamet escreveu o texto de *No Limite*, era de se esperar um filme original, que fugisse dos clichês do gênero. Nas mãos do diretor Lee Tamahori, porém, este suspense protagonizado por Anthony Hopkins e Alec Baldwin não suplantou sua premissa banal: dois homens que se detestam são obrigados a se unir para sobreviver em um ambiente hostil. Hopkins é o milionário Charles Morse, que acompanha sua mulher, a modelo Elle Macpherson, até uma sessão de fotos no Alasca, comandada pelo fotógrafo Robert Green (Baldwin). Desconfiado de que a mulher esteja tendo um caso com Green, Morse o acompanha em um vôo sobre a vastidão gelada, mas um acidente os deixa isolados em meio ao nada. Para não morrer de fome e de frio, eles precisam encontrar o caminho de volta para a civilização, contando apenas com o vasto conhecimento teórico do milionário para não serem mortos por um ameaçador urso cinzento. Apesar de banal, *No Limite* consegue ser um bom filme de ação. Mas não dá para esperar muito de um trabalho no qual a performance do urso Bart chama mais a atenção do que o trabalho de um protagonista do calibre de Anthony Hopkins.

Roberto Sadovski


Hopkins e Baldwin aprendem as leis da sobrevivência

(The Edge, EUA, 1997) **Direção:** *Lee Tamahori.* **Com** *Anthony Hopkins, Alec Baldwin, Elle Macpherson, Harold Perrineau, L.Q. Jones, Kathleen Wilhoite, David Lindstedt. 117 min. Abril/Fox.*

DESENHO ANIMADO

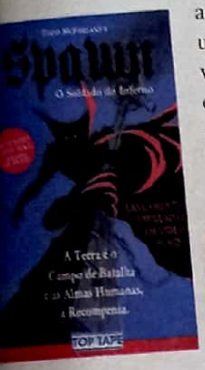
SPAWN – O SOLDADO DO INFERNO

★★★

A HISTÓRIA Al Simmons era um soldado do serviço secreto americano que, depois de ter sido traído e assassinado por seu chefe, voltou do inferno como o poderoso Spawn. Atormentado pela memória de sua mulher, Wanda, ele tenta reconstruir sua vida nos becos de Nova York, mas é perseguido pelo demônio Violador, pela polícia e pela máfia – ao mesmo tempo em que descobre seu papel na luta entre o Céu e o Inferno.

O COMENTÁRIO Esta versão animada do personagem de Todd McFarlane apresenta o que o filme não teve peito para mostrar: uma atmosfera sombria, povoada por personagens complexos, na qual não existe fronteira entre o bem e o mal. O ritmo lento do desenho pode decepcionar quem espera uma avalanche de cenas de ação, mas o vídeo só não ganha uma estrela a mais por ser uma versão editada do original, que deixa de fora quase uma hora de imagens aterrorizantes.

Roberto Sadovski



(Todd McFarlane's Spawn, EUA, 1997) ***Direção:*** *Eric Radomski.* ***Com as vozes de*** *Keith David, Richard A. Dysart, Michael Nicolosi, Dominique Jennings, Ronny Cox, Ming-Na Wen. 90 min. Top Tape.*

ANIMAÇÃO

GOGS

VENDA DIRETA

★★★

A HISTÓRIA A fita apresenta quatro episódios de uma telessérie cultuada na Europa. Historicamente incongruentes – seres humanos nunca conviveram com dinossauros –, com um humor politicamente incorreto e sem falas, apenas grunhidos, as histórias acompanham o desastrado cotidiano de uma família pré-histórica de seis integrantes, que enfrenta desde animais com intelecto superior até tornados.

O COMENTÁRIO Com uma violência branca, típica dos quadrinhos, a série ganha em charme por ser inteiramente concebida com animação em massa de modelar – os cenários pré-históricos são magníficos. O humor é essencialmente visual, pouco sofisticado, recorrendo tanto a um esperto jogo de câmeras quanto à escatologia escancarada – há piadas sobre todos os fluidos do corpo humano. Repare no dinossauro ninja e na referência a *Rocky*. Pouco indicado para crianças pequenas.

Christian Petermann

Família de idiotas enfrenta mil perigos

(Inglaterra, 1995/96) ***Direção:*** *Deiniol Morris e Michael Mort. 35 min. Warner Music.*

O garoto Ludovic imagina como seria seu quarto caso fosse uma menina

COMÉDIA DRAMÁTICA

MINHA VIDA EM COR-DE-ROSA

★★★★

O que mais surpreende neste filme é a aguçada noção que o diretor e co-roteirista Alain Berliner tem das reações humanas. É impressionante a verossimilhança com que ele desenvolve a tragicômica história de Ludovic, um garoto de sete anos que insiste em ser menina. Evitando discutir a homossexualidade (que, afinal, é um conceito que não faz parte do universo infantil), o filme não apresenta respostas, mas apenas aponta a natureza, a projeção de ideais – o mundo idílico da boneca Pam serve de modelo para o protagonista – ou um instintivo ato de rebeldia como possíveis fatores que expliquem o comportamento confuso de Ludovic. Há um momento em que o personagem fica feliz ao descobrir a teoria genética: para ele, Deus jogou a quantidade errada de cromossomos X e Y pela chaminé de sua casa, provocando esse impasse sexual. O que mais interessa ao diretor, porém, é evidenciar o choque que a decisão de Ludovic provoca em sua família e em uma sociedade suburbana, trabalhando a partir daí valores como a hipocrisia, a intolerância e a individualidade. Apoiando-se em um excelente elenco – o estreante Georges Du Fresne oferece uma caracterização física única – e concebendo um universo afetadamente kitsch, Berliner realiza um filme que entretem e faz pensar em doses igualmente gratificantes. É quase impossível ficar indiferente à dúvida de seres humanos comuns que, em sua busca da felicidade, só querem compreender e assimilar da melhor forma possível tudo que acontece à sua volta – sem, em momento algum, faltar ao respeito com ninguém.

Christian Petermann

(Ma Vie en Rose, França/Bélgica/Inglaterra, 1997) ***Direção:*** *Alain Berliner.* ***Com*** *Georges Du Fresne, Michele Laroque, Jean-Philippe Ecoffey, Helene Vincent, Marie Bunuel. 90 min. Alpha.*

Johnny vive entre a bravura e o medo

SUSPENSE

JOHNNY 100 PESOS

★★★

A HISTÓRIA Nervoso e desajeitado, o estudante Johnny Garcia entra em uma videolocadora no oitavo andar de um prédio central. Na verdade, a empresa é fachada para uma casa clandestina de câmbio, e ele foi ao encontro de seus cúmplices para executar um assalto. Nem tudo acontece conforme o planejado. Em pouco tempo, a polícia e a imprensa cercam o edifício. Os ladrões discutem, e Johnny hesita em se entregar.

O COMENTÁRIO Considerado pela crítica americana o *Um Dia de Cão* chileno, este filme modesto em cenários e ação física é uma surpresa significativa. O diretor e co-roteirista Gustavo Graef Marino arma o suspense recorrendo ao comportamento dos personagens, em especial o de Johnny, interpretado com veemência por Armando Araiza. Ele transmite bravura, medo e insegurança, nem sempre nessa ordem.

Alfredo Sternheim

(Johnny Cien Pesos, Chile, 1994) **Direção**: *Gustavo Graef Marino.* **Com** *Armando Araiza, Patricia Rivera, Willy Semler, Luis Gnecco, Armando Silvestre, Paulina Urrutia. 89 min. América.*

Stênio Garcia explica a arte de matar pessoas ao seu melhor aluno, Chico Diaz

SUSPENSE

OS MATADORES ★★★

Como o próprio diretor Beto Brant, estreante em longa-metragem, afirma: "Não me interessa a bala, mas aquilo que precede a bala". Ao adaptar o conto *Matadores*, de Marçal Aquino, o diretor se preocupou mais com a construção psicológica dos personagens e com a densidade das situações dramáticas do que com as próprias cenas de ação – que de qualquer forma pontuam a trama de forma competente. Brant introduz o espectador em um universo inédito, o dos matadores de aluguel na fronteira do Brasil com o Paraguai, usando a cartilha de um gênero incomum na cinematografia brasileira, a do filme de gângster. Com uma narrativa armada como um quebra-cabeça, que vai e volta no tempo, a obra apresenta uma história de lealdade e traição por meio da conversa entre dois assassinos em um bar fajuto na fronteira: o veterano (Wolney de Assis) testa a coragem do novato (Murilo Benício), ex-ladrão de carros, contando a trajetória do melhor profissional que já agiu nas redondezas, o paraguaio Mucio (Chico Diaz, excelente). O roteiro discute a ética em um mundo sem mocinhos. O forte de Brant, herança de sua bem-sucedida carreira de curta-metragista, é a composição das imagens, o jogo de câmeras e a excelente montagem. A história, porém, carece de certa naturalidade e tem uma cena final fraquíssima. Nada, porém, que impeça o filme de ser um espetáculo bastante recomendável.

Christian Petermann

(Brasil, 1997) **Direção**: *Beto Brant.* **Com** *Murilo Benício, Wolney de Assis, Chico Diaz, Maria Padilha, Adriano Stuart, Stênio Garcia. 90 min. Cannes.*

DRAMA

ROMPENDO BARREIRAS

★★★

A HISTÓRIA Filho adotivo, o rebelde Greg Louganis pratica natação para compensar seu péssimo rendimento escolar. Depois de tentar o suicídio, ele é levado para um reformatório, onde passa a treinar saltos ornamentais sob as ordens de um médico oriental. Seu futuro é promissor: após obter o segundo lugar nas Olimpíadas do Canadá, ganha uma bolsa de estudos, muda de treinador e sagra-se bicampeão em Los Angeles e em Seul.

O COMENTÁRIO Louganis tornou-se célebre ao bater a cabeça no trampolim, durante uma competição preliminar em Seul. Como se não bastasse, ele estava passando por um momento delicado: soropositivo, sofria com a infidelidade de seu amante e empresário e era recusado como garoto-propaganda por ser homossexual. É pena, porém, que essa rica lição de vida, nada panfletária ou moralista, conte com atores inexpressivos.

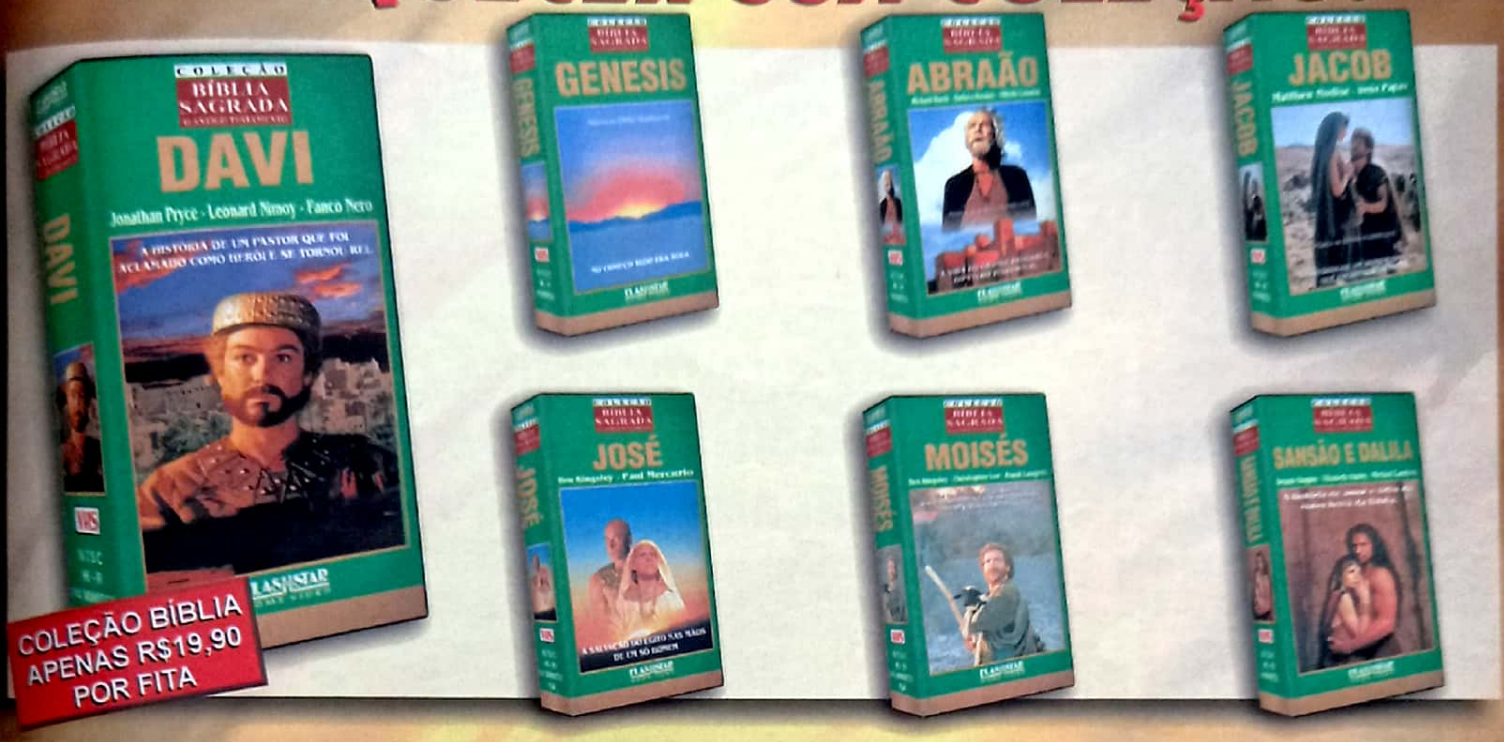
Miguel Barbieri Jr.

(Breaking the Surface – The Greg Louganis Story, EUA, 1996) **Direção**: *Steven Stern.* **Com** *Mario Lopez, Michael Murphy, Jeffrey Meek, Rosemary Dunsmore, Aki Aleong, Bruce Weitz. 94 min. Mundial.*

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Fox	0800 120-199	Europa/Carat	(011) 7295-7020
Alpha	(011) 230-0200	Flashstar	(011) 255-9911
América	(011) 872-4404	Mundial	(011) 536-0677
Cannes	(011) 7295-7020	Play Time	(011) 290-0200
CIC	(011) 816-0852	Top Tape	(011) 826-3066
Columbia TriStar	(011) 5503-9899	Warner/MGM	(011) 820-6777
Continental	(021) 262-5212	Warner Music	(011) 5505-3445

CHEGARAM OS FILMES QUE VÃO ENRIQUECER SUA COLEÇÃO.



COLEÇÃO BÍBLIA APENAS R$19,90 POR FITA

IMPERDÍVEL R$ 14,90

LEONARDO DICAPRIO

O GRANDE ASTRO DE TITANIC

Diário de um ADOLESCENTE

A VENDA NAS REDES

HOBBY VÍDEO

VÍDEO NORTE

PREMIERE VÍDEO

VIDEO IN

JOINT VÍDEO

APENAS R$ 14,90 por fita

TRILOGIA KRZYSZTOF KIERSLOWSKI

LIGUE GRÁTIS

0800 16-9911

FLASHSTAR HOME VIDEO

NÃO QUEBRE A CABEÇA VIAJANDO POR AI, VÁ DIRETO A WN VIDEO.

MONTE SUA LOCADORA COM A WN VIDEO.
OBSERVE COMO É FACIL: A WN VIDEO ESTÁ VENDENDO 270 FITAS COM VÁRIOS LANÇAMENTOS E ACESSÓRIOS PARA A

MONTAGEM DE SUA LOCADORA POR APENAS:

R$ 2.700,00

APROVEITE! É POR TEMPO LIMITADO.
SEJA O SEU PRÓPRIO PATRÃO, MAS COMPRE NO LUGAR CERTO.

VENHA NOS CONHECER E COMPROVE TUDO O QUE PODEMOS LHE OFERECER COM A MAIOR TRANQUILIDADE

- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES AO LADO DA LOJA.
- FITAS COM A QUALIDADE WN VIDEO.
- FACILIDADES NO PAGAMENTO COMO VOCÊ NUNCA VIU.
- TRANQUILIDADE DE RECEBER A MERCADORIA EM QUALQUER LUGAR.

SÓ A WN VIDEO PODE OFERECER ESSAS VANTAGENS AOS SEUS CLIENTES.

BRINDES
1 ESTOJO
EXPOSITORES
DE PAREDE E CENTRAL
PAPELARIA
SUPORTE PORTA POSTER
KIT WN
POSTER A VONTADE
ACESSÓRIOS COMPLETOS
E MUITO MAIS!

SE VOCÊ PENSA QUE JÁ VIU PREÇOS BARATOS, É PORQUE NÃO VIU OS PREÇOS DA WN VIDEO.

COLECIONADOR
NÃO DEIXE DE CONHECER A WN VIDEO. TEMOS MUITAS RARIDADES PARA VOCÊ.

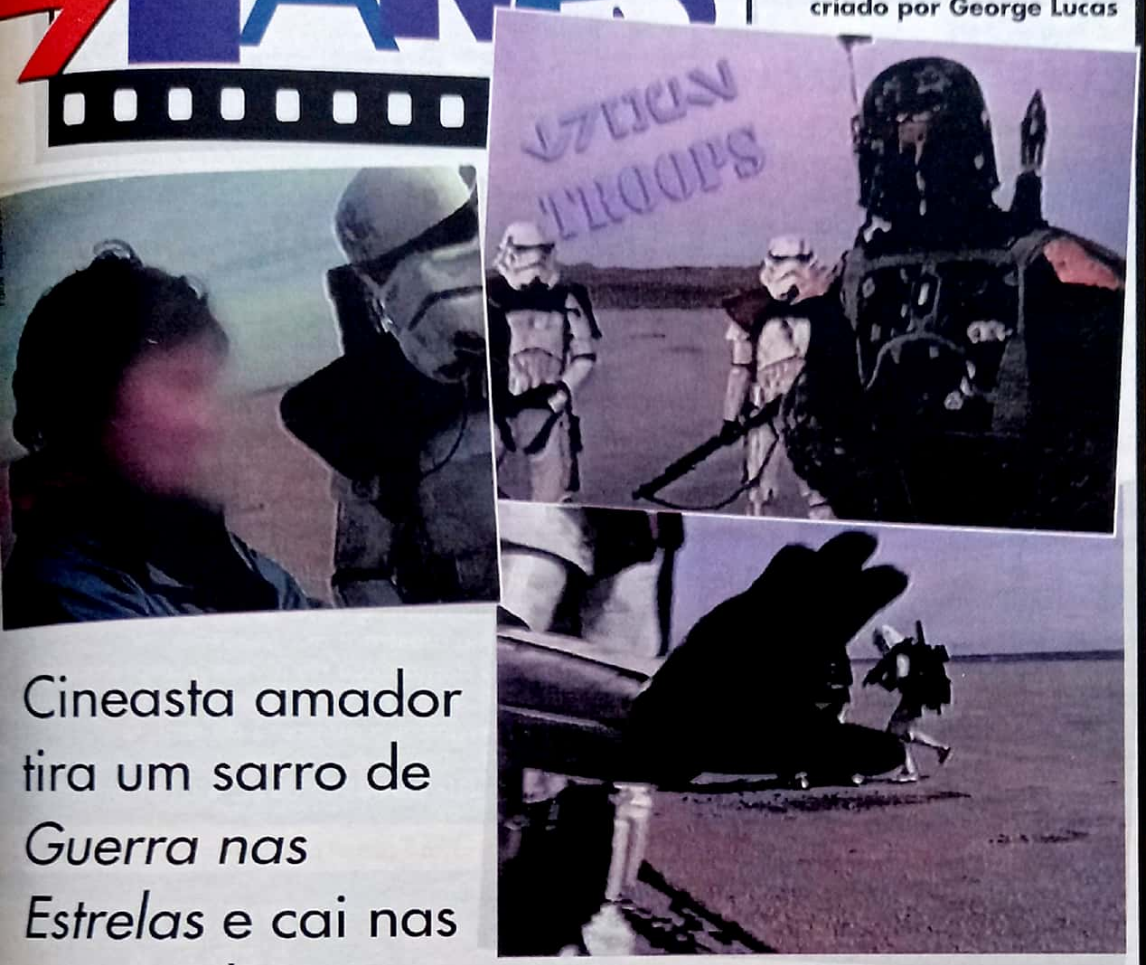
LIGUE JÁ: 6959-7959
E SOLICITE A NOSSA LISTAGEM.

WN

TELEVENDAS: 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 19h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h
TELEFAX: (011) 290-8143

RPZ/262-7618

mais TAKES



Troops: curta amador que explora com bom-humor o universo criado por George Lucas

Cineasta amador tira um sarro de *Guerra nas Estrelas* e cai nas graças de Hollywood

AS VERDADEIRAS TROPAS ESTELARES

Até março passado, o arquivista da rede de televisão americana Fox Kids, Kevin Rubio, era apenas mais um dos incontáveis fãs da saga espacial *Guerra nas Estrelas*. Mas, em dez minutos, tudo mudou. Inspirado pelo relançamento da trilogia original, Rubio reuniu uma dezena de amigos igualmente fanáticos e concebeu o curta-metragem *Troops*, que mostra, em divertidos dez minutos, o cotidiano de uma tropa de soldados do império – os Stormtroopers – numa patrulha de rotina pelo planeta Tatooine. Com muita criatividade e efeitos de tirar o chapéu, *Troops* virou a piada mais legal a circular em Los Angeles este ano.

Para Kevin Rubio, porém, *Troops* trouxe conseqüências ainda mais legais. Depois que seu trabalho foi elogiado por Mark Hamill – o Luke Skywalker de *Guerra nas Estrelas* – e pelo próprio mestre Jedi George Lucas, o telefone do aspirante a cineasta não pára de tocar. Ele está sendo cortejado por diversos estúdios (incluindo o DreamWorks de Steven Spielberg) que desejam canalizar seu talento para projetos mais arrojados. Ou como bradou um produtor de Hollywood: "Se ele fez isso com 1.200 dólares, imaginem o que faria com um milhão?". Para quem quiser dar uma conferida em *Troops*, o curta está disponível na Internet, no endereço *www.theforce.net* ■

LEONARDO DiCAPRIO
JORNADA FAMILIAR

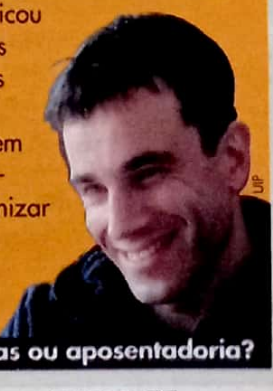
A grande dúvida que assombra milhares de adolescentes em todo o mundo é qual será o próximo projeto de Leonardo DiCaprio, depois do sucesso de *Titanic* e da aventura *O Homem da Máscara de Ferro*. Com mais de quinze roteiros para escolher – e um salário que foi catapultado para 15 milhões de verdinhas –, Leo está inclinado a juntar-se a Jack Nicholson e a Sean Penn em *As I Lay Dying*. Baseado no romance escrito nos anos 30 por William Faulkner, o filme mostra uma família que enfrenta inundações e incêndios durante uma jornada de nove dias para enterrar sua mãe em seu lugar de nascimento. Se o projeto seguir em frente, *As I Lay Dying* começará a ser filmado em agosto.

Divulgação

Leonardo: jornada familiar

DANIEL DAY-LEWIS
O ADEUS DO CAMPEÃO?

Parece que Daniel Day-Lewis não gostou muito da recepção gelada a seu último filme, *O Lutador*, e está considerando abandonar a carreira de ator e se mandar para a Irlanda com sua cara-metade, Rebecca Miller, que está grávida. Apesar dos boatos, o agente do ator confirma que ele não está com nenhum projeto em vista, mas garante que o astro está só "dando um tempo" – o que é comum em sua carreira. De fato, depois do elogiado *Em Nome do Pai*, Daniel ficou afastado das telas por três anos – uma eternidade em Hollywood – até protagonizar o drama *As Bruxas de Salem*.


UIP

Daniel: férias ou aposentadoria?

Reprodução

ARCHIE
ETERNA ADOLESCÊNCIA

Um dos personagens mais bem-sucedidos dos quadrinhos americanos é o adolescente Archie, que é publicado há mais de cinqüenta anos, mas nunca emplacou no Brasil. É claro que Hollywood não poderia ignorá-lo por muito tempo – tanto que a Universal está preparando uma versão em tela grande para *Archie e Sua Turma*. O diretor Tommy O'Haver, responsável pelo elogiado (e ainda inédito) filme independente *Billy's Hollywood Screen Kiss*, diz que sua adaptação tratará basicamente do "amor adolescente". Ainda não há nenhum ator ligado ao projeto, mas a SET aposta no molecão Matt Damon para o papel principal. Não custa sonhar...

UIP

Archie e Matt: cara de um, focinho do outro

Warner

O Exorcista: novos sustos garantidos por cenas inéditas

O EXORCISTA
HORROR ENCONTRADO

Quem acha que o clássico *O Exorcista* já esgotou sua quota de sustos pode pensar de novo. O crítico americano Mark Kermode, que está trabalhando num documentário sobre a longevidade do filme, descobriu dez minutos cortados da montagem original, com cenas inéditas que mostram outros efeitos da possessão demoníaca na jovem interpretada por Linda Blair, além de discussões dos personagens sobre a verdadeira natureza do mal. O material inédito será acrescentado ao filme em comemoração aos 25 anos de seu lançamento.

Divulgação

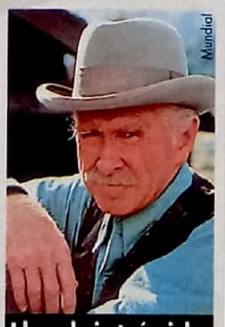
DIRETO AO ASSUNTO

"Enquanto ele estiver por cima dos assuntos políticos, eu não dou a mínima para quem está em cima dele."

De Gary Oldman, sobre as escapulidas sexuais do presidente americano Bill Clinton

LLOYD BRIDGES E J.T. WALSH
O ÚLTIMO ADEUS

Em março passado o cinema perdeu dois de seus rostos mais conhecidos. Lloyd Bridges, pai dos atores Jeff e Beau, morreu em casa, aos 85 anos. Em quase seis décadas de carreira, Lloyd trabalhou em mais de 150 filmes, destacando-se na série de televisão *Aventura Submarina* e no clássico *Matar ou Morrer*. As gerações mais novas se lembrarão dele como o intrépido Tug Benson, que protagonizou a comédia *Top Gang!* – e sua continuação – ao lado de Charlie Sheen. Já J.T. Walsh, chamado "o mais famoso desconhecido de Hollywood", emprestou seu talento a dezenas de vilões do cinema, como o caminhoneiro de *Breakdown* – além de ter participado de grandes filmes como *Bom-Dia Vietnã* e *Os Imorais*. J.T. morreu de um ataque cardíaco, durante suas férias. Ele tinha 54 anos.



Mundial

Lloyd: intrépido

Divulgação

J.T.: eterno vilão

Warner

Jodie: futura mamãe

JODIE FOSTER
BEBÊ A BORDO

Todo mundo achou muito estranho quando, sem mais nem menos, Jodie Foster pulou fora do filme de ação *Double Jeopardy*. Depois de muita especulação, porém, a atriz revelou o motivo: ela está grávida! Mas as revelações param por aí. Jodie não disse quem é o feliz papai – ou mesmo se existe um, já que a estrela de *Contato* também fez questão de guardar para si mesma o método da concepção. De qualquer forma, Jodie adianta que vai criar seu filho como mãe solteira, do mesmo modo que ela foi criada. A atriz espera a visita da cegonha para setembro.

FEST CINE VÍDEO DE CURITIBA

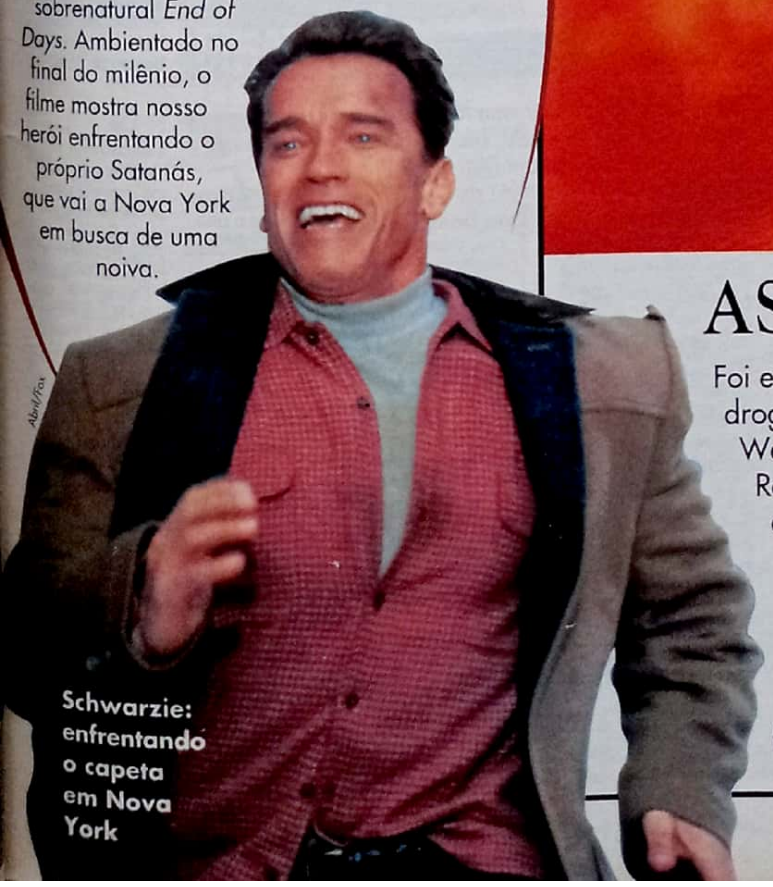
A FESTA DO MERCOSUL

Os cinéfilos do Sul do Brasil estão em festa. Entre os dias 30 de abril e 7 de maio, a cidade de Curitiba sedia a segunda edição do Fest Cine e Vídeo, um evento que tem por objetivo aproximar os profissionais do cinema do Mercosul, além de apresentar diversos filmes latinos e brasileiros ainda inéditos em circuito nacional, como *For All – o Trampolim da Vitória*, de Luís Carlos Lacerda e Buza Ferraz, e *A Grande Noitada*, de Denoy de Oliveira. No ano passado, o festival foi o palco do lançamento de *O Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto.

ARNOLD SCHWARZENEGGER

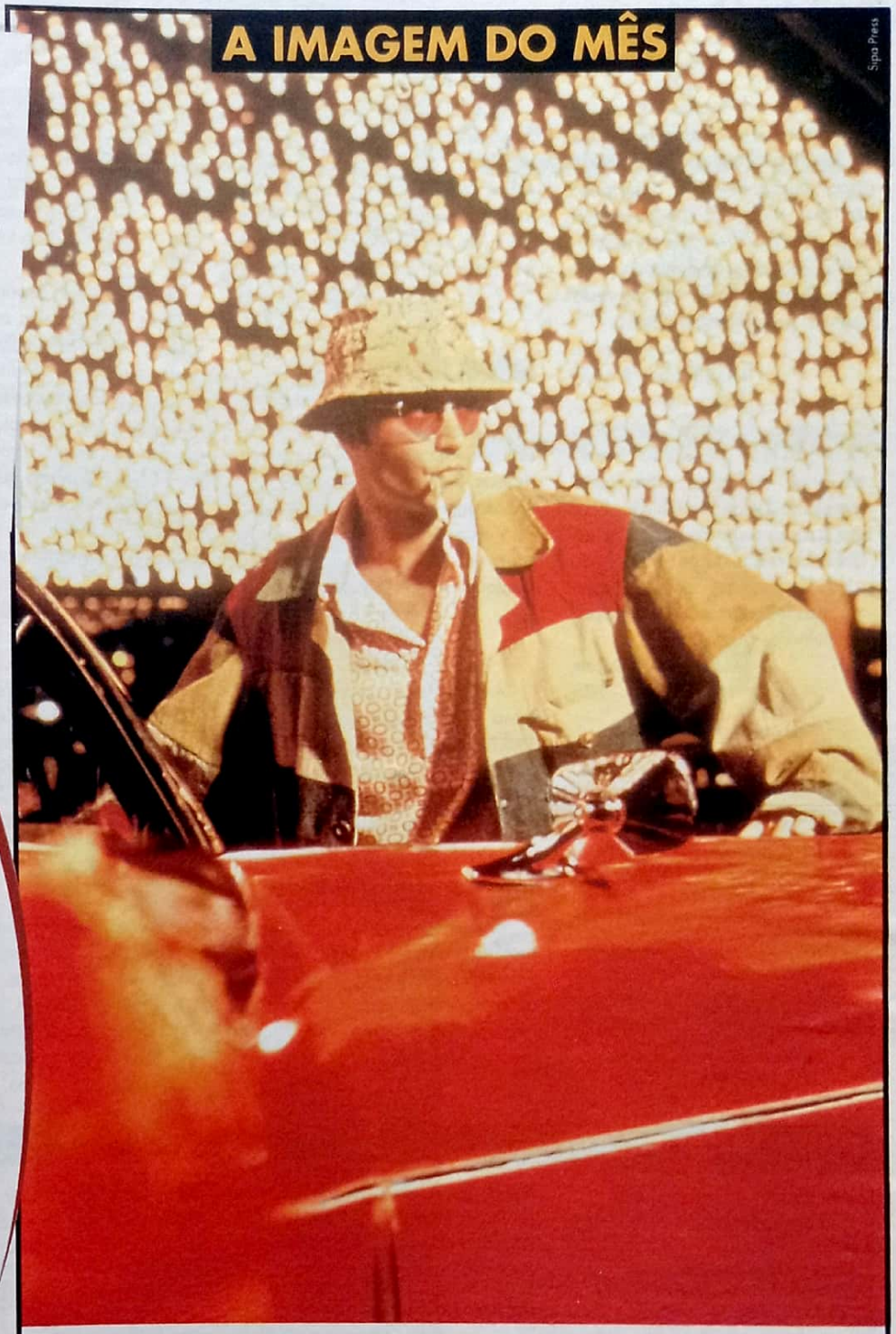
DESAFIO DOS INFERNOS

Parecia que o gélido Mr. Freeze de *Batman & Robin* havia chamuscado a carreira de Arnold Schwarzenegger, já que, depois do bat-fiasco, nenhum de seus projetos saía do papel. Se não, vejamos: a aventura *S.W.A.T.* está na gaveta, e a ficção barra-pesada *I Am Legend* foi definitivamente empacotada pela Warner. Mas Schwarzie não se deu por vencido e já assinou com a Universal para protagonizar o thriller sobrenatural *End of Days*. Ambientado no final do milênio, o filme mostra nosso herói enfrentando o próprio Satanás, que vai a Nova York em busca de uma noiva.



Schwarzie: enfrentando o capeta em Nova York

A IMAGEM DO MÊS



Sipa Press

AS LUZES DA CIDADE

Foi em Las Vegas que Elvis Presley se afundou de vez nas drogas. Também foi na capital mundial da jogatina que Warren Beatty ergueu um império como o gângster *Bugsy*. Robert De Niro e Sharon Stone por lá se casaram, com as bênçãos de Martin Scorsese, em *Cassino*. Mas é Johnny Depp quem vai visitar o lado mais sórdido da cidade – ao lado de Benicio Del Toro, Cameron Diaz e Christina Ricci – na adaptação do romance *Fear and Loathing in Las Vegas*, de Hunter S. Thompson, que conta com o talentoso Terry Gillian na direção. O filme estréia nos Estados Unidos no final do mês.

Cartas

BRASIL!

A edição de março estava primorosa. Senti uma grande emoção ao ler as páginas sobre *O Que É Isso, Companheiro?*. É triste pensar que ainda há pessoas que não valorizam o cinema nacional. Parabéns à família Barreto e à SET. Quanto a mim, só me resta esperar pela próxima edição.

Naiara Botelho Jardim
(Belo Horizonte – MG)

A capa da edição de março mostrou o lado positivo do cinema nacional, que aliás anda meio esquecido pelos brasileiros. Essa já é a nossa segunda indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro, o que demonstra o quanto o cinema brasileiro tem qualidade e pode melhorar ainda mais.

Márcio Mário Duarte
(Florianópolis – SC)

"Em março fiz uma grande viagem no tempo e conheci *Os 70 Anos de Oscar*. Em seguida, dei uma voltinha pelo *Enigma de Jack*, e não parei por aí. Dei *Um Giro em Nova York*, num passeio inesquecível. Tenho que confessar: não vejo a hora de saber meu próximo destino."

Elmer Rodrigues Neves
(Mogi das Cruzes – SP)

MUITO BOM

A edição 129 estava maravilhosa. Deliciei-me com *Os 70 Anos de Oscar*, descobri muitas coisas sobre Jack Nicholson e, para finalizar, a matéria *Um Giro em Nova York* fez com que eu me sentisse em todos aqueles lugares. Valeu!

Gleisse Dias dos Reis
(Salvador – BA)

MINHA DEUSA

Quero agradecê-los e parabenizá-los por darem o merecido destaque àquela que é a deusa das deusas, Sigourney Weaver. A edição de março foi histórica. A capa não estava grande coisa, mas, para ver essa maravilhosa atriz, qualquer sacrifício vale a pena.

Junior Padilha
(savaska@hotmail.com)

A SET de março estava maravilhosa. A entrevista quentíssima com Jack Nicholson, a reportagem sobre *Amistad* e a competente Sigourney Weaver estavam sublimes.

Lucas Eduardo Benvenutti
(Poá – RS)

AND THE OSCAR GOES TO...

SET. Melhor revista, melhores matérias, assuntos, fotos... Provavelmente a SET ganharia em todas as categorias. Parabéns! A cada mês, a SET merece um novo Oscar.

Yheuriet Kalil Serrano Guerin
(Porto Alegre – RS)

BRONCAS

Quero chamar a atenção de vocês para a qualidade gráfica da SET. As imagens estão borradas e fora de foco. Por favor, melhorem.

Luciano Schimidt
(Ponta Grossa – PR)

A SET diz que é uma revista de cinema, mas deveria ser considerada a revista de Hollywood. Por onde andam as produções japonesas, alemãs, francesas e tantas outras que são exemplos do cinema de arte? Vocês deveriam aproveitar a competência que possuem para mostrar matérias completas e atualizadas sobre esse outro lado da indústria cinematográfica.

Dayse M. Gomes
(Belém – PA)

OLHO VIVO

A leitora Tereza Cristina Cotta não deixou passar: Joana D'Arc não foi heroína da Revolução Francesa, como publicado na edição 129, e sim da Guerra dos Cem Anos (1337-1453).

Tereza Cristina Cotta
(teofilo@inep.gov.br)

OPS!

Na nota "O Machismo da Academia", publicada em *70 Anos de Oscar*, o correto é: duas únicas diretoras foram indicadas ao Oscar – Lina Wertmüller, por *Pasqualino Sete Belezas*, e Jane Campion, por *O Piano*.

entre leitores

Vou estudar cinema e quero me corresponder com estudantes dessa área.
Elaine Cristina Brando
Av. Vereador Manoel Galvão, 135,
CEP 17204-230 (Jaú – SP)

Sou fã de Jim Carrey e de Leonardo DiCaprio, e gostaria de trocar material sobre eles.
Aline Pereira
Av. Dicuria, 92, CEP 94495-360
(Porto Alegre – RS)

Estou doando alguns exemplares de SET e dou preferência a moradores de Salvador.
Jussara Ribeiro da Silva
R. Alto do Abacate, 35,
CEP 40370-570 (Salvador – BA)

Vendo fotos autografadas, pôsteres de filmes e de discos. Peça o catálogo de seu astro preferido.
André Ceppas Pires
R. Dias Ferreira, 25/304,
CEP 22431-050 (Rio de Janeiro – RJ)

Participe do Clube Amantes do Cinema e fique por dentro de tudo o que acontece.
Fabiana Ota
R. Rui Barbosa, 1.736/212,
CEP 19015-001 (Presidente Prudente – SP)

Vendo edições de SET, entre os nºs 3 e 124. Todas em perfeito estado de conservação.
Gustavo Antonio Ribeiro
R. da Constituição, 31,
CEP 13405-010 (Piracicaba – SP)

Quero me corresponder com fãs dos filmes *Romeu e Julieta*, *Titanic*, *Adoráveis Mulheres* e *Um Dia Especial*, e também com fãs de George Clooney e de Claire Danes.
steven@libnet.com.br
orionxbr@yahoo.com

Visite o site "Arquivo X – Fonte de Pesquisa":
http://www.geocities.com/Area51/Dimension/2737
Marcio Coelho Socorro
R. Humaitá, 229/304,
CEP 22261-000 (Rio de Janeiro – RJ)

Associe-se ao *Fã-Clube Leo Now and Forever – Leonardo DiCaprio*.
R. Dr. Ferreira Lopes, 663,
CEP 04671-011 (São Paulo – SP)

Escreva para a SET, Avenida das Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 30374814 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

ÚLTIMAS edições

Nº 130
ABRIL 98
O fenômeno Leonardo DiCaprio; o sucesso de *Central do Brasil*; Martin Scorsese e *Kundun*; o terror de *Alien e Esfera*; Audrey Hepburn, a princesa de Hollywood; em vídeo, *Teoria da Conspiração*.

Nº 129
MARÇO 98
O Brasil disputa o Oscar com *O Que É Isso, Companheiro?*; Jack Nicholson diz o que pensa; a estréia de *Ou Tudo ou Nada*, *Amistad*, *Wag the Dog* e *Boogie Nights*; um passeio por NY; em vídeo, *Contato*.

Nº 128
FEVEREIRO 98
Quentin Tarantino e as 62 pessoas que fazem Hollywood ser mais legal; a estréia de *Jackie Brown* e de *Tropas Estelares*; a estrela-revelação Matt Damon em *Gênio Indomável*; em vídeo, *A Outra Face*.

Nº 127
JANEIRO 98
James Cameron e a incrível saga de *Titanic*; Pierce Brosnan em 007 – *O Amanhã Nunca Morre*; Stallone vira ator em *Cop Land*; o estranho mundo de Alfred Hitchcock; em vídeo, *Homens de Preto*.

Nº 126
DEZEMBRO 97
Os leitores elegem os melhores e os piores do cinema; Brad Pitt estrela *Sete Anos no Tibet*; Richard Gere caça Bruce Willis em *O Chacal*; a arte de Al Pacino e de Alfred Hitchcock; em vídeo, *O Mundo Perdido*.

Nº 125
NOVEMBRO 97
Marilyn Monroe é um mito imortal; 100 fatos sobre Hollywood; Demi Moore em *Até o Limite da Honra*; George Clooney é *O Pacificador*; Michael Douglas em *O Jogo*; Johnny Depp; em vídeo, *Con Air*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/8 68-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição:
Texto: Alfredo Sternheim, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê
Revisão: Vera Rodrigues

STAFF EDITORIAL

Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci

Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Christina Mucci
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Luciane Nogueira

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretora: Ana Serra
Supervisora: Malú Marot
Contatos Comerciais: Andréa Madrid, Marlene Araújo, Julia Farina, Marcia Braga
Supervisão: Igor Ismael Assan
Coordenação: Carla M. Zucas, Claudio J. da Silva
Gerente MKT Publicitário: Cintia Mourão

SET edição 131, maio de 1998, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1592. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Serviço ao assinante:** (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011)868-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, ao preço da última edição em banca mais despesas postais.
dinap.na@email.abril.com.br.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 7.221, CEP 05425-902, Tel.: (011) 3037-2000, Caixa Postal 66254, Fax: (011) 30374814.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313, Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583.

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de junho

os 10 astros que mandam em Hollywood

No próximo mês, você vai saber por que ninguém é páreo para eles:

- ★ Tom Cruise
- ★ Tom Hanks
- ★ Mel Gibson

- ★ Harrison Ford

- ★ John Travolta
- ★ Jim Carrey
- ★ Will Smith
- ★ Leonardo DiCaprio

- ★ Robin Willians
- ★ Nicolas Cage

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL

Terra
VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA

Saúde! É VITAL
PREVENÇÃO E SAÚDE

Viagem e Turismo
ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO

contigo!
SEMANAL DE TV E NOVELAS

SHOWBIZZ
ROCK, POP E COMPORTAMENTO

SET
CINEMA E VÍDEO

Ação GAMES
VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS

AnaMaria
A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER

carícia
COMPORTAMENTO ADOLESCENTE

BOA FORMA
BELEZA, FITNESS E SAÚDE

HORÓSCOPO
A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS

FLUIR
SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

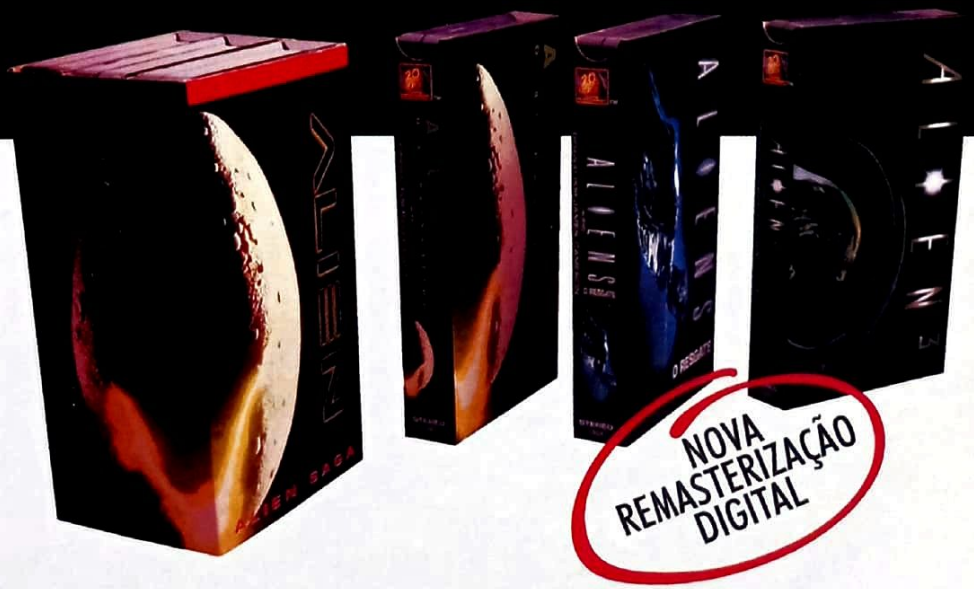
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba , Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-21347/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Te.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

Um tributo ao glamour

A estrela principal de *Grande Hotel*, de 1932, era Greta Garbo, mas quem roubou o show foi, sem dúvida, Joan Crawford. O filme é considerado um dos primeiros a se apoiar em um elenco *all-star* (que incluía ainda John Barrymore, Wallace Beery e Lionel Barrymore), mas é Joan que se apresenta, nos dias de hoje, como o grande motivo para assistir à obra. No papel de uma estenógrafa ambiciosa, de nome Flämmchen, ela desfila por *Grande Hotel* com seu rosto expressivo, quase esculpido, uma verdadeira estátua art dêco – raras vezes seus olhos foram tão bem fotografados. Louca pela fama, ela usou cabelos curtos e vestidos justos que hoje a colocariam como uma mulher em sintonia com a moda. Sua personagem traduz à perfeição o glamour que Hollywood sempre ostentou como uma de suas facetas mais características.

ALIEN

Compre.
Se você tiver sangue frio.



"Alien - O 8º Passageiro", "Aliens - O Resgate", Alien 3", e o making off de "Alien - A Ressurreição" A mais aterrorizante saga de ficção científica da história do cinema. Agora você pode comprar a coleção completa.

Cuidado: ele vai estar à sua espera quando você entrar em magazines, hipermercados, locadoras ou lojas de cine-foto-som.

Abril Vídeo

Vende-se Kadett GLS

Ar-condicionado - motor Powertech 2.0 M.P.F.I. - direção hidráulica - rodas de alumínio - pára-choques na cor do veículo - aerofólio traseiro na cor do veículo - faróis de neblina - travas e vidros elétricos e alarme opcionais. A partir de **R$ 17.900,00**.

Tratar em uma das Concessionárias Chevrolet.

Preço nacional para Kadett GLS a partir de R$ 17.900,00. Pintura sólida. Não inclusos frete e opcionais. Consulte sua concessionária sobre equipamentos originais e opcionais disponíveis para cada modelo do Kadett.
Este veículo está em conformidade com o PROCONVE. Preserve a vida. Use o cinto de segurança.

www.chevrolet.com.br

Kadett - Voe mais alto

REDE CHEVROLET
ANDANDO NA FRENTE

McCANN